

TACIANA SOUZA BEZERRA

QUADROS EM REVISTA E O LUGAR DE UMA PRODUÇÃO  
(1985-1992)

Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo | PPGAU

Universidade Federal da Paraíba | UFPB

TACIANA SOUZA BEZERRA

# QUADROS EM REVISTA E O LUGAR DE UMA PRODUÇÃO (1985-1992)

JOÃO PESSOA

Janeiro | 2024

TACIANA SOUZA BEZERRA

# QUADROS EM REVISTA E O LUGAR DE UMA PRODUÇÃO (1985-1992)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba como requisito final para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Marcio Cotrim Cunha

COORIENTADORA: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Wynna Carlos Lima Vidal

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Arquitetura e cidade:  
processo e produto

LINHA DE PESQUISA: Projeto do Edifício e da Cidade

JOÃO PESSOA

Janeiro | 2024

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

B574q Bezerra, Taciana Souza.

Quadros em revista e o lugar de uma produção  
(1985-1992) / Taciana Souza Bezerra. - João Pessoa,  
2024.

95 f. : il.

Orientação: Marcio Cotrim Cunha.

Coorientação: Wylnna Carlos Lima Vidal.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CT.

1. Arquitetura no Nordeste - Brasil. 2. Revista  
Projeto. 3. Revista AU. I. Cunha, Marcio Cotrim. II.  
Vidal, Wylnna Carlos Lima. III. Título.

UFPB/BC

CDU 72(812/813)(043)



Ata de defesa final de dissertação, requisito para obtenção do diploma do curso de mestrado do PPGAU-UFPB.

Aos dois dias do mês de fevereiro de 2024, às 14:30 horas, através da plataforma Google Meet, houve a defesa do trabalho final de cujo título é “QUADROS EM REVISTA E O LUGAR DE UMA PRODUÇÃO (1985-1992)”, vinculado à linha de pesquisa Projeto do Edifício e da Cidade, pela discente Taciana Souza Bezerra, matrícula 20181025311. A Banca Examinadora foi composta pelos professores doutores: Marcio Cotrim Cunha (Orientador – PPGAU/UFPB) presidente da banca; Wynna Carlos Lima Vidal (Avaliadora Interna/Coorientadora – PPGAU/UFPB), Maria Berthilde de Barros Lima e Moura Filha (Avaliadora Interna – PPGAU/UFPB) e Ruth Verde Zein (Avaliadora Externa – Mackenzie). Iniciado os trabalhos, o discente fez uma exposição oral, em seguida houve arguição pelos examinadores. Ao final da defesa, a banca se reuniu reservadamente e considerou o trabalho:

APROVADO    (    ) INSUFICIENTE    (    ) REPROVADO

**Observação:** O trabalho apresentado – resultado da pesquisa, QUADROS EM REVISTA E O LUGAR DE UMA PRODUÇÃO (1985-1992) – tem qualidades indubitáveis: trata de tema pouco investigado, sendo portanto, fundamental para a revisão da historiografia da arquitetura brasileira das últimas décadas do século XX; é rigoroso do ponto de vista metodológico; e os resultados alcançados consistentes.

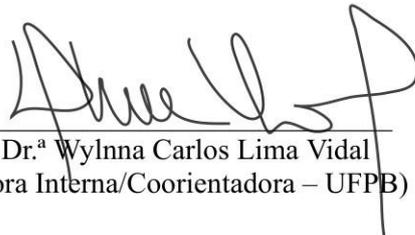
**Recomendado para concorrer premiação:** ( X ) Sim    (    ) Não

**Recomendado para publicação:** ( X ) Sim    (    ) Não

Nada mais havendo, os trabalhos foram encerrados e em seguida foi lavrada a presente ata que vai assinada por mim, Marcio Cotrim Cunha, pelos membros da Comissão Examinadora e discente.

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** MARCIO COTRIM CUNHA  
Data: 08/02/2024 16:04:15-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Marcio Cotrim Cunha  
(Orientador/Presidente – UFPB)

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Wynna Carlos Lima Vidal  
(Avaliadora Interna/Coorientadora – UFPB)

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** MARIA BERTILDE DE BARROS LIMA E MOURA F  
Data: 06/02/2024 15:01:45-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Berthilde de Barros Lima e Moura  
Filha (Avaliadora Interna – PPGAU/UFPB)

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ruth Verde Zein  
(Avaliadora Externa – Mackenzie)

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** TACIANA SOUZA BEZERRA  
Data: 06/02/2024 15:28:42-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Taciana Souza Bezerra  
(Discente)

## **AGRADECIMENTOS**

Após algumas dificuldades, e o suporte de muitos, esta dissertação pôde ser concluída e tenho a oportunidade de prestar meus agradecimentos.

Agradeço a Deus, a meus pais, Adriana e Tarcísio, a meus irmãos, Ju e Tarcisinho, e a meu parceiro, Bruno; sem vocês esse percurso sequer existiria.

Agradeço aos amigos que o mestrado trouxe à minha vida e que tanto me ajudaram na trajetória de pesquisadora e recém-chegada em uma nova vida e cidade. Cinthya, Elis, Flávia, Maria e Tina, obrigada!

Agradeço a meus orientadores, Marcio, WylInna e, principalmente, Nelci; cresci muito ao lado de vocês. Também aproveito para agradecer aos mestres com quem tive a oportunidade de tanto aprender, da graduação à pós. Menção especial ao LPPM.

Agradeço a minha família e amigos de outras jornadas, pessoas que sempre se fizeram presentes. Obrigada por me ouvirem e apoiarem.

Por fim, agradeço a Capes, instituição fomentadora desta investigação, e à UFS e UFPB, onde construí os pilares de minha formação.

## RESUMO

Esta dissertação identifica quadros representativos do cenário arquitetônico publicados pelas revistas especializadas *Projeto* e *AU* no período de 1985 a 1992 e, a partir deles, discute o lugar que a arquitetura produzida na região Nordeste ocupa nos âmbitos da crítica e dos projetos dessas edições.

A retomada dos periódicos especializados na década de 1970 constituiu o reestabelecimento dos canais de comunicação entre os arquitetos e ocorreu paralelamente à reestruturação dos debates no Brasil. O surgimento da revista *Projeto* (1972) e, quando esta já se consolidava, em meados da década de 1980, o lançamento da revista *AU* (1985), foram marcos desse processo. Essas duas revistas trouxeram à cena da arquitetura nacional notícias, crítica e projetos dos mais variados temas e, durante muitos anos, protagonizaram a divulgação de tais conteúdos. Nesta mesma fase, a consolidação e multiplicação de centros de graduação e pós-graduação reforçaram esse ambiente intelectual favorável de produção de textos sobre a arquitetura do século XX no Brasil. A partir dos temas e acontecimentos destacados nas edições, bem como das perspectivas editoriais das revistas *Projeto* e *AU*, de maior periodicidade e longevidade nesses anos, primeiro foram traçados quadros que tratassem das conjunturas e dos interesses relacionados à arquitetura nesse período para, em seguida, traçar as relações entre a arquitetura produzida no Nordeste que está publicada e as discussões travadas nesse cenário. Desta forma, foi possível refletir sobre a o lugar desta produção frente ao quadro nacional, bem como sobre a sua representação nesses dois veículos.

**Palavras-chaves:** Revista *Projeto*, Revista *AU*, Arquitetura no Nordeste.

## **ABSTRACT**

This dissertation identifies representative frames of the architectural scene published by the specialized magazines *Projeto* and *AU* in the period from 1985 to 1992 and, based on them, discusses the place that architecture produced in the Northeast region occupies in the scope of criticism and projects in these editions.

The resumption of specialized periodicals in the 1970s constituted the reestablishment of communication channels between architects and occurred in parallel with the restructuring of debates in Brazil. The emergence of *Projeto* magazine (1972) and, when it was already consolidated, in the mid-1980s, the launch of *AU* magazine (1985), were milestones in this process. These two magazines brought news, criticism and projects on the most varied topics to the national architecture scene and, for many years, they were responsible for disseminating such content. In this same phase, the consolidation and multiplication of undergraduate and postgraduate centers reinforced this favorable intellectual environment for the production of texts on 20th century architecture in Brazil. Based on the themes and meta-events highlighted in the editions, as well as the editorial perspectives of the magazines *Projeto* and *AU*, with greater frequency and longevity in those years, tables were first drawn up that dealt with the conjunctures and interests related to architecture in that period so that, in then, trace the relationships between the architecture produced in the Northeast that is published and the discussions held in this scenario. In this way, it was possible to reflect on the place of this production within the national framework, as well as on its representation in these two vehicles.

**Keywords:** *Projeto* Magazine, *AU* Magazine, Architecture in the Northeast.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

DIAGRAMA 1: REVISTAS ESPECIALIZADAS DE ARQUITETURA EM CIRCULAÇÃO NO BRASIL DE 1950 A 2000. ....	11
DIAGRAMA 2: EVOLUÇÃO DOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU DA ÁREA ARQUITETURA, URBANISMO E DESIGN, NO BRASIL, ATÉ 2000. ....	12
DIAGRAMA 3: MODELO DE DIAGRAMA UNIDADES TEMÁTICAS. ....	32
DIAGRAMA 4: MODELO DE DIAGRAMA SISTEMAS DE META-ACONTECIMENTOS. ....	33
DIAGRAMA 5: DIAGRAMA UNIDADES TEMÁTICAS CORRESPONDENTE AOS ANOS DE 1985 A 1992 NAS REVISTAS PROJETO E AU. ....	36
DIAGRAMA 6: DIAGRAMA SISTEMAS DE META-ACONTECIMENTOS CORRESPONDENTE AOS ANOS DE 1985 A 1992 NAS REVISTAS PROJETO E AU. ....	56
FIGURA 1: TRÊS VOLUMES PUBLICADOS EM 1978 COM TRANSCRIÇÃO DOS DEPOIMENTOS DO CICLO DE DEBATES ARQUITETURA BRASILEIRA APÓS BRASÍLIA: DEPOIMENTOS. ....	19
FIGURA 2: MATÉRIA SOBRE A MOSTRA ARQUITETURA BRASILEIRA ATUAL NO JORNAL ARGENTINO <i>CLARÍN ARQUITECTURA</i> , COM DESTAQUE PARA A POUSADA DE SILVES. ....	21
FIGURA 3: MATÉRIA DE DIVULGAÇÃO DA MOSTRA ARQUITETURA BRASILEIRA ATUAL NO JORNAL NACIONAL <i>JORNAL DA TARDE</i> , COM DESTAQUE PARA A POUSADA DE SILVES. ....	22
FIGURA 4: CAPAS DAS EDIÇÕES 03 (NOV. 1985), 05 (ABR. 1986) E 10 (FEV./MAR. 1987), RESPECTIVAMENTE, DA REVISTA <i>AU</i> . ....	30
FIGURA 5: (ACIMA) GRUPO ESCOLAR CACHOEIRA DO VALE (MG/1983) E (ABAIXO) PALÁCIO EPISCOPAL (MG/1983), POR ÉOLO MAIA, JOSEFINA DE VASCONCELLOS E SYLVIO DE PODESTÁ. ....	41
FIGURA 6: CAPA DA REVISTA PROJETO N.81 (OUT. 1985) QUE DESTACA O CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DO XII CONGRESSO BRASILEIRO DE ARQUITETOS VILANOVA ARTIGAS. ....	42
FIGURA 7: CAPA DO LIVRO <i>ARQUITETURAS NO BRASIL/ ANOS 80</i> (1988) (ESQUERDA) E DIVISÕES DOS CADERNOS REGIONAIS (DIREITA). ....	44
FIGURA 8: (DA ESQUERDA PARA A DIREITA) CAPA EM HOMENAGEM AO ANIVERSÁRIO DE BRASÍLIA (PROJETO, N. 74, ABR. 1985); DETALHE DE CARTA DO EDITOR SOBRE CRIAÇÃO DO MINISTÉRIO DA HABITAÇÃO (PROJETO, N. 75, MAI. 1985); CAPA COM CHARGE DE PAULO CARUSO EM CRÍTICA AO PROBLEMA HABITACIONAL (PROJETO, N. 79, SET. 1985). ....	46
FIGURA 9: DETALHE DE CARTA DO EDITOR "A HORA DE REPENSAR AS QUESTÕES DA PROFISSÃO" (PROJETO, N. 109, ABR. 1988). ....	49
FIGURA 10: CAPA DE EDIÇÃO MONOGRÁFICA DEDICADA A ARQUITETOS BRASILEIROS NA REVISTA FRANCESA <i>L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI</i> (N. 257, JUN. 1987). ....	52
FIGURA 11: (DA ESQUERDA PARA A DIREITA) CAPA EM HOMENAGEM A SEVERIANO PORTO, PREMIADO NA BA-85 (PROJETO, N. 77, JUL. 1985), CAPA COM DESENHO PREMIADO NO	

CONCURSO DESENHOS DE ARQUITETOS DA BA-85 (PROJETO, N. 83, JAN. 1986) E CAPA DA REVISTA <i>SUMMA</i> COM TEMA PRÓXIMO AO DA <i>PROJETO</i> N. 83 ( <i>SUMMA</i> , N. 230, OUT. 1986). ....	53
FIGURA 12: MODELO DE TABELA DE CATALOGAÇÃO DE DADOS DE MATÉRIAS DE PROJETOS NO NORDESTE. ....	58
FIGURA 13: ACIMA: LADEIRA DA MISERICÓRDIA/BA E RESTAURANTE COATY/BA, RESTAURO DE LINA BO BARDI. ABAIXO (DA ESQUERDA PARA A DIREITA): AGÊNCIA DO BANCO BANDEIRANTES/MA, RESTAURO DE BENEDITO LIMA DE TOLEDO, LUIZ NAVARRETE E RENÉ CARLOS GUGLIEMMETTI; AGÊNCIA UNIBANCO/MA, RESTAURO DE JOSÉ MARCELO DO ESPÍRITO SANTO; E TEATRO PARQUE/PE, RESTAURO DE ANTÔNIO JOSÉ DO AMARAL E SILVA. ....	63
FIGURA 14: PROJETOS EM ESTRUTURA METÁLICA. À ESQUERDA: INDÚSTRIA BOMBRIL NORDESTE/PE, DE ACÁCIO GIL BORSÓI, JANETE COSTA E ROSA AROUCHA; À DIREITA: CASA DO COMÉRCIO/BA, DE OTON GOMES E FERNANDO FRANK; ABAIXO: PREFEITURA DE SALVADOR/BA, DE JOÃO FILGUEIRAS LIMA (LELÉ). ....	64
FIGURA 15: PROJETO DE REVENDEDORA DE MOTOCICLETAS EM RECIFE/PE, DE JERÔNIMO DA CUNHA E FERNANDO PONTUAL, EM CERÂMICA ARMADA.....	65
FIGURA 16: PROJETO DO CLUBE DO TRABALHADOR E ESCOLA DE MÚSICA DO SESI/CE, DE SEVERIANO PORTO, MARIO EMÍLIO RIBEIRO E DO ENGENHEIRO ELADIO DIESTE, EM CERÂMICA ARMADA.....	65
FIGURA 17: CASA-ESTÚDIO DO FOTÓGRAFO JOSÉ ALBANO, NO CEARÁ. ....	67
FIGURA 18: PROJETOS VERTICAIS EM FORTALEZA; DA ESQUERDA PARA A DIREITA: CONDOMÍNIO VENEZA 4 E CENTRO EMPRESARIAL C. ROLIM, DE JOSÉ N. HISSA E FRANCISCO HISSA; CONDOMÍNIO PRESIDENTE KENNEDY E TOP CENTER, DE LUIZ E IONE FIUZA.....	68
FIGURA 19: PROJETO DO YBACANGA HOTEL/MA, DE PAULO CASÉ. ....	68
GRÁFICO 1: CRIAÇÃO DE NOVOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO NO BRASIL (1960-2000) .....	13
GRÁFICO 2: DISTRIBUIÇÃO DOS NOVOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL POR REGIÃO (1960-2000).....	14
GRÁFICO 3: DISTRIBUIÇÃO DOS PROJETOS NACIONAIS COMPONENTES DA MOSTRA “ARQUITETURA BRASILEIRA ATUAL” (1983) POR ESTADO E REGIÃO. ....	23
GRÁFICO 4: DISTRIBUIÇÃO DOS ARQUITETOS PARTICIPANTES DA MOSTRA “ARQUITETURA BRASILEIRA ATUAL” (1983) POR DÉCADA DE FORMAÇÃO E RESPECTIVOS ESTADOS. ....	24
GRÁFICO 5: DISTRIBUIÇÃO DOS ARQUITETOS PARTICIPANTES DA MOSTRA “ARQUITETURA BRASILEIRA ATUAL” (1983) POR ESTADO E REGIÃO DE FORMAÇÃO.....	25
GRÁFICO 6: TOTAL DE PÁGINAS DESTINADAS A PROJETOS NO NORDESTE NAS REVISTAS PROJETO E AU (1985-1992) .....	60
GRÁFICO 7: TOTAL DE PROJETOS PUBLICADOS NAS REVISTA <i>PROJETO</i> E <i>AU</i> DE 1985 A 1992....	60

QUADRO 1: QUADRO SÍNTESE DA PRIMEIRA ETAPA DE ANÁLISES .....	34
QUADRO 2: TOTAL DE EDIÇÕES E PROJETOS PUBLICADOS NA REVISTA <i>PROJETO</i> (1985-1992) POR ANO.....	59
QUADRO 3: TOTAL DE EDIÇÕES E PROJETOS PUBLICADOS NA REVISTA <i>AU</i> (1985-1992) POR ANO. ....	59

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>
A PESQUISA	1
ARQUITETURA NO NORDESTE	5
FIM DO SÉCULO XX	7
<b>I. DO CAMPO</b>	<b>10</b>
A CONSTRUÇÃO DE UMA BASE DE PESQUISA	10
INTERDISCIPLINARIDADE E PLURALISMO	17
<b>II. DO QUADRO</b>	<b>27</b>
TEMAS DE LONGA DURAÇÃO E META-ACONTECIMENTOS	28
QUADRO NACIONAL	37
<b>III. DO LUGAR</b>	<b>57</b>
PROCESSOS E NÚMEROS	57
O LUGAR DA PRODUÇÃO	61
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>70</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>73</b>
<b>APÊNDICES</b>	<b>78</b>

# INTRODUÇÃO

Esta dissertação identifica quadros representativos do cenário arquitetônico publicados pelas revistas especializadas *Projeto* e *AU* no período de 1985 a 1992 e, a partir deles, discute o lugar que a arquitetura produzida na região Nordeste ocupa nos âmbitos da crítica e dos projetos nessas edições.

## A PESQUISA

---

*Justificativa e estrutura capitular*

Após a década de 1960, reconhecida como uma fase de teorização, teve início o florescimento de uma notável crítica de arquitetura. A arquitetura proclamava sua autonomia e a valorização dos processos e dos problemas sociais, em detrimento do desenho, dava lugar à ênfase nos instrumentos e na obra arquitetônica. Em paralelo, o auge das revistas de arquitetura acompanhava o crescimento da comunicação de massas e ampliava a possibilidade de transmissão de ideias entre os arquitetos e, também, a oportunidade de escrever e refletir sobre arquitetura (WAISMAN, 1985 [1983]. *In*: *Projeto*, n. 71, p. 96-98, jan. 1985).

Para aqueles de nós que trabalham com temas relacionados à história e crítica da arquitetura, existe uma visão particular em torno das revistas da profissão. Essa linha de nossa disciplina constitui o instrumento mais importante de que dispomos para entender o seu desenvolvimento no século XX latino-americano, visto que são escassas as fontes com capacidade de informar e referenciar a arquitetura do modo como fazem as páginas das publicações periódicas<sup>1</sup> (GUTIÉRREZ; MÉNDEZ, 2009, p. 6).

A partir de 1990, no Brasil, com o aumento do número de cursos de pós-graduação nas áreas de teoria e/ou história da arquitetura, cresceu também a utilização de periódicos especializados nas pesquisas sobre arquitetura. Dois grupos de pesquisa, inclusive, destacaram-se no final da década de 2000 pelo trabalho com revistas: um vinculado à Universidade Federal da Paraíba, o Laboratório de Projeto, Pesquisa e Memória (LPPM), e outro vinculado à Universidade Federal de Uberlândia, o Arquitetura Moderna no Brasil – Recepção e Difusão nas Revistas de Arquitetura. O primeiro, de João Pessoa, então coordenado pela professora Nelci Tinem, e o segundo coordenado por Beatriz Cappello (CAPPELLO; CAMPELLO, 2016).

Dado esse cenário, o ponto de partida desta pesquisa encontra-se na organização de um acervo de revistas especializadas de arquitetura e urbanismo na Universidade Federal de Sergipe (UFS). Sob responsabilidade do Laboratório Projeto Ensino e Memória (LAPEM), então coordenado pelas professoras Betânia Brendle e Carolina Chaves, o acervo oportunizou a criação da linha de pesquisa “Arquitetura Contemporânea no Brasil: uma revisão através de periódicos especializados de Arquitetura e Urbanismo”, em 2016, e, desta forma, o começo do processo de catalogação de dados das revistas *Projeto* e *AU* que motivou esta dissertação.

Neste mesmo ano, 2016, as pesquisadoras Maria Beatriz Cappello e Maria de Fátima Campello apresentaram um mapeamento inicial do estado da arte da pesquisa sobre arquitetura moderna no Brasil em revistas especializadas<sup>2</sup>. A partir da reflexão sobre quatro mesas temáticas organizadas nas quatro edições do seminário ENANPARQ, as autoras retrataram o desenvolvimento do estudo em revistas no país e, principalmente, a evolução dos procedimentos adotados pelos pesquisadores nesses anos. Na primeira mesa (RJ/2010), as leituras dos pesquisadores centraram o protagonismo da elaboração das narrativas no texto dos periódicos (discurso verbal). As imagens, quando incluídas nas análises, ocupavam

<sup>1</sup> Livre tradução. No original: “Para quienes trabajamos en temas relacionados con la historia y crítica de la arquitectura, existe una visión particular en torno de las revistas de la profesión. Este renglón de nuestra disciplina constituye el instrumento más importante del que disponemos para entender su desarrollo en el siglo XX latinoamericano, ya que son escasas las fuentes con capacidad para informar y referenciar la arquitectura del modo en que lo ofrecen las páginas de las publicaciones periódicas”.

<sup>2</sup> CAPPELLO, Maria Beatriz; CAMPELLO, Maria de Fátima. Palavras e imagens impressas: as publicações periódicas especializadas e sua contribuição para a pesquisa em arquitetura e urbanismo. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO (ENANPARQ), 4., 2016, Porto Alegre. *Anais* [...]. Porto Alegre: PROPARG, 2016.

um papel secundário de ilustração dos relatos. Nas duas mesas seguintes (RN/2012 e SP/2014), as atenções deslocaram-se para a iconografia e seu potencial narrativo. Dois enfoques se complementaram nesse contexto: por um lado, as informações diretamente expressas nas imagens e, por outro, a leitura da fotografia como produto de um ponto de vista (filtro) sobre a realidade (CAPELLO; CAMPELLO, 2016). Na quarta mesa (RS/2016), a inclusão de perspectivas latino-americanas e de temáticas de estudo mais específicas entre os trabalhos evidenciaram dois novos aspectos: a potencialização da construção historiográfica vinculada à prática e à pesquisa por meio de revistas e a introdução do projeto propriamente dito nas análises (TINEM, COTRIM, VIDAL, 2018).

[...] em um primeiro momento foram privilegiadas as reflexões sobre as revistas como fonte e os procedimentos de leitura dos periódicos – textos, imagens e projetos – que recuperaram referências, principalmente semióticas e historiográficas, que transformaram a pesquisa nas décadas anteriores [...] Em um segundo momento, as reflexões tendem a trasladar-se para outro tipo de análise, agora os periódicos não são considerados somente fontes, o seu estudo começa a ser pensado também como método, recorrendo à teoria, contribuindo para o desenvolvimento de estudos, não somente de periódicos, mas de documentos de todo tipo. Passam a ser parte das ferramentas de análise de textos, imagens e projetos, utilizando referências de campos disciplinares conexos – historiográficas, literárias, antropológicas e semióticas –, que sinalizam mudanças de paradigma, apontando diferentes horizontes, o pretendido pelo autor da obra e os interpretados pelos receptores, nos diferentes contextos culturais (TINEM, COTRIM, VIDAL, 2018).

Essa combinação de referências teóricas de diferentes campos disciplinares motivaram uma série de questões na pesquisa historiográfica, seja em periódicos, seja em outros documentos: Como construir uma leitura? Como interpretar um texto? Como refletir sobre os limites dessa construção? Como ir da prática à teoria e vice-versa? (TINEM, COTRIM, VIDAL, 2018). Em outras palavras, como compreender as relações que aproximam historiografia<sup>3</sup>, projeto e teoria nas várias “práticas históricas”<sup>4</sup> em torno da arquitetura.

O livro *El Interior de la Historia: Historiografía Arquitectónica Para Uso de Latinoamericanos* (1990) trilha um caminho nesse sentido. Nesta obra, a pesquisadora e crítica Marina Waisman sinaliza para a necessidade de olhar para um cenário de arquitetura a partir da conjuntura que o produz, neste caso a latino-americana, e, a fim de transpor problemas de ordem historiográfica, propõem conceitos instrumentais capazes de orientar a

<sup>3</sup> O termo historiografia, em circulação no Brasil desde o final dos anos de 1980, é utilizado no país em dois sentidos: ou corresponde ao “conjunto da produção dedicada aos estudos históricos”, ou representa apenas os “trabalhos que tratam, especificadamente, da crítica das suas posições teóricas, dos objetos de estudo eles próprios, das ferramentas mobilizadas pelos autores, dos recortes temporais adotados ou das formas de construção textual” (PEREIRA, 2014, p. 201-202). O primeiro sentido, mais amplo, é o adotado neste trabalho.

<sup>4</sup> Michel De Certeau, em seu livro *A escrita da história* (1975), faz um estudo da escrita como prática histórica. Nesse sentido, documentos de diferentes naturezas, inclusive revistas, podem ser enquadrados no termo.

reflexão e a investigação da arquitetura sem recorrer a procedimentos advindos de uma realidade distinta, fruto de outros condicionantes sociopolíticos e econômicos.

Problemas historiográficos, por outro lado, são os que se referem à interpretação ou caracterização do fato histórico – sua inclusão em determinada unidade histórica, sua relação causal com outros fatos ou circunstâncias, as razões de sua seleção como objeto de estudo, sua conexão com sistemas gerais nos quais pode ser envolvido etc. – que, por fim, levarão ao juízo histórico, ao significado que lhe é atribuído pelo historiador. [...] Os problemas historiográficos, pelo contrário, estão comprometidos diretamente com a ideologia do historiador, pois realizam recorte de seu objeto de estudo e de seus instrumentos críticos, para definição da estrutura do texto historiográfico; tudo aquilo, enfim, que o levará a interpretação do significado dos fatos e, por fim, à formulação de sua própria versão do tema escolhido (WAISMAN, 2013 [1990], p. 4-5).

Neste trabalho há uma preocupação análoga acerca do processo de interpretação e caracterização dos dados coletados nas revistas: o entendimento de que análises quantitativas isoladas das conjunturas em que se situam deturpam ou pelo menos restringem os juízos que lhes são atribuídos. As revistas – entendidas como “documentos pré-canônicos” (TINEM, 2006), “termômetros de uma época” (CAPPELLO; CAMPELLO, 2016), “nós de sociabilidade” (DEDECCA, 2012), entre outras denominações – são, então, conduzidas a uma nova perspectiva de estudo, sobretudo no plano metodológico, no qual conceitos e abordagens da historiografia da arquitetura e do jornalismo orientam a construção do objeto desta pesquisa – as conjunturas representativas do período trabalhado e elaboradas pela *Projeto* e pela *AU* e o lugar de uma produção em específico, a arquitetura no Nordeste.

O presente texto é estruturado em três etapas/capítulos: DO CAMPO, DO QUADRO e DO LUGAR.

No capítulo um, DO CAMPO, explora-se, à luz da Teoria Geral dos Campos de Bourdieu (1989), o espaço simbólico em que as revistas estabelecem relações entre si e com os demais agentes associados à prática e à reflexão de arquitetura – como as circunstâncias histórico-cultural-tecnológicas. Nesse espaço ocorrem as disputas pelo capital simbólico, aqui entendido como o dispositivo de autoridade que confere às publicações o devido respaldo como instituições de divulgação de crítica e de projetos e, por isso, formadoras de opinião e influenciadoras no campo arquitetônico. “[...] o limite de um campo é o limite dos seus efeitos ou, em outro sentido, um agente ou uma instituição faz parte de um campo na medida em que nele sofre efeitos ou que nele os produz” (BOURDIEU, 1989, p. 31). As revistas detêm duplo papel nessa conjuntura: tanto respondem aos acontecimentos produzidos pelo meio em que estão inseridas (meio arquitetônico), quanto produzem efeito nesse mesmo meio a partir de suas publicações. Por essa razão, coube, nesta etapa, apresentar representações dessas duas ordens. Primeiro, a participação das revistas na construção de uma base de pesquisa

sobre a arquitetura moderna no Brasil, especialmente a partir de 1980 (revista como produtora de efeito). Em seguida, a caracterização do meio arquitetônico na segunda metade do século XX (meio como produtor de efeito).

No capítulo dois, DO QUADRO, são apresentados o método e os resultados da primeira etapa de análise das revistas. Ciente da escrita como processo histórico, logo, fruto da articulação entre lugar socioeconômico de produção, regras científicas de um domínio e a própria produção do texto (DE CERTEAU, 1982 [1975], p. 09), este capítulo esboça conjunturas identificadas nas revistas *Projeto* e *AU* nos anos de estudo, sem desconsiderar os perfis editoriais das duas publicações e as condições sócio-políticas e econômicas do período. Para isso, relaciona temas e meta-acontecimentos segundo elementos de destaque na estruturação dos periódicos: capa, editorial e sumário.

No capítulo três, DO LUGAR, números e matérias representativas da arquitetura produzida no Nordeste publicada são confrontadas com o quadro nacional constituído no capítulo anterior e, a partir dessa relação é discutido o lugar dessa produção na crítica e na divulgação de projetos no país, assim como as aproximações e distanciamentos de abordagem entre as duas revistas a partir de suas perspectivas editoriais.

## ARQUITETURA NO NORDESTE

---

*O recorte geográfico*

Assim como faz Jorge Francisco Liernur no prefácio do livro *Modern Architecture in Latin America: art, technology, and utopia* (CARRANZA; LARA, 2015), é necessário frisar o emprego do termo “arquitetura no” em detrimento do termo “arquitetura do” e suas implicações. Para Liernur, enquanto o primeiro restringe-se a um suporte de ordem geográfica, o segundo adquire a qualidade de atributo e, nesse sentido, “não é apenas [sobre] um edifício nessa região do mundo, mas [sobre] um edifício que *expressa* essa região”<sup>5</sup> (LIERNUR, 2015, grifo do autor). O autor sublinha uma linha de pensamento diferente daquelas estruturadas em aspectos identitários, como as expressas por Henry-Russell

<sup>5</sup> Livre tradução. No original: “[...] is not just a building in that region of the world but rather a building that *expresses* this region” (LIERNUR, 2015, grifo do autor).

Hitchcock (Latin American Architecture since 1945), Francisco Bullrich (New Directions in Latin America Architecture) ou nos Seminários de Arquitetura Latino-americana (SAL).

Na segunda metade do século XX, a discussão em torno da identidade, recorrente desde os “dilemas fundadores do moderno no Brasil”<sup>6</sup>, adquiriu novos contornos na América Latina. O processo de descentralização cultural motivou a tomada de consciência histórica e cultural e, portanto, a busca das diversas culturas e subculturas por suas respectivas identidades. O pluralismo cultural ganhou maior evidência e o debate regionalista se fortaleceu. Em outras palavras, as expressões tidas como periféricas encontravam seu lugar no centro das discussões, sobretudo em suas próprias sociedades (WAISMAN, 1985 [1983]. *In: Projeto*, n. 71, p. 96-98, jan. 1985) (WAISMAN, 1990. *In: Projeto*, n. 129, p. 73-77, jan. 1990).

Na América Latina, a reivindicação por espaço nos debates veio acompanhada do anseio por uma perspectiva local. Os conceitos e instrumentos utilizados pela crítica deveriam ser compatíveis com a realidade histórico-arquitetônica e urbana da região e, por isso, diferentes daqueles forjados nos países centrais (WAISMAN, 2013 [1990]). Desta forma, conceituações advindas do “primeiro mundo”, como o “regionalismo crítico” de Frampton, deram lugar a respostas da própria região, como a “modernidade apropriada” de Cox, a “arquitetura divergente” de Waisman ou o “espírito do tempo e espírito do lugar” de Browne.

No território brasileiro, tal discussão prosperou nos exercícios de reflexão sobre a produção de arquitetura no país e no mapeamento de suas tendências, atividades realizadas sobretudo pela revista *Projeto*. Mas, de modo geral, o tema regionalismo foi tratado em vários artigos nas duas revistas ao longo de todo o recorte desta pesquisa. E, inclusive, adquiria maior recorrência após edições do SAL ou da Bienal de Arquitetura de Buenos Aires, que sempre contavam com a participação brasileira e, em muitos casos, dedicavam-se ao tema. Arquiteturas realizadas na região Norte, a priori a obra de Severiano Porto, tão logo foram vinculadas à linguagem regionalista, e, com o passar dos anos, o repertório de obras que ilustram essa expressão foi complementado com exemplos das várias regiões do país, inclusive o Nordeste.

Essa percepção de que a arquitetura produzida no Nordeste publicada nas revistas comparece nas edições representando diferentes manifestações, segue na contramão de uma associação direta entre essa produção veiculada e o regionalismo, desmistificando uma imagem síntese da região comum ao imaginário da arquitetura, bem como de outros campos, como a cultura. Em *A invenção do Nordeste e outras artes* (1999), Durval Albuquerque

<sup>6</sup> A fim de construir uma leitura do movimento moderno no Brasil, Spadoni (2003) precisa questões essenciais do movimento e as apresenta por meio de dilemas. Entre eles está presente o dilema nacional e identidade.

contesta o estereótipo imagético-discursivo criado sobre a região Nordeste na mídia e em diferentes manifestações artísticas. O autor revela como ele se fortalece ao ser incorporado e projetado por seus nativos e recomenda uma nova perspectiva de “visibilidade e dizibilidade” ou “uma nova forma de dizer e ver” a região a partir dela mesma, solução semelhante à proposta latino-americana já citada, porém sem a intenção de eleger uma identidade.

Se as narrativas que contemplam as arquiteturas produzidas no Nordeste por vezes as restringem a certo tipo de representação, tomar como partida apenas os limites geográficos dessa região – mais precisamente os estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Sergipe e Rio Grande do Norte – aumentam as possibilidades de enriquecer a discussão sobre suas obras e de ampliar e/ou revisar as interpretações que lhes são dadas na historiografia. É necessário elucidar que este trabalho não busca uma afirmação ou negação de ordem identitária sobre essa produção – ainda que essa temática, por estar presente nas páginas das revistas, compareça nesta pesquisa –, por essa razão não se submete aos limites que competem a essa categorização e, inclusive, busca testá-los no caso da amostragem trabalhada.

## **FIM DO SÉCULO XX**

---

*O recorte temporal*

Além do início da redemocratização brasileira – concluída com as eleições diretas para Presidente da República em 1989 –, o ano de 1985 abarcou uma série de acontecimentos significativos na arquitetura. Dentro e fora do país, eventos animaram os debates e ganharam destaque nas revistas especializadas. Em janeiro, a homenagem a três arquitetos modernos brasileiros – Lúcio Costa, Oscar Niemeyer e Vilanova Artigas – no XV Congresso de Arquitetos da UIA, realizado na capital do Egito, Cairo, ocorreu dias antes do falecimento do representante da “escola paulista”. Em maio, as primeiras edições do Seminário de Arquitetura Latino-Americana (SAL) e da Bienal Internacional de Arquitetura de Buenos Aires estreitaram laços entre os países latino-americanos e instituíram um grande palco para as discussões sobre os problemas comuns às suas cidades e sociedades, bem como sobre as questões de identidade e linguagem em arquitetura. Nesta bienal, inclusive, o arquiteto brasileiro Severiano Porto alcançaria sua consagração internacional como representante de

uma produção regionalista no norte do Brasil. Em outubro, o XII Congresso Brasileiro de Arquitetos Vilanova Artigas, reuniu os profissionais em prol da questão habitacional e serviu de grande vitrine à arquitetura mineira “pós-moderna”. Mercado profissional, ensino, patrimônio, entre outros temas, complementavam o cenário, que, agora, contava com mais um veículo especializado: a revista *AU*.

A retomada das revistas especializadas na década de 1970 marcou não só a reestruturação dos debates no Brasil, mas também o reestabelecimento dos canais de comunicação entre os arquitetos. O surgimento da revista *Projeto* (1972) e, quando esta já se consolidava, em meados da década de 1980, o lançamento da revista *AU* (1985), foram marcos desse processo. Esses dois periódicos trouxeram à cena arquitetônica nacional notícias, crítica e projetos das mais variadas ordens e, durante muitos anos, protagonizaram a divulgação desses conteúdos.

A imensa atividade editorial acadêmica nesse período é um indicador do impacto recente e acessibilidade da editoração eletrônica em mercados não comerciais. Mas também é um reflexo da escassez do trabalho de prancheta entre os arquitetos, principalmente na fase de desaceleração da atividade construtiva precipitada pela crise energética e o embargo do petróleo de 1973, e pela subsequente recessão da indústria da construção civil ao longo das décadas de 1980 e 1990. Em períodos de decréscimo de suas atividades profissionais, os arquitetos desviam o seu interesse para a elaboração de textos e projetos teóricos (NESBITT, 2008 [1996], p. 26).

Durante a década de 1990, a consolidação de cursos de graduação e pós-graduação, bem como o surgimento de novos, somou os espaços de publicação. Multiplicavam-se as revistas acadêmicas e as versões eletrônicas de periódicos. As revistas comerciais impressas começavam a dividir espaço na publicação de artigos e a encaminhar-se para versões mais mercadológicas. A revista *Projeto*, por exemplo, pouco depois da saída de Vicente Wissenbach da sua direção, em 1993, passou por mudanças nesse sentido. Durante a direção de Arlindo Munglioli, tanto ocorreram alterações no seu conteúdo, quanto no seu nome, que passa de *Projeto* para *Projeto & Design*, em 1996.

Apesar da gradual redução da crítica nessa década, importantes debates marcaram essa transição, como os diálogos em torno do concurso do Pavilhão do Brasil para a Feira de Sevilha de 1992. O concurso, ocorrido em 1990, reverberou até o ano de realização da feira. Segundo Spadoni (2003, p. 19-20), o projeto premiado, embora não construído, foi alvo de intensa contestação pela crítica e deu vazão a debates represados sobre a herança moderna brasileira: “Qual a necessidade do novo para o país?; O que chamaríamos de novo, se acreditávamos na eternidade do moderno como novo? O que restava do antigo novo? Por que aderir à novidade?”. Também em 1992, a I Bienal Internacional de Arquitetura Olinda/Recife trouxe discussões desse porte à cena nordestina.

De 1985 a 1992 diferentes fases da política, da economia, da consciência ambiental, da tecnologia, do mercado profissional, etc. estabeleceram diferentes cenários no campo arquitetônico e na imprensa especializada. As temáticas de interesse dos arquitetos evoluíram e as revistas, com maior destaque à *Projeto* e à *AU*, acompanharam e noticiaram esses momentos. Desta forma, a escolha desses dois periódicos como fonte permitiu a cobertura de um intervalo que liga as produções moderna e contemporânea do país no período de auge desse tipo de publicação e garantiu duas perspectivas acerca dessa conjuntura. A partir do “rico repertório de informações e documentação” (SEGAWA; CREMA; GAVA, 2003, p. 120) impresso nessas revistas, é possível uma fecunda investigação sobre uma cena da arquitetura nacional ou o caso de uma única produção, como no Nordeste; em especial daquela pouco distante no tempo e ainda com muito a se discutir, como ocorre no final do século XX.

# I. DO CAMPO

## A CONSTRUÇÃO DE UMA BASE DE PESQUISA

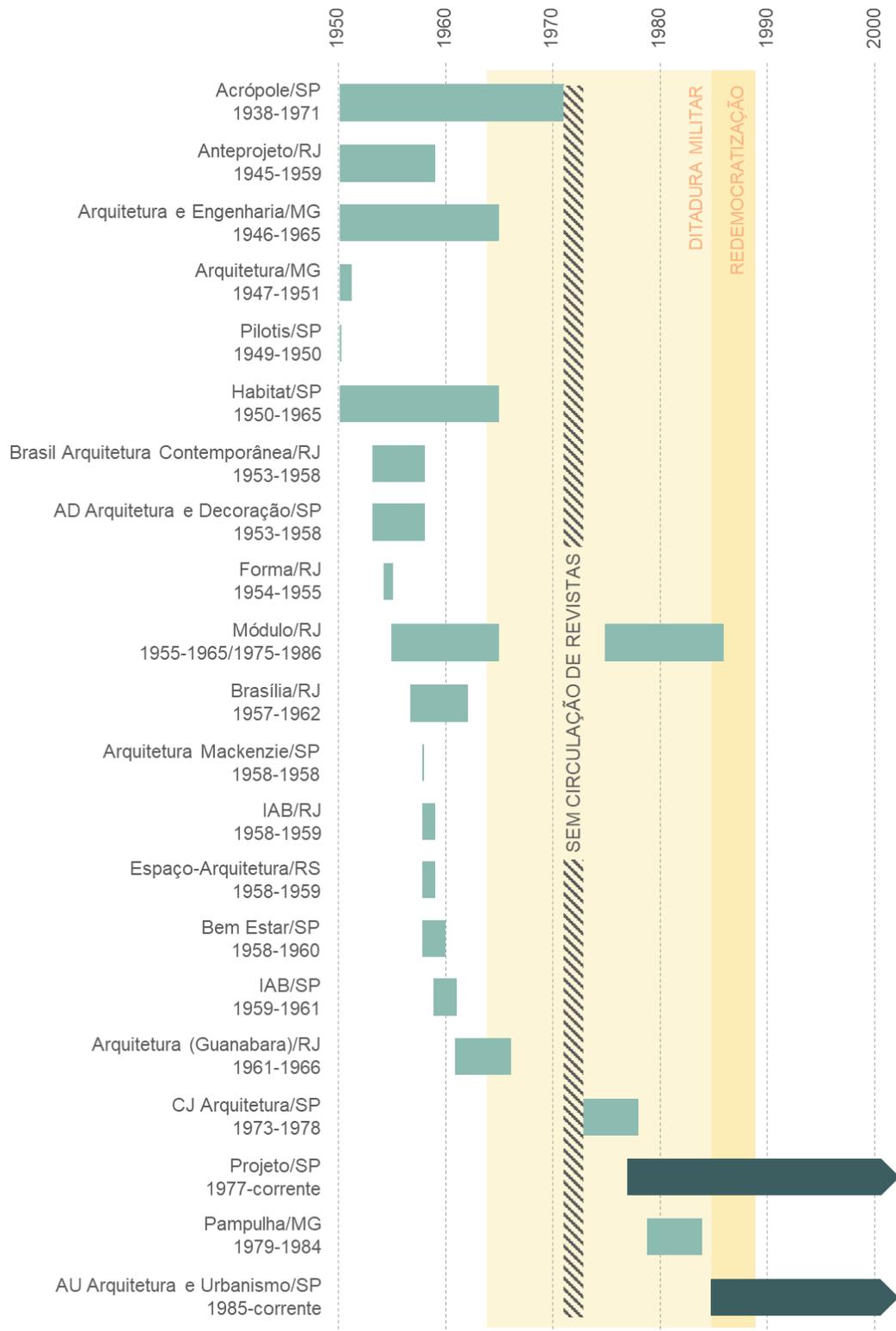
---

*Da revista para o meio*

Segundo Abílio Guerra, na apresentação do compêndio *Textos fundamentais sobre história da arquitetura moderna brasileira – parte I* (2010), a multiplicação e consolidação de pesquisas de pós-graduação, junto a uma nova fase de periódicos especializados, principalmente a partir de 1980, criaram um ambiente intelectual favorável à produção de textos sobre a arquitetura do século XX no Brasil. São os artigos publicados nesse cenário, “entrelaçando jornalismo especializado e pesquisa acadêmica, revistas comerciais e periódicos especializados, que dão a base inicial para a formação do espaço de pesquisa sobre arquitetura moderna no país” (GUERRA, 2010, p. 15).

Durante a década de 1950, quando o mercado editorial de arquitetura estava em alta, quase uma dezena de revistas especializadas estava em circulação (Ver Diagrama 1). O tema da arquitetura já ocupava a pauta central dessas publicações, diferentemente do que ocorria nas tradicionais revistas de decoração, engenharia e construção. Em virtude do golpe militar, no entanto, inúmeras editoras foram paulatinamente fechadas e, a partir de 1965, as revistas de arquitetura tornaram-se cada vez mais escassas (Ver Diagrama 1). O último desses periódicos e, inclusive, de maior duração, a revista *Acrópole*, foi finalizado em 1971 (SEGAWA, 2014 [1998]).

DIAGRAMA 1: REVISTAS ESPECIALIZADAS DE ARQUITETURA EM CIRCULAÇÃO NO BRASIL DE 1950 A 2000.

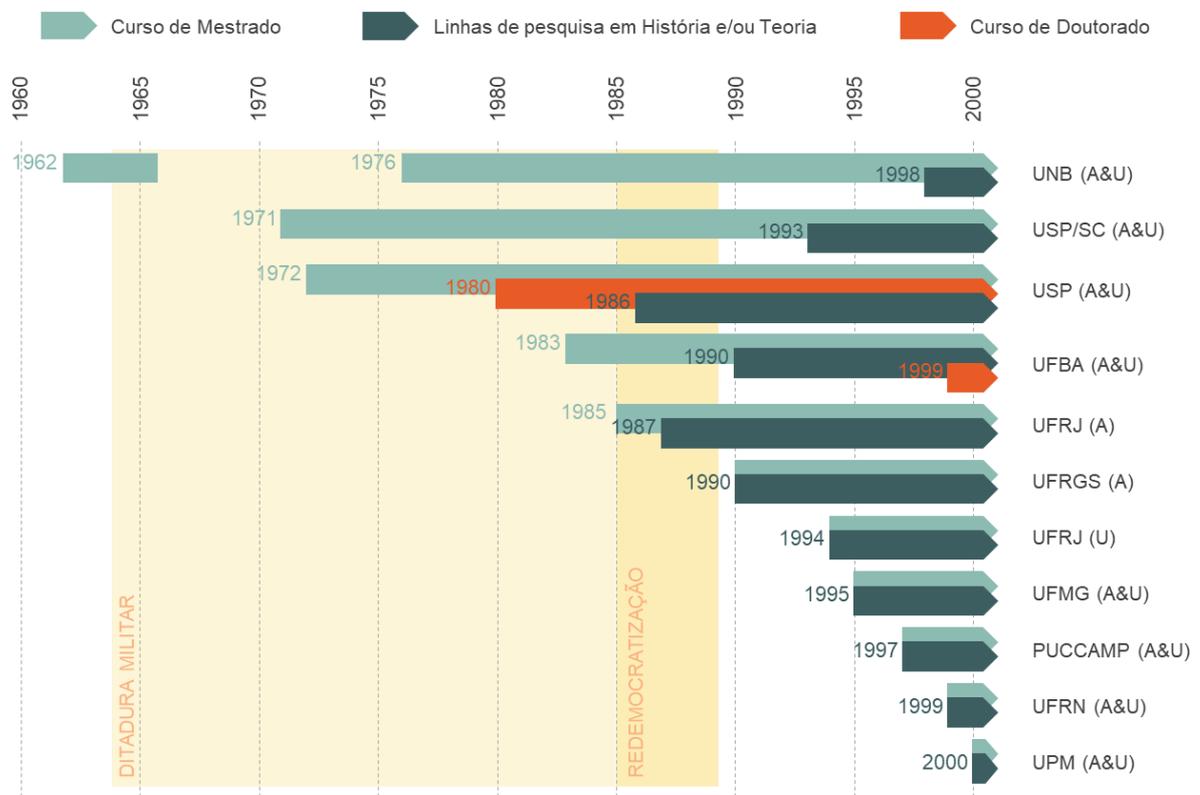


FONTE: Elaboração própria. Dados: Dedecca (2012)<sup>7</sup> e Segawa (2014 [1998]).

<sup>7</sup> Dedecca (2012) une os levantamentos da revista Acrópole (ACRÓPOLE, n. 295, p. 201-203, jun. 1963) e da pesquisa realizada em: RABELO, Clévio. **Arquitetos na cidade: espaços profissionais em expansão** (Rio de Janeiro, 1925-1935). Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

No âmbito das pesquisas, a Ditadura Militar interrompeu iniciativas em andamento e interferiu diretamente nos rumos da graduação e pós-graduação no país. Em 1964, foram encerradas as atividades do Instituto Superior de Pesquisas para o Planejamento, da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais (EA-UFGM)<sup>8</sup>, e seu supervisor, Sylvio de Vasconcellos, foi compelido a deixar o país. No ano seguinte, 1965, foi fechado o primeiro, e até o momento único, mestrado acadêmico em arquitetura no Brasil, do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Brasília (FAU-UNB), criado em concomitância com a UNB, em 1962 (Ver Diagrama 2) (CAPES, 1998).

DIAGRAMA 2: EVOLUÇÃO DOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU DA ÁREA ARQUITETURA, URBANISMO E DESIGN, NO BRASIL, ATÉ 2000.



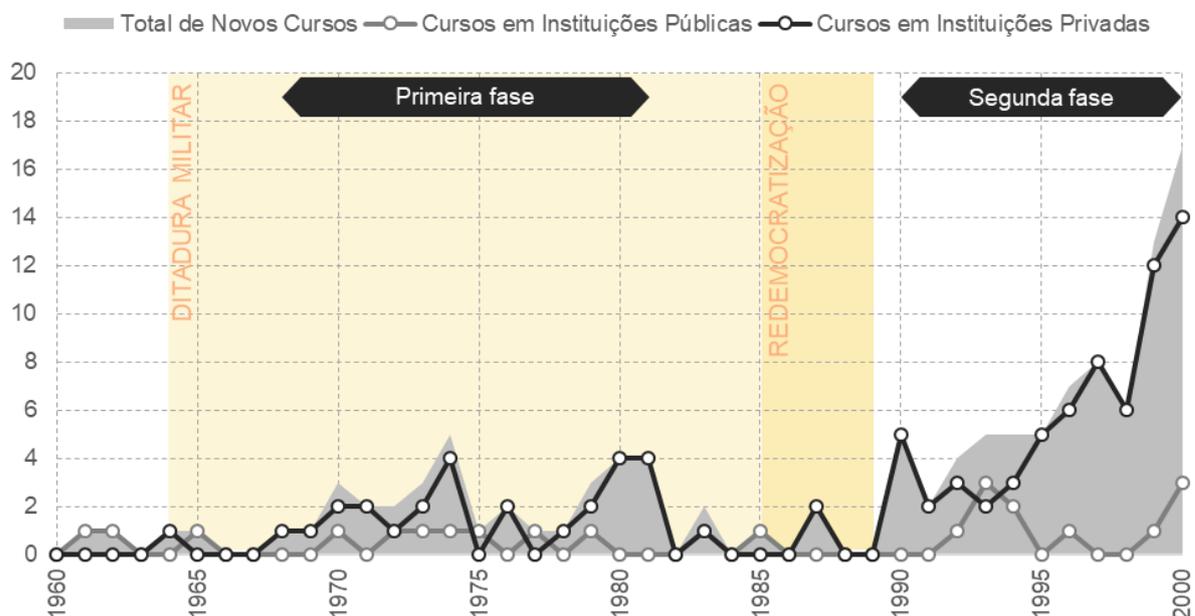
FONTE: Elaboração própria. Dados: CAPES, 1998-2000.

A retomada dos cursos de pós-graduação stricto sensu em arquitetura e urbanismo, no Brasil, ocorreu somente na década de 1970. Em 1971 foi criado o mestrado da Universidade de São Paulo/ São Carlos (USP/SC), com ênfase em industrialização das construções e área de concentração em Tecnologia do Ambiente Construído; e, em 1972, o mestrado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-

<sup>8</sup> “Os primeiros esforços de pesquisa na Escola datam de 1959, através da criação do Núcleo de Assessoramento à Pesquisa, sob a supervisão do Prof. Sylvio de Vasconcellos. Esse núcleo foi depois transformado em Instituto Superior de Pesquisas para o Planejamento. Nessa oportunidade foram iniciadas as Edições Escola de Arquitetura que, entre 1961 a 1963 apresentaram 67 títulos cujos autores, em sua maioria professores da Escola, tinham sua competência reconhecida nacional e internacionalmente”. (CAPES, 1998). Disponível em: <http://conteudoweb.capes.gov.br/conteudoweb/CadernoAvaliacaoServlet>. Acesso em: 02 set. 2019.

USP) (Ver Diagrama 2). Na área de Planejamento Urbano e Regional, por sua vez, outros dois mestrados acadêmicos estavam em atividade, um na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), desde 1970, e outro na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), de 1972. Ainda que representassem importantes vetores de pesquisa em andamento, os maiores impactos no estudo histórico da arquitetura seriam verificados a partir de 1980 (Ver Diagrama 2) com a consolidação de cursos, a criação do primeiro doutorado em arquitetura no país, pela FAU-USP, e, principalmente, a estruturação de linhas de pesquisa em história (GUERRA, 2010).

GRÁFICO 1: CRIAÇÃO DE NOVOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO NO BRASIL (1960-2000)<sup>9</sup>



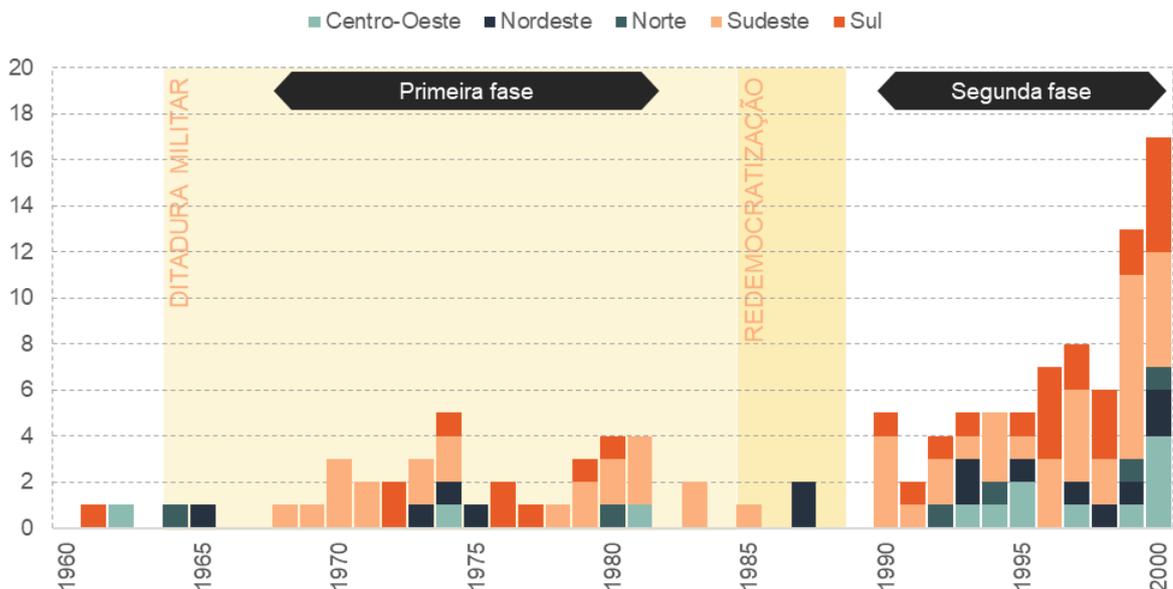
FONTE: Elaboração própria. Dados: Sistema e-Mec. Acesso em: 08 jul. 2019.

Em paralelo ao desenvolvimento da pós-graduação, verificava-se a expansão dos cursos de graduação. Por um lado, a política desenvolvimentista, viabilizada pelo “Milagre Econômico” no início dos anos de 1970, aumentou as demandas da construção civil e, desta forma, também de profissionais. Por outro, os arquitetos, que experimentavam uma fase de prestígio, especialmente após Brasília (1960), eram cada vez mais solicitados (SEGAWA, 2014 [1998]). Tratava-se de um ambiente favorável à criação de cursos de graduação (Ver Gráfico 1) e, visto a multiplicação de vagas de docentes e centros de pesquisas, também de pós-graduações, num processo de retroalimentação (Ver Diagrama 2).

<sup>9</sup> As datas utilizadas no gráfico referem-se aos anos de início de funcionamento dos cursos, que, por vezes, diferem do ano de criação ou regulamentação.

A formalização da reforma do ensino superior pelo governo da ditadura militar, em 1968, conhecida como Lei da Reforma do Ensino Superior de 1968 ou Reforma Universitária foi outro condicionante desse processo. “Com o objetivo de situar a universidade a serviço do desenvolvimento nacional e promover a expansão do ensino superior, ajustando-a, de forma imediata e funcional, às demandas do mercado de trabalho, da economia nacional e da sociedade” (CAMPÊLO, 2012, p. 29), o governo militar motivou uma primeira fase de maior crescimento desses cursos, durante a década de 1970 (Ver Gráfico 1). Não por acaso, uma fase caracterizada pelo predomínio de iniciativas de ordem privada, incentivadas após a nova Lei, e pela concentração dos novos cursos nas regiões mais desenvolvidas do país, ou seja, nos grandes centros socioeconômicos e de investimento (Ver Gráfico 2).

GRÁFICO 2: DISTRIBUIÇÃO DOS NOVOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL POR REGIÃO (1960-2000)



FONTE: Elaboração própria. Dados: Sistema e-Mec. Acesso em: 08 jul. 2019.

Somente em uma segunda etapa de maior crescimento, a partir de 1990, essa expansão passou a expressar uma nova tendência. Enquanto nas décadas de 1970 e 1980 prevaleceu a multiplicação de escolas no Sudeste e no Sul, nos anos de 1990 decorreu um movimento de dispersão geográfica (Ver Gráfico 2). Mais uma vez relacionada a políticas governamentais pautadas na elevação do número de matriculados no ensino superior, inclusive com a prescrição de regras facilitadoras para instituições privadas de ensino, cresceu a busca por regiões além dos tradicionais centros culturais e econômicos e ampliou-se o mercado da educação (SALVATORI, 2008) (MARAGNO, 2013). Ainda que as iniciativas privadas mantivessem destaque também na fase anterior, sua participação na criação dos cursos atingiu proporções exponenciais nessa década (Ver Gráfico 1).

Dado esse cenário, o aumento do número de centros de formação e pesquisa fora do eixo São Paulo-Rio de Janeiro favoreceu a ampliação dos objetos de estudo da arquitetura e a realização de estudos monográficos que inseriam atores e obras locais no quadro arquitetônico nacional. Paralelamente, uma nova fase de revistas especializadas de alcance nacional, ainda na década de 1970, dava início a um processo de mapeamento de arquiteturas que impulsionava a divulgação de obras e arquitetos de todo o país, inclusive de regiões menos recorrentes nas narrativas sobre arquitetura moderna no século XX<sup>10</sup>, como o Nordeste.

Após ficar sem nenhum periódico especializado em circulação, em 1971, os arquitetos encontraram um novo veículo de informação no jornal *Arquiteto*, lançado em 1972. O boletim informativo do Sindicato dos Arquitetos de São Paulo (SASP), com edição do jornalista Vicente Wissenbach, responsável por estabelecer um novo canal de comunicação entre os arquitetos paulistas após o fim da revista *Acrópole*, logo tornou-se o jornal dos arquitetos brasileiros e passou a cobrir todos os encontros nacionais e as reivindicações de todo o país<sup>11</sup>. Nesse ínterim, as revistas especializadas retornavam à cena arquitetônica – a *CJ Arquitetura*, em 1973, e a *Módulo*, relançada em 1975 –, entretanto sem a pluralidade de posições que marcou outras épocas (SEGAWA, 2014 [1998], p. 191).

Com o aumento de solicitações pela publicação de projetos, foi incluído na publicação do *Arquiteto*, em 1977, um encarte específico para esse conteúdo, o qual representou o projeto piloto da revista *Projeto*. Após nove publicações, em 1979, esse encarte deu lugar aos exemplares independentes da revista *Projeto*. Lançada “com a ambição de se tornar uma revista nacional de arquitetura [...], tinha a preocupação de divulgar e revelar a produção nacional e alimentar o debate e a reflexão sobre a arquitetura” (BASTOS; ZEIN, 2015 [2010], p. 200), e, à medida que se consolidava, impulsionava “a discussão arquitetônica em seus termos mais específicos” (SEGAWA, 2014 [1998], p. 193).

Em 1985, a revista *AU*, idealizada pelo arquiteto Mário Sérgio Pini, junto com seu pai, Sérgio Pini, foi lançada e somou esforços a esses propósitos. Junto à revista *Projeto*, a *AU* inaugurou um processo de profissionalização do jornalismo em arquitetura, que, segundo Guerra (2010), produziu textos que apontavam para novos temas e questões, ao mesmo tempo em que expunham maior rigor crítico e histórico sobre a avaliação da produção. Essa visão crítica, por sua vez, abriu espaço para as temáticas e poéticas arquitetônicas contemporâneas e deu luz à consciência da historicidade do moderno, a qual implicou em

<sup>10</sup> São exemplos Goodwin (1943), Mindlin (1956) e Bruand (1971), cujas narrativas priorizaram uma versão hegemônica de produção de arquitetura centrada no Sudeste.

<sup>11</sup> JORNALISTA Vicente Wissenbach é homenageado no docomomo sp. Disponível em: <<https://www.cauba.org.br/jornalista-vicente-wissenbach-e-homenageado-no-docomomo-sp/>>. Acesso em: 14 jun. 2016.

novas possibilidades no tratamento dessa produção, como a possibilidade de fazer balanços, comparações, ajuizamentos críticos, etc. (GUERRA, 2010, p. 14).

É então a partir da década de 1980 que a conjunção revistas especializadas – com destaque para a *Projeto* e a *AU*, com maior periodicidade e duração, além do alcance nacional – e pesquisas de graduação e pós-graduação impulsiona o desenvolvimento de um diversificado quadro de temas, arquitetos e obras relacionados à discussão da arquitetura do século XX e, entre eles, aqueles sobre a arquitetura no Nordeste. É numerosa a quantidade de matérias, artigos, dissertações e teses elaborados desde então e que evidenciam essa tendência de estudo em crescimento, assim como é sintomática a realização de eventos regionais, como o Seminário Docomomo Norte/Nordeste, com edições a partir de 2006.

Essa condição, por sua vez, produziu reflexos também no exterior. A pesquisa de Fernando Lara, que utiliza o *Avery Index da Columbia University* como base de dados, confirma não só o aumento das publicações sobre a arquitetura brasileira fora do país, como também a diversificação dos locais das obras citadas. De 1906 a 2000, a ampla divulgação internacional brasileira, com destaque nos anos 40 e 50, retornou às revistas entre meados da década de 1980 e durante os anos 90. Nesta mesma fase, centros como Salvador, Recife, Fortaleza e Manaus ganharam maior visibilidade e ilustraram a diversidade regional (LARA, 2000).

Embora o número de pesquisadores sobre arquitetura moderna no Nordeste seja crescente, principalmente a partir do marco representado pela criação de um fórum específico sobre o tema, caso do Docomomo Norte/Nordeste, ainda há um grande espaço para ampliação e revisão da historiografia acerca da arquitetura dessa região e, assim, também de complementação das narrativas nacionais sobre o século XX. Por essa razão, é relevante olhar a arquitetura produzida no Nordeste por meio do repertório apresentado pelas revistas e, da mesma forma, refletir sobre a representação que essa adquire nesses periódicos em meio a um quadro nacional.

---

## INTERDISCIPLINARIDADE E PLURALISMO

---

*Do meio para a revista*

Após a publicação de *Complexidade e contradição em arquitetura* de Robert Venturi, em 1966, o debate sobre a crise do movimento moderno intensificou-se e difundiu-se rapidamente, com mais notoriedade nos Estados Unidos e na Europa. Esse período de revisão da disciplina, denominado imprecisamente de pós-moderno<sup>12</sup>, foi marcado pela busca de paradigmas de pensamento externos à arquitetura, a exemplo da semiótica e do estruturalismo, provenientes da literatura, e, por conseguinte, também pelo pluralismo de questões e pontos de vista relacionados à reflexão e à prática de arquitetura (NESBITT, 2008 [1996]).

No Brasil, vicissitudes de ordem política e econômica, ou mesmo relacionadas ao próprio desenvolver do movimento moderno no país, retardaram esse debate. Por um lado, a defesa de uma unidade da arquitetura moderna, em favor do discurso de identidade nacional<sup>13</sup>, naturalmente refreou o reconhecimento de mudanças de paradigmas arquitetônicos no período; por outro, a ascensão de um governo totalitário, favorecido por uma situação de pujança econômica, interferiu não só na produção propriamente dita de arquitetura, mas também nas discussões dos arquitetos dentro do país e com o meio internacional (BASTOS; ZEIN, 2015 [2010]) (SEGAWA, 2014 [1998]).

Se observada em busca de mudanças, e não de continuidades, facilmente constata-se que a arquitetura brasileira (inclusive e principalmente a de alguns mestres da escola carioca) começa a passar por mudanças desde pelo menos meados dos anos de 1950; e que em fins da década de 1960 a “arquitetura brasileira” já havia assumido, para grande parte dos arquitetos brasileiros, outros significados, distintos daqueles que consolidara vinte ou trinta anos antes. Isso se revela, na prática arquitetônica, menos pela filiação coerente a novos discursos e mais pela pura e simples adoção de outros paradigmas formais e construtivos (BASTOS; ZEIN, 2015 [2010], p. 53).

Bastos e Zein (2015 [2010], p. 53) ilustra essa modificação em meados da década de 1950, primordialmente, por meio do universo formal e construtivo do “brutalismo”<sup>14</sup>, cujos

<sup>12</sup>O termo pós-moderno, que assume diferentes significados em diferentes contextos, é examinado por Nesbitt (2008 [1996]) a partir de três enfoques, todos pertinentes à contextualização deste trabalho: “como um período histórico que mantém uma relação específica com o modernismo; como uma variedade de paradigmas relevantes [marcos teóricos] para a reflexão sobre objetos e questões culturais; e como um grupo de temas” (NESBITT, 2008 [1996], p. 21).

<sup>13</sup>Segundo Spadoni (2003, p. 41), entre os dilemas fundadores do moderno no Brasil, ou seja, na constituição das bases teóricas desse movimento no país, domina a ideia de uma modernidade brasileira, fruto da operação intelectual e do discurso messiânico de Lúcio Costa e chancelada por suas realizações e de Oscar Niemeyer.

<sup>14</sup>Bastos e Zein (2015 [2010]) também incluem nessa fase de inflexão as mudanças na obra de Oscar Niemeyer, a qual vai “do plasticismo simbólico ao partido estrutural e ao volume simbólico”, tópico de um dos capítulos do livro.

paradigmas, “nascidos nos anos de 1950, melhor estabelecidos nos anos de 1960 e amplamente expandidos nos anos 70”<sup>15</sup>, representaram uma tendência com forte manifestação na cena internacional e que, sincrônica e peculiarmente, foi também reproduzida no Brasil. A tese de Hugo Segawa expressa em *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*, de 1998, expande os limites dessa condição de coexistência de diferentes paradigmas na prática arquitetônica, entendidos nesse caso como diferentes modernidades, até o início do século XX.

O reconhecimento desse pluralismo de paradigmas e, portanto, da existência de arquiteturas, e sua então integração à pauta dos debates deu-se apenas no “território dos anos de 1970”<sup>16</sup>. Após o Golpe Militar, em 1964, a destituição de profissionais de instituições de ensino e o fechamento das sedes de periódicos especializados de arquitetura aumentaram o controle sobre os espaços de diálogo dos arquitetos e inibiram o debate, ainda que sem miná-lo totalmente<sup>17</sup>. Ao mesmo tempo, a promoção de uma política desenvolvimentista pelo Estado, alimentada pelo “milagre econômico” e em busca de construir uma imagem de modernidade para o Brasil compatível com a dos países desenvolvidos, tornou-o um grande provedor de contratos para os arquitetos (SEGAWA, 2014 [1998]) (SPADONI, 2003).

Ingressar no clube dos países desenvolvidos: um sonho dos militares, mas certamente o sonho de qualquer cidadão de um país subdesenvolvido. A arquitetura brasileira desses anos do “milagre” também alimentou uma pretensão dessa natureza. É provável que nunca se tenha planejado e projetado tanto no país em tão pouco tempo; nunca se construiu tanto, também (SEGAWA, 2014 [1998], p. 191).

Na esteira desses anos dourados do “milagre econômico brasileiro”, em meados da década de 1970, essa situação se alterou. Sucessivas crises desestabilizaram a economia mundial e, no Brasil, a fonte de trabalho dos arquitetos progressivamente diminuiu. Paralelamente, iniciava-se um processo de gradual abertura político-cultural do regime e a

As autoras, inclusive, estabelecem a incorporação da linha curva no desenho estrutural como um ponto de contato entre a arquitetura de Niemeyer em Brasília e a atuação experimental de jovens arquitetos paulistanos (BASTOS; ZEIN, 2015 [2010], p. 141).

<sup>15</sup>BASTOS; ZEIN, 2015 [2010], p. 53.

<sup>16</sup>Segundo Spadoni (2003, p. 61), é possível, em se tratando do século XX e talvez apenas dele, utilizar o período de uma década como representativo de determinadas fases, seja no aspecto político, seja no aspecto cultural. Assim, “o território dos anos 70”, como coloca o autor, é representante, para a arquitetura, da consolidação das posições revisionistas. Enquanto a década de 1940 expressaria a “instauração de nosso projeto moderno” e a de 1950 representaria a “sedimentação desse projeto”, a de 1960 demonstraria sua “conversão à sobriedade do projeto paulista” e a década de 1970 a “aceitação de um destino” (SPADONI, 2003, p. 62).

<sup>17</sup>A título de exemplo pode-se mencionar a participação brasileira em eventos internacionais, inclusive durante os “anos de chumbo” da Ditadura Militar, como atesta o depoimento do Presidente da Direção Nacional do Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB) para a primeira edição da revista AU, de janeiro de 1985: “Entre os antecedentes a serem lembrados de nossa participação em Congressos Internacionais, cabe citar, entre outros: a ampla repercussão obtida nas Assembléias [sic] da UIA de Sofia (1972) e Veneza (1975), com proposta brasileira para que a UIA defenda o caráter cultural nacional da arquitetura, condenando toda forma de hegemonia econômica e cultural com força auxiliar do neocolonialismo. Deve-se registrar, também, a considerável repercussão que obteve entre as delegações latino-americanas no congresso da UIA de Madri (1975), a tese brasileira sobre Criatividade e Dependência Tecnológica” (MAGADAN, 1985).

crise da arquitetura era cada vez mais posta em evidência (BASTOS; ZEIN, 2015 [2010], p. 197). O projeto “Brasil Grande Potência”, fortemente publicizado durante o governo Médici (1969-1974), dava lugar a um quadro de estagnação, que se estenderia por décadas, enquanto a arquitetura brasileira, que “sentia, mas não acusava as necessárias revisões no discurso e na prática arquitetônica”<sup>18</sup>, dava os primeiros passos no debate da pós-modernidade, o qual somente ganharia densidade na segunda metade da década de 1980 (SEGAWA, 2014 [1998], p. 191).

Dois movimentos, segundo Bastos e Zein (2015 [2010], p. 221) inaugurariam, mais claramente, o reconhecimento da crise da arquitetura no Brasil, ou, como citam as autoras, a crise da modernidade brasileira: o ciclo de debates *Arquitetura Brasileira após Brasília: Depoimentos*, coordenado , entre 1976 e 1977, por então jovens arquitetos radicados no Rio de Janeiro<sup>19</sup>, mais tarde publicados em três volumes (Ver Figura 1); e o lançamento da revista *Pampulha*, em 1979, por um grupo de arquitetos mineiros.

FIGURA 1: TRÊS VOLUMES PUBLICADOS EM 1978 COM TRANSCRIÇÃO DOS DEPOIMENTOS DO CICLO DE DEBATES ARQUITETURA BRASILEIRA APÓS BRASÍLIA: DEPOIMENTOS.



FONTE: Babel livros<sup>20</sup>.

O primeiro reuniu arquitetos de diferentes estados do país a fim de “ampliar a reflexão sobre os fundamentos teóricos e críticos, a estrutura profissional e as formas de contribuição político-social da categoria”<sup>21</sup>. O segundo, a priori voltado à obra de Oscar Niemeyer e seus seguidores, a posteriori tornou-se “referência do debate por outras linhas de arquitetura [...] reunindo os interesses e a vontade de arquitetos numa difusa e não-direcionada discussão de arquitetura” (SEGAWA, 2014 [1998], p. 194). O debate e a reflexão de arquitetura, por sua vez, ganharam novas e maiores proporções com a formação de uma nova crítica –

<sup>18</sup>SEGAWA, 2014 [1998], p. 191.

<sup>19</sup>Esses jovens arquitetos – Cêça de Guimaraens, Cláudio Taulois, Flávio Ferreira e Sérgio Ferraz de Magalhães – compunham a Comissão de Estudos de Arquitetura do Departamento do Rio de Janeiro do Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB-RJ), naquele momento presidido por Luiz Paulo Conde (BASTOS; ZEIN, 2015 [2010]).

<sup>20</sup>Disponível em: [https://d1o6h00a1h5k7q.cloudfront.net/imagens/img\\_m/4892/2006338.jpg](https://d1o6h00a1h5k7q.cloudfront.net/imagens/img_m/4892/2006338.jpg). Acesso em: 13 nov. 2019.

<sup>21</sup>GUIMARAENS, 2002.

caracterizada por uma tentativa de retorno à especificidade da disciplina<sup>22</sup> – e o que Segawa (1998) chamou de mapeamento de diversidades. Ambos fatores que se fortaleceriam na década de 1980, com a consolidação da revista *Projeto* (1977) e o lançamento da revista *AU* (1985) (BASTOS; ZEIN, 2015 [2010], p.200) (SEGAWA, 2014 [1998], p. 193-194).

A organização de uma exposição para a Semana de Arquitetura realizada no Centro da Arte y Comunicación (CAYC) de Buenos Aires pela revista *Projeto*, em 1983, representaria o ponto de partida de rearticulação dessa nova fase de debates (SEGAWA, 2014 [1998], p. 194). O evento, organizado pelo crítico argentino Jorge Glusberg, em parceria com Vicente Wissenbach, expôs a Mostra Arquitetura Brasileira Atual, organizada a partir das respostas dos arquitetos brasileiros à convocatória da revista, portanto sem curadoria. Essa mostra, “configurou um excelente mapeamento arquitetônico para a revista, que passou sistematicamente a publicar essa enorme diversidade de manifestações sem outro critério se não o de dar publicidade a toda arquitetura que se produziu e produzia no país” (SEGAWA, 2014 [1998], p. 194).

É claro que nesta mostra há muitas lacunas, muitas ausências significativas, pois muitos arquitetos, em função do excesso (ou falta) de trabalho, não puderam responder ao apelo que vimos fazendo, desde fevereiro, através de anúncios e matérias na revista, permitindo, de maneira democrática, a participação de todos os interessados. E o resultado desse trabalho é a mais ampla mostra de arquitetura que sai do país nos últimos 20 anos. E mais do que isso, o início de um intenso intercâmbio técnico e cultural (WISSENBACH, 1983. *In*: *Projeto*, n. 53, Carta do Editor, jul. 1983).

Mais tarde repatriada ao Brasil e exposta em São Paulo e em outras cidades brasileiras, essa exposição reuniu “um material bastante significativo sobre os anos 70, no qual [sic] se nota a expansão e diversificação da atividade do arquiteto nesse período”<sup>23</sup>. Como expõe Haifa Sabbag (1983) em artigo na revista *A Construção* – produto editorial da Pini, que, posteriormente, lança a revista *AU* –, ainda que a maioria dos projetos correspondessem a arquitetos de São Paulo, e estivessem concentrados também nesse estado (Ver Gráfico 3), tratava-se de um repertório bastante rico das “pesquisas estéticas” propostas nas diferentes regiões do país.

<sup>22</sup>Segundo Bastos e Zein (2015 [2010]), o intervalo de dez anos de 1965 a 1975 “foi dominado por uma reflexão sobre arquitetura curiosamente apartada da especificidade da disciplina. Por um lado, um pensamento sociopolítico alimentava uma crítica também sociopolítica em que se discutia a ‘função social’ de determinada arquitetura ou a característica conservadora ou progressista de determinada manifestação artística. Por outro, o planejamento urbano passava a ter grande preeminência na profissão, como atividade multidisciplinar por excelência” (BASTOS; ZEIN, 2015 [2010], p. 199).

De acordo com Waisman (2013 [1990], p. 101), “A crise da ideologia do movimento moderno [teoria da modernidade] produziu uma verdadeira eclosão ideológica, que teve como consequência a abertura das portas da disciplina a conhecimentos provenientes dos mais diversos campos, de modo que sua própria teoria foi substituída por outras teorias disciplinares e perdeu nitidez, até perder de vista sua especificidade”.

<sup>23</sup>ZEIN, 1983. *In*: *Projeto*, n. 53, p. 86, jul. 1983.

FIGURA 2: MATÉRIA SOBRE A MOSTRA ARQUITETURA BRASILEIRA ATUAL NO JORNAL ARGENTINO CLARÍN ARQUITECTURA, COM DESTAQUE PARA A Pousada de Silves.

Buenos Aires, viernes 2 de setiembre de 1983

**Clarín ARQUITECTURA**  
INGENIERIA, PLANEAMIENTO Y DISEÑO

**BRASIL EN BUENOS AIRES**

"Posada da Ilha de Silves", la obra donde Severiano Porto mostró cómo usar materiales locales y mantener el lenguaje regional posibilitando un uso actual.



## Tres días para mostrar cómo se "vive" la arquitectura

La delegación brasileña que visitó Buenos Aires con motivo de su Semana de la Arquitectura ya está de regreso en su país, pero ha dejado, mediante los coloquios desarrollados hasta el fin de semana pasado, una clara noción de sus búsquedas, sus logros y sus propuestas.

Fueron tres días en los que, después de las presentaciones a cargo del doctor Jorge Hardoy y los arquitectos Carlos Pisoni y Jorge Goldemberg, la responsabilidad de introducir a los participantes en el contexto brasileño de la década del '70 quedó en manos del arquitecto paulista y profesor de la Universidad de San Pablo, Julio Katinsky.

Planteó como parámetros para entender dicha producción arquitectónica, a la extensión de la profesión en todo el territorio de su país; el proceso estanzante de la revolución del '64; la fundación del Banco Nacional de Habitación y la creación de la Compañía Estatal de Construcción Escolar de San Pablo.

A continuación fueron los arquitectos Ruy Ohtake, Miguel Juliano, Fábio Pentecost, Carlos Bratke, Pitanga do Amparo, Luiz Paulo Conde, Severiano Porto, Tito Lívio Fascino y Carlos Fayet, quienes mostraron sus obras en unos casos y sus ideas en otros.

♦ **Ruy Ohtake**  
Profesor de la Universidad de Santos, Ohtake mostró el proyecto del Parque Ecológico de Tieté, propuesta de canalización del río de ese nombre que se extiende 123 kilómetros, con un aprovechamiento paisajístico, creando bosques, equipamientos comunitarios, deportivos y recreativos, con terrenos que tendrán un "uso democrático" para beneficiar a la "nación carente y no a la especulación inmobiliaria."

♦ **Miguel Juliano**  
Profesor de la Facultad de Arquitectura Mackenzie, Miguel Juliano trabaja en San Pablo, haciendo uso de las tecnologías disponibles o de las más indicadas para cada proyecto. La vasta obra mostrada se desarrolla en un momento histórico en que su país buscaba industrializarse, para luego volcarse al exterior. Vivió ese momento y trabajó en un período gubernamental cuyos objetivos resultan hoy melancólicos.

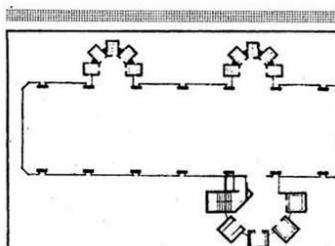
Es autor, junto a Jorge Wilhelm, del proyectado Parque Anhembi, un complejo de grandes dimensiones destinado a ferias, congresos, exposiciones, localizado en San Pablo, sin que se haya finalizado su construcción.

♦ **Fábio Pentecost**  
Arquitecto, periodista y profesor, Fábio Pentecost es de los que se preocupan por "anotar" y luego informar al gran público —usando un lenguaje adecuado— del concepto de arquitectura. Siempre se vio ligado a los conceptos humanistas que unen la idea de proyecto a la felicidad de las personas.

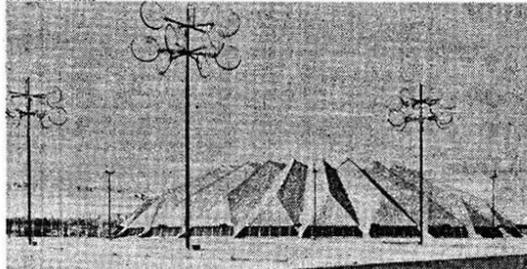
Considera a la arquitectura como un instrumento de trabajo muy necesario,

Planta de uno de los 34 edificios de oficinas proyectados por Carlos Bratke en la nueva avenida Berrini. Una gran superficie funcional libre y núcleos de servicios y de circulaciones son generadores formales.

Sector del Parque Anhembi, la obra en construcción sobre proyecto de Miguel Juliano y Jorge Wilhelm. Una demostración de la avanzada tecnología que se dispone en San Pablo.



Gentileza "Projetos"



entorno y un estudio minucioso de los detalles constructivos.

♦ **Severiano Porto**  
Representando al norte y noreste brasileño llegó la arquitectura regional de la mano de Severiano Porto. Carioca de nacimiento, estudió en Río de Janeiro, donde trabajó hasta hace 19 años cuando viajó para Manaus.

Al comenzar a construir allí se introdujo en el uso de materiales locales, que además de no quebrar el lenguaje existente resultan más económicos, y respetando el medio ambiente crea espacios para un uso actual.

Su obra más característica es la "Posada da Ilha de Silves", donde, aprovechando la mano de obra local, utilizando madera y combinándola con hormigón en los lugares necesarios, obtuvo como resultado una construcción rústica sin quitar el confort requerido por un hotel, al tiempo que el lenguaje usado es una respuesta coherente con la región, despreocupándose de estereotipos y modas.

♦ **Apreciaciones finales**  
Cabe destacar que además de los arquitectos citados se expuso la obra de Tito Lívio Fascino (San Pablo) y cerrando las jornadas del coloquio habló el arquitecto Carlos Fayet (Río Grande do Sul), quien representó al Consejo Profesional de Arquitectos y recalzó "la importancia de una participación más activa de los arquitectos en los Consejos para una justa toma de decisiones que a todos competen".

A manera de apreciaciones finales y tratando de aportar para próximas reuniones de estas características, es necesario plantear que el clima excesivamente formal impuesto en parte por el ambiente donde transcurrieron las charlas y las dificultades idiomáticas lógicas, dificultaron la presentación de ideas y obras.

A pesar de sus esfuerzos por hacerse entender ante un público de habla hispánica, mediante el empleo del "portunhol", hubo quienes sin usar ni una palabra castellana expusieron más libremente y, gracias a que todavía los arquitectos nos entendemos con dibujos, salieron airoso después de mostrar su obra.

Y hasta hubo quien —Pitanga do Amparo— para "quebrar o gelo" se trajo el acompañamiento de un pianista brasileño.

Las pequeñas fallas organizativas y una desordenada entrega final de diplomas no son suficientes para que se piense en algo negativo. Además no se debe olvidar que la entrada fue "libre y gratuita", cosa que cada día suena más lejana, y que el material teórico y gráfico que ayudaba al entendimiento de lo expuesto fue equitativamente repartido entre los presentes.

Y por sobre todo, estaban los arquitectos brasileños, con esa natural y espontánea libertad con que "viven" sus experiencias.

Arq. Silvia Varela

pero tiene serias dudas de cuál es la forma en que debe ser usada.

Denunció la ausencia de investigaciones y documentos que hacen que cada obra parezca la primera que se hace en el mundo, y finalmente agregó: "De los 130 millones de brasileños, más de la mitad no participa de nada y menos de la arquitectura" y tras preguntarse cuál es el papel del arquitecto, dejó la conclusión de que "nunca se trabajó para las multitudes sino para reyes".

♦ **Carlos Bratke**  
Proveniente de una familia de arquitectos, Carlos Bratke estudió arquitectura, dibujo y grabado en San Pablo. Actualmente es profesor de la Universidad Mackenzie y trabaja asociado con un hermano constructor. Deslumbró por lo extenso y variado de su obra y no ocultó ser centro de críticas, cuando fue tildado de "arquitecto rebelde" o de "arquitecto comercial".

Responde a esa polémica con extremo profesionalismo y preocupándose por realizar nuevas experiencias no se ata a convencionalismos estéticos.

Sus trabajos muestran la seriedad con que encara el proceso de diseño, donde los problemas de composición actúan como determinantes en la resolución del partido.

De sus obras más recientes se destaca una serie de edificios para oficinas en la nueva avenida Luis Carlos Berrini y cercanías. Allí mostró una constante búsqueda en la concepción estructural y morfológica, creando un lenguaje característico y variado.

♦ **Pitanga do Amparo**  
Perteneciente a la joven generación de arquitectos de San Pablo, Pitanga do Amparo comenzó a trabajar ligado a instituciones bancarias, experiencia que lo enriqueció y le permitió liberar a esa arquitectura de ciertos preconceptos.

Actualmente su producción se basa en los estudios del arquitecto alemán Rudolf Doernach sobre la "Bioarquitectura", la incorporación de materiales naturales y vegetación exuberante a los espacios arquitectónicos, tornándolos más agradables de habitar.

♦ **Luiz Paulo Conde**  
Profesor de la Universidad de Río de Janeiro, Conde trabaja con los alumnos de su cátedra de arquitectura estudiando aquellas obras que "no aparecen en los libros", como ser la arquitectura popular y la transformación de obras del B.N.H. hechas por sus usuarios.

En sus realizaciones se verifica una preocupación por el confort ambiental, la flexibilidad de los espacios, un cuidado en la implantación del objeto en su

FIGURA 3: MATÉRIA DE DIVULGAÇÃO DA MOSTRA ARQUITETURA BRASILEIRA ATUAL NO JORNAL NACIONAL JORNAL DA TARDE, COM DESTAQUE PARA A POUSADA DE SILVES.

que há de mais revolucionário na arquitetura brasileira, no momento, não está em São Paulo ou no Rio de Janeiro, nem é um grande edifício público ou um prédio de escritórios, como muitos podem imaginar. É um hotel, que fica na primitiva Ilha de Silves, em plena selva amazônica, a 55 minutos de avião — ou 20 horas de "motor regional" — de Manaus.

Utilizando troncos e raletes de tronco como elementos estruturais, e cavacos como cobertura, os arquitetos Severiano Mário Porto e Mário Emilio Ribeiro projetaram uma pousada que deixou extremamente impressionado o júri do concurso do Instituto de Arquitetos do Brasil Departamento Rio de Janeiro. "É raro o prazer de admirar uma arquitetura tão bem realizada, com tal integração de materiais, linguagem e finalidade resultados" — escreveu o júri, ao lhes conferir o prêmio na categoria de obra construída.

A obra, ainda segundo os jurados, tem "uma linguagem coerente com a Amazônia e desvinculada de estereótipos". Na obra, o concreto foi usado apenas nas lajes de pisos dos banheiros e na laje do ferro da cozinha, todas apoiadas em estalhes feitos nas colunas de madeira. E paredes de alvenaria foram usadas apenas como elemento de vedação.

A valorização dos materiais e técnicas de uso regional é uma constante nas obras de Severiano Mário Porto, um arquiteto ítálico que há mais de 25 anos vem dedicando-se especialmente a trabalhos na região norte do País, elaborando lá o dia-a-dia aquilo que se pode chamar de "uma arquitetura tropical". Não se trata, porém, de um caso isolado.

Em diversos outros pontos do País, cada vez mais os arquitetos estão valorizando os materiais tradicionais como o tijolo e a madeira, além das estruturas de ferro, para erguer a arquitetura brasileira pós-Brasília. O concreto, do qual os modernistas se valeram à exaustão, detestou de ser a matéria-prima fundamental. Estava se tornando monótono e repetitivo. Também está ficando para trás a obsessiva preocupação com a forma e o racionalismo.

"A nova arquitetura brasileira tem outras preocupações. A forma é apenas um dado do problema", diz um de seus representantes mais jovens, o paulista Pitangui do Amparo, em seu "Pequeno Manifesto Sáfico", escrito em 1960. "Funcionalidade, economia, sinceridade construtiva, leitura clara da estrutura e infra-estrutura de suporte da construção, suprimento de acabamentos, a busca da escala humana, dimensionamento para o homem e pelo homem, o dado ecológico. Portanto, arquitetura para ser vivenciada e não apenas vista".

"Talvez a principal linha estética pós-60 seja não haver principal linha estética", diz o arquiteto e pesquisadora de arquitetura Ruth Verde Zein. Para ela, "o pós-moderno tem o moderno como referência-base e trabalha sobre sua linguagem, não há ruptura estrutural", mas revisado, busca, inquietado.

Ruth lembra que o concreto, agora mais restrito às grandes obras, passou por essa revisão. "O início dos anos 70 foi marcado por várias realizações, na linguagem do concreto armado aparente, que exemplificam a chamada arquitetura paulista, uma linha de projeção característica em que há o rompimento com a tradição da linguagem da arquitetura brasileira". A assinalidade das curvas das obras de Oscar Niemeyer tem seu contraponto em obras como a Escola Técnica do Instituto Municipal do Comércio, em Santos, dos arquitetos Décio Torzi e Luiz Carlos Ramos, de volume surpreendente e bastante austero.

Nesses novos tempos, não há lugar para dogmas ou soluções definitivas. O paulista Carlos Bratke que o diga. Nos prédios de escritórios que projetou para a revista Luís Carlo Bertini, na zona sul, há uma experimentação contínua não apenas quanto aos aspectos formais, mas também em relação à estrutura e à execução da obra. Também Luis Arthur Guimarães Navarette não gosta do lugar-comum, prefere a liberdade, tendo como ideal o personagem Fernão Capelo Gaiivota. Na busca de novas trajetórias, em sua "Fábrica dos Trapeiros" de Sorocaba, ele conseguiu um resultado bastante original, mesmo usando elementos tradicionais de arquitetura moderna, como quebra-sóis e jogos de planos.

# jornal da tarde

O SEU CADERNO DE PROGRAMAS E LEITURAS



## NOSSA NOVA ARQUITETURA

Um amplo painel das atuais tendências da arquitetura brasileira será inaugurado na próxima segunda-feira, em Buenos Aires, em mostra promovida pela revista brasileira Projeto, a convite do CAYC (Centro de Arte y Comunicación). São quase 300 projetos de diferentes regiões do País, que mostram que nossa arquitetura não é só Oscar Niemeyer, nem parou na construção de Brasília. Em paralelo, será realizado um simpósio sobre nossa arquitetura, durante uma semana, com a participação de cerca de 80 profissionais, entre eles Severiano Mário Porto e Luis Paulo Conde, do Rio; Eolo Maia, de Belo Horizonte; Julio Katinsky, Carlos Bratke, Tito Livio Fraschino e Fábio Pentecost, de São Paulo.

Essa será a maior mostra da arquitetura brasileira no Exterior. Com isso, o Projeto pretende iniciar um maior intercâmbio sobre arquitetura com países latino-americanos. "As informações de que dispomos hoje são mais da Europa, do Japão e dos Estados Unidos, que têm outra realidade, bem diferente da nossa", justifica Vicente Wissembach, editor da revista. Sem ajuda oficial, a exposição reúne trabalhos desconhecidos, porque muitos deles estão fora do eixo Rio-São Paulo. Daí por que, apesar de planejada só para o Exterior, a mostra virá a São Paulo, onde, desde 1976, quando foi realizada a Bienal de Arquitetura, nunca mais se viu outra exposição de arquitetura brasileira de grande porte.

Nada é mais inovador, contudo, do que a "arquitetura tropical" de Severiano Mário Porto, que em 1971 já fora premiado pelo júri do concurso nacional do IAB com o projeto de uma residência em Manaus, em que utiliza intensamente ilaiba, macaranduba, sucupira e cedro. Nessa mesma linha de trabalho, aproveitando técnicas e materiais regionais em outro exemplo de trabalho, o arquiteto Nelson Serra e Neves, de Fortaleza. Seu projeto para o núcleo agrícola "Vem-radi-Now", erguido no interior do Ceará pelo Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, segue "a melhor tradição da arquitetura popular cearense". A escola do núcleo tem cobertura de taíba e barro sobre calços e ripas de carnaúba. Outra edificação, uma espécie de clube de praia, utiliza também brise soleil de carnaúba para filtrar a luz solar.

Já em Minas Gerais, os arquitetos pós-Brasília têm explorado muito o uso do tijolo, pois esse é material natural naquele Estado. Outro material tradicional que está sendo resuscitado é o tijolo. No caso dos prédios do Centro Administrativo do Sistema Financeiro do BCB, em Barueri, a mistura bem dosada de tijolos com concreto armado serviu para dar ao conjunto uma aparência de leveza, apesar dos quase 70 mil metros quadrados de área construída. O projeto é dos arquitetos Leôncio Machado, Reiner e Juan Francisco Camps Andreu.

Outra característica desta obra é a existência de jardins entre e sobre os prédios, numa tentativa de recomposição da paisagem e amenização dos ambientes de trabalho. Também com interesse ecológico, o arquiteto Pitangui do Amparo procura restituir o verde à cidade, aproveitando a cobertura das residências para vegetação. Sua preocupação pelo ambiente se encontra até em sentido contrário: O caso da sede da Rohr, em São Paulo, é um exemplo. Como o espaço urbano contíguo era pouco agradável, pelo caráter industrial do bairro, a solução da equipe de Roberto Leão foi criar um edifício com quatro pavimentos escalonados, voltados para jardim interno coberto, situado no centro do edifício.

A pré-fabricação e a modulação são outros dados importantes para compor o quadro da nova arquitetura brasileira. No Centro Administrativo da Bahia, com Ruth Verde Zein, "o uso de pré-moldado aliado à construção em laje de plataforma de apoio, a expansão horizontal futura dos edifícios, assim como facilidades à execução e montagem dos pavimentos (teto propriamente dito)". O projeto é de João Figueiras Lima, um dos mais afamados arquitetos pós-Brasília.

Igualmente para as construções escolares e os edifícios industriais, a modulação tem sido uma boa resposta à necessidade de flexibilidade dos ambientes. Um bom exemplo é a sede da Memphis Industrial, em Porto Alegre, onde os módulos em cerâmica armada, com cobertura em pirâmide truncada, permitem diferentes variações de altura e crescimento em várias direções. É obra dos arquitetos Claudio Araújo e Claudio Obino Frola.

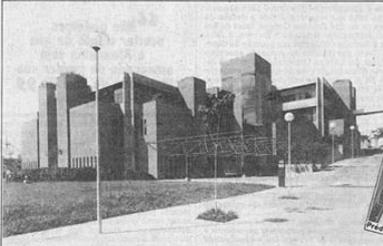
Júlio Moreno



Troncos na estrutura, cavacos no telhado, técnicas regionais. É o projeto de um hotel na Ilha de Silves: uma revolução da nossa arquitetura, na selva amazônica.



Módulo de cerâmica armada, na Memphis de Porto Alegre: a solução do Sul.

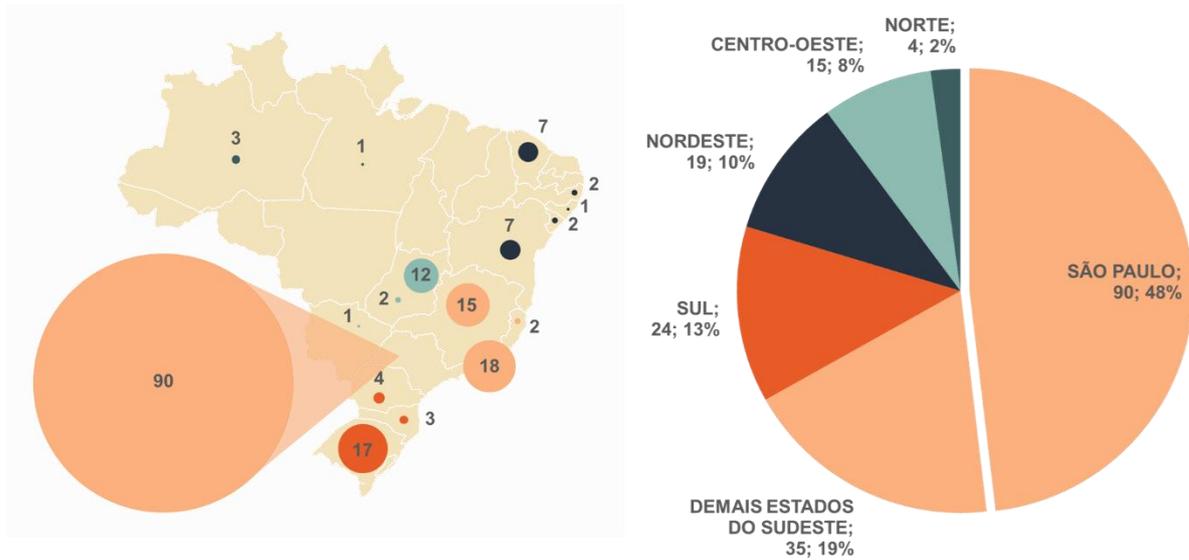


Tijolo, concreto — e jardins sobre os prédios do centro BCB, em Barueri.



Tijolo de Bratke: experimentação contínua.

GRÁFICO 3: DISTRIBUIÇÃO DOS PROJETOS NACIONAIS COMPONENTES DA MOSTRA “ARQUITETURA BRASILEIRA ATUAL” (1983) POR ESTADO E REGIÃO<sup>24</sup>.



FONTE: Elaboração própria. Dados: Catálogo Arquitetura Brasileira Atual, 1983.

Entre essas variadas manifestações, a obra de Severiano Porto na região amazônica ganhou destaque em debates e ilustrou matérias sobre a mostra. O arquiteto carioca já havia sido premiado em 1971 pelo júri do concurso nacional do IAB com o projeto de uma residência em Manaus e, mais uma vez, se sobressaía. O projeto da Pousada da Ilha de Silves, por exemplo, foi estampado em páginas de veículos das impressas nacionais e internacionais (Ver Figura 2 e Figura 3) e, ainda que com tom de surpresa, invocado como modelo revolucionário após a premiação do concurso do IAB-RJ.

O que há de mais revolucionário na arquitetura brasileira, no momento, não está em São Paulo ou no Rio de Janeiro, nem é um grande edifício público ou um prédio de escritórios, como muitos podem imaginar. É um hotel que fica na primitiva ilha de Silves, em plena selva amazônica, a 55 minutos de táxi aéreo – ou 20 horas de ‘motor regional’ – de Manaus. [...] aquilo que se pode chamar de ‘uma arquitetura tropical’. Não se trata, porém, de um caso isolado (MORENO, 1983. *In*: Jornal da Tarde, ago. 1983).

Nesta mesma linha, de “arquitetura tropical”, o trabalho de Néelson Serra e Neves, de Fortaleza, aproveita técnicas e materiais regionais. “A escola do núcleo [Morada Nova] tem cobertura de telha de barro sobre caibros e ripas de carnaúba. Outra edificação, uma espécie de clube recreativo, utiliza também **brise soleil** de carnaúba para filtrar a luz solar”<sup>25</sup>. Em

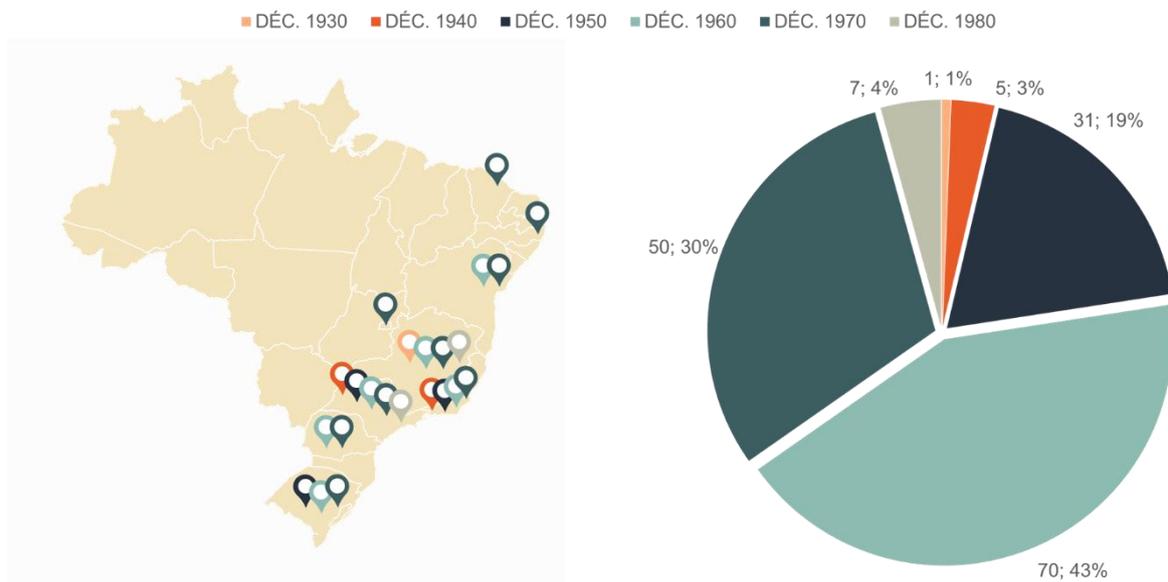
<sup>24</sup>Ao todo o catálogo apresenta 192 projetos, dos quais 187 são nacionais, 3 internacionais (a embaixada do Brasil em Cabo Verde – África Ocidental –, de Elvin Dubugras; e os pavilhões do Brasil em Santa Cruz de La Sierra – Bolívia – e Nairóbi – Quênia –, ambos de Flávio Mindlin Guimarães e Marklen Siag Landa) e 2 não apresentam localização (um complexo turístico em ilha fluvial, de Aleixo Furtado, e um sistema stand containerizado para mostras itinerantes, de Flávio Mindlin Guimarães e Marklen Siag Landa).

<sup>25</sup>MORENO, 1983, grifo do autor. *In*: Jornal da Tarde, ago. 1983

outros estados, como Minas Gerais, o aproveitamento de materiais naturais da região implicaria em propostas diferenciadas, como o uso do aço (MORENO, 1983).

Além dessa vertente regional, que prioriza técnicas e materiais locais, o arquiteto paulista e professor da FAU/USP Júlio Katinsky identificou outras duas tendências representantes dos projetos da exposição. Uma estreitamente vinculada à “linguagem dos primeiros grandes arquitetos brasileiros, tentando estabelecer uma continuidade formal”<sup>26</sup>. Essa, em maior número, incluiu projetos de Abrahão Sanovicz, Miguel Juliano, João Walter Toscano, entre outros. A outra, preocupada em “estabelecer uma relação com essa arquitetura [do movimento moderno], mas não rigidamente, abrindo possibilidades para outras experiências estéticas que enriquecem o vocabulário formal”<sup>27</sup>. São exemplos alguns edifícios de Carlos Bratke e residências de Marco Anastasia (SABBAG, 1983). Posteriormente, em sua tese de doutorado (2003), Spadoni faria uma revisão das tendências desses anos e as organizaria em grupos semelhantes: continuidade e figura, continuidade e expressão e superação da linguagem. Este último, mais inclinado aos revisionismos internacionais, mas incluindo também os regionalismos e outras experimentações. Tratavam-se, como cita o autor, dos “anos de transição” entre o projeto moderno fundador e a cena contemporânea.

GRÁFICO 4: DISTRIBUIÇÃO DOS ARQUITETOS PARTICIPANTES DA MOSTRA “ARQUITETURA BRASILEIRA ATUAL” (1983) POR DÉCADA DE FORMAÇÃO E RESPECTIVOS ESTADOS<sup>28</sup>.



FONTE: Elaboração própria. Dados: Catálogo Arquitetura Brasileira Atual, 1983.

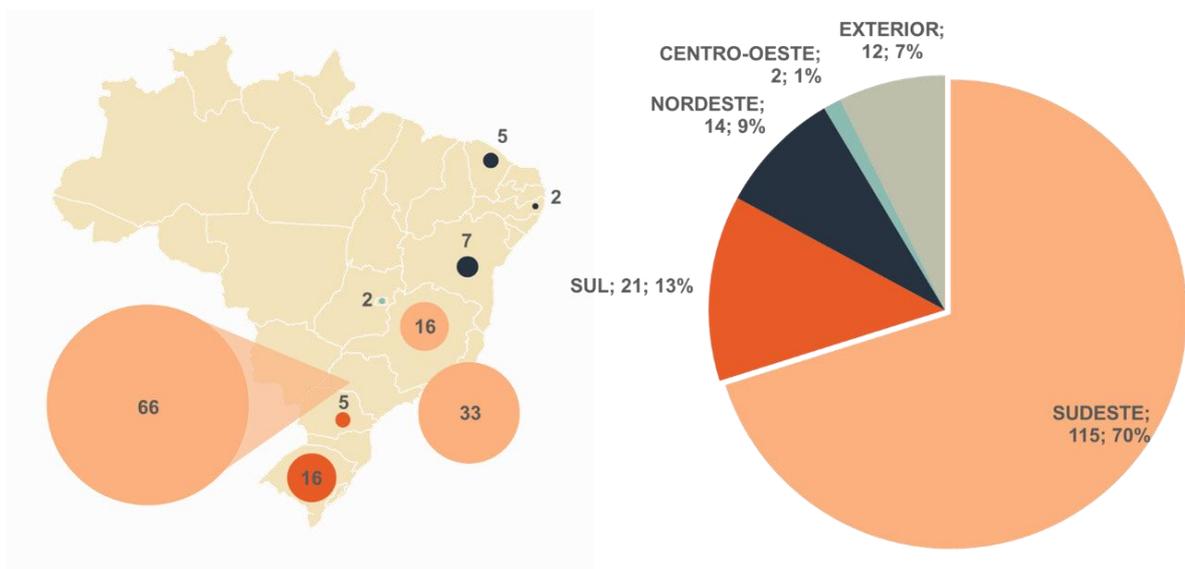
<sup>26</sup>SABBAG, 1983, In: A Construção, n. 1859, p. 8, set. 1983.

<sup>27</sup>Ibidem.

<sup>28</sup>Ao todo o catálogo inclui 166 profissionais, todavia dois deles não estão contabilizados no gráfico: Jurandir Rios Garçoni, por não ter concluído sua formação iniciada na UFPR, e Victoria Braunstein, por não terem sido encontrados dados sobre seu estado ou ano de formação.

Essa variedade de tendências relaciona-se diretamente à coexistência de diferentes gerações<sup>29</sup> de arquitetos atuantes, como a amostragem da Mostra Arquitetura Brasileira Atual pode atestar. Dos 166 profissionais com obras no catálogo, independentes de pertencerem a associações ou não, há gerações formadas dos anos 30 até os anos 80 e o predomínio, inclusive, de jovens profissionais (Ver Gráfico 4). E, se por um lado, há sobreposição de diferentes períodos de formação, por outro, há também a inclusão de centros de formação de das várias regiões do país, com exceção do Norte (Ver Gráfico 4).

GRÁFICO 5: DISTRIBUIÇÃO DOS ARQUITETOS PARTICIPANTES DA MOSTRA “ARQUITETURA BRASILEIRA ATUAL” (1983) POR ESTADO E REGIÃO DE FORMAÇÃO<sup>30</sup>.



FONTE: Elaboração própria. Dados: Catálogo Arquitetura Brasileira Atual, 1983.

Por meio desses dados (Ver Gráfico 4 e Gráfico 5), outro evento pode ser analisado: o processo de dispersão geográfica dos centros formadores de arquitetos no Brasil, afastando-se do eixo São Paulo-Rio de Janeiro. Esse aspecto foi trabalhado por Hugo Segawa no livro *Arquiteturas no Brasil/ Anos 80* (1988) e mais tarde retomado em sua obra *Arquiteturas no Brasil 1900-1990* (1998). Para o professor (SEGAWA, 1998, p. 131), “é possível aventar a hipótese de que houve dois fatores (entre tantos outros) mais significativos na disseminação dos valores da arquitetura moderna através do país”: a criação de escolas de arquitetura e o deslocamento de profissionais entre as regiões. O contato com diferentes contextos culturais e ambientais, por sua vez, refletiu-se na produção arquitetônica e

<sup>29</sup>“La generación es un concepto conexo que indica la acción y efecto de engendrar y se define como ‘la sucesión de descendientes en línea directa’ y generalmente mira hacia delante, hacia los hijos, nietos, bisnietos, etc. En historia, los dos términos se usan indistintamente; el concepto de generación suele usarse para designar grupos de contemporáneos que tienen una ocupación y un enfoque comunes” (CARDINAL, 2012).

<sup>30</sup> Assim como o gráfico anterior, este não contabiliza os nomes de Jurandir Rios Garçon e Victoria Braunstein pelas razões já citadas.

favoreceu um quadro de diversificações de posturas que ganhou notoriedade nos debates, principalmente, a partir dos anos de 1980<sup>31</sup>.

Essa fase de maior preocupação em se reconhecer e discutir as várias arquiteturas dava forma a uma nova unidade histórica<sup>32</sup> da arquitetura nacional: a revisão crítica da arquitetura e da historiografia brasileiras<sup>33</sup>. Não à toa, nessa passagem dos anos de 1970 para os de 1980, importantes publicações acerca da arquitetura do século XX no Brasil somaram-se ao mercado editorial. Entre elas: *Arquitetura Brasileira* (1979), de Carlos Lemos, *O Canteiro e o Desenho* (1979), de Sérgio Ferro, *Arquitetura Contemporânea no Brasil* (1971), de Yves Bruand, traduzida e publicada em português em 1981, e *Arquitetura Moderna Brasileira* (1982), de Sylvia Ficher e Marlene Acayaba (BASTOS; ZEIN, 2015 [2010], p.200). E, mais adiante, um outro conjunto de obras, como *Depoimento de uma geração – arquitetura moderna brasileira* (1987), de Alberto Xavier (org.), *Arquiteturas no Brasil 1900-1990* (1998), de Hugo Segawa e *Brasil: Arquiteturas após 1950* (2010) de Maria Alice Junqueira e Ruth Verde Zein.

Ao longo do século XX, uma maior interdisciplinaridade nas ciências sociais motivou novos olhares nos vários estudos históricos. Os rígidos parâmetros metodológicos cientificistas que, em meados do século XIX, orientavam a história como disciplina acadêmica, deram lugar a uma perspectiva mais ampla de fontes, abordagens teórico-metodológicas e objetos de estudo (JANOTTI, 2008 [2005]). A coexistência desse ambiente de pesquisa com o contexto arquitetônico apresentado favoreceu a união de recursos quantitativos a análises qualitativas e, assim, de estudos como o aqui proposto: a discussão de uma produção a partir do quadro nacional esboçado pelas revistas especializadas.

<sup>31</sup>Essa fase é caracterizada em alguns títulos que tratam desses anos com base nesses direcionamentos. São exemplos: Segawa (2014 [1998]) – Desarticulação e Rearticulação? 1980-1990 – e Bastos; Zein (2015 [2010]) – Novos Rumos 1985-1995.

<sup>32</sup>Ao apresentar o conceito de periodização no livro *El Interior de la Historia: Historiografía Arquitectónica Para Uso de Latinoamericanos* (1990), Marina Waisman notabiliza uma ferramenta recorrente no trabalho histórico: a definição de unidades históricas. Para a autora, essa delimitação, não necessariamente precisa, ocorre por meio da identificação de momentos de mudanças e das causas que as provocaram e permite não só “situar os objetos analisados em um contexto que possibilite sua compreensão”, mas também compreender “a relação desse conjunto maior com a totalidade da história” (WAISMAN, 2013 [1990], p. 57).

<sup>33</sup>Vale ressaltar, como faz Bastos e Zein (2015 [2010]) que, mesmo durante essa fase de revisão da historiografia, muitos autores, em defesa da unidade do moderno brasileiro e em oposição a uma visão de cunho pluralista, persistiram na utilização de um esquema restritivo de apresentação da arquitetura brasileira. O mais comum baseado em três momentos sequenciais – “a. Movimento Moderno (com foco nas realizações cariocas); b. Brasília; c. Pós-Brasília (com foco na multiplicidade de tendências do período após 1980)” (BASTOS; ZEIN, 2015 [2010], p. 51).

## II. DO QUADRO

As revistas especializadas, ligadas a categorias profissionais e com temas de interesse técnico e estudos da área, possuem função, público e linguagem próprios e facilmente tornam-se referência em seu meio (SCALZO, 2011 [2003]). Esse conteúdo, entretanto, está associado ao caráter de parcialidade comum à atividade da escrita. A revista especializada, como tantas outras fontes impressas, delimita e promove quadros da realidade que respondem ao seu respectivo “lugar social”<sup>34</sup>. Em outras palavras, a combinação entre: o cenário sócio-político, econômico e cultural em que atuam e ao qual respondem as revistas (de onde se fala); as regras próprias à instituição mediadora do conteúdo (domínio em que se fala); e os posicionamentos dos que elaboram efetivamente os textos (quem fala). O produto final dessa “operação histórica”<sup>35</sup> equivale a quadros de ditos e não-ditos representativos de determinado contexto e materializados por cada revista.

Reconhecer quadros elaborados pelas revistas *Projeto* e *AU* de 1985 a 1992, a partir das conjunturas levantadas nas edições desse período é o objetivo desta primeira fase de análises. Para isso, contribuições metodológicas da historiografia e do jornalismo foram combinadas na elaboração de um percurso metodológico que trata desde a catalogação ao tratamento dos dados, como é exposto a seguir.

<sup>34</sup>DE CERTEAU, 1982 [1975].

<sup>35</sup>“[...] a operação histórica se refere à combinação de um *lugar social*, de *práticas* ‘científicas’ e de uma *escrita*” (DE CERTEAU, 1982 [1975], p. 66, grifo do autor).

---

## TEMAS DE LONGA DURAÇÃO E META-ACONTECIMENTOS

---

### *Percurso Metodológico*

Quando a obra e o desenho de arquitetura retornaram ao primeiro plano de reflexões do campo arquitetônico, por volta da década de 1970, os estudos históricos e a crítica de arquitetura desenvolveram-se. No Brasil, esse período coincidiu com a gradual abertura político-cultural do regime militar e uma nova fase de periódicos especializados. Neste período, também de crescimento da comunicação de massas, as revistas *Projeto* (1972) e *AU* (1985) conformaram um importante canal de veiculação de crítica e de projetos no país.

As revistas são o meio de publicação entre os jornais (a notícia imediata) e os livros (a informação sacralizada e aprofundada). Em virtude de sua periodicidade – semanal, mensal, bimensal etc. – elas propõem caminhos alternativos para o noticiário, que não só informam, mas também entretêm, mobilizam e trazem análises e reflexões (SCALZO, 2011 [2003]). Para tanto, as revistas elegem *temas de longa duração* para as capas e recorrem a *meta-acontecimentos* como estratégia para conferir novidade ao seu conteúdo (BENETTI; STORCH; FINATO, 2011).

*Temas de longa duração* são temas que podem ser consumidos semanas ou meses após sua publicação. São temas atemporais que perduram na vida cotidiana e recebem diferentes abordagens e perspectivas quando retomados ao longo do tempo. A temática cidade, por exemplo, pode ser tratada ora com ênfase no desenho urbano, ora voltada às políticas públicas, ora discutida frente à legislação, etc., o que orientará essa escolha são os interesses vigentes, apoiados nos *meta-acontecimentos* (BENETTI; STORCH; FINATO, 2011).

*Meta-acontecimento* refere-se ao “evento que permite dizer algo que está além de si” (BENETTI; STORCH; FINATO, 2011, p. 55), como denuncia o prefixo “meta”. São acontecimentos selecionados de forma conveniente, consciente e estratégica como pretexto para os enunciadores tratarem de um *tema de longa duração*. Para além disso, eles também atestam o quanto a revista está em consonância com o momento atual (BENETTI; STORCH; FINATO, 2011).

No jornalismo de revista, este meta-acontecimento de caráter vetorial, cuja primeira função é possibilitar a abordagem de uma temática, está associado ao que se costuma chamar de “gancho”, o evento utilizado para conferir novidade a algo relativamente atemporal. É o mote estratégico, o pretexto para falar de outra coisa (BENETTI; STORCH; FINATO, 2011, p. 55-56).

Um exemplo de *meta-acontecimento* no âmbito desta dissertação foi a premiação do arquiteto carioca Severiano Porto na I Bienal Internacional de Arquitetura de Buenos Aires, em 1985. Esse fato motivou, além de sua notícia propriamente, a publicação de um perfil do arquiteto na revista *Projeto*, que não só discutiu aspectos da produção de arquitetura no país, como também tratou do reconhecimento internacional de uma arquitetura nacional de cunho regionalista. Vale mencionar ainda que o evento ocorreu em maio de 1985 e tais desenvolvimentos fizeram parte da edição de janeiro de 1986.

## A PAUTA

Entre a emergência do acontecimento e sua tradução no noticiário existe um percurso denso, permeado de mediações, que exige análise atenta para a compreensão do fenômeno. Uma das facetas desse processo mostra-se decisiva. Trata-se da produção de pautas que, de antemão, já define aquilo que poderá ser noticiável (HENN, 1996, p. 13).

Via de regra, a pauta pode ser interpretada como a série de critérios que seleciona os acontecimentos que serão narrados nos textos jornalísticos, visto que “[...] as notícias não são os fatos e sim a narração deles” (HENN, 1996, p. 32). Caracterização análoga à sucessão de juízos que separa história e historiografia de acordo com Waisman (2013 [1990], p. 4): enquanto história corresponderia à “realidade dos acontecimentos – no nosso caso, a sucessão dos fatos arquitetônicos” – historiografia corresponderia aos “textos mediante os quais se estuda seu desenvolvimento no tempo”.

Esse filtro que separa a realidade do conteúdo publicado, que é a pauta, estabelece a(s) postura(s) da revista perante os *temas* e *meta-acontecimentos*. Trata-se do perfil editorial somado às condicionantes daquela instituição no período, sobretudo fatores econômicos e técnico-operacionais. Um maior número de correspondentes em determinada localidade, por exemplo, permite uma cobertura mais completa dos eventos que ocorrem nesses limites geográficos.

Assim, traçar conjunturas apresentadas pela *Projeto* e pela *AU* de 1985 a 1992 – que constituem quadros característicos desses anos –, sem ignorar os limites estabelecidos pela pauta, permite analisar a revista a partir dela mesma. Em outras palavras, é uma tentativa de acompanhar o desenvolvimento de temáticas sem estabelecer interpretações desvinculadas do cenário próprio dessas publicações. No caso de temas mais específicos, como a arquitetura produzida no Nordeste, já trabalhados em outras investigações, este fato implica em não ter como ponto de partida julgamentos prévios acerca do objeto da pesquisa e, talvez, desta forma, ampliar as perspectivas até então apresentadas sobre o assunto.

## AS UNIDADES TEMÁTICAS

O trabalho histórico exige uma articulação do contínuo histórico que, ao definir unidades, permita situar os objetos analisados em um contexto que possibilite sua compreensão, ao mesmo tempo em que seja possível a relação desse conjunto maior com a totalidade da história (WAISMAN, 2013 [1990], p. 57).

A periodização consiste no reconhecimento de unidades históricas ao longo do tempo. A partir da observação de uma série de características, que diferenciam uma fase da outra, os limites dessas unidades são fixados em momentos, mais ou menos precisos, que revelam mudanças e as causas que as provocaram. Se, para a arquitetura na Europa, a delimitação de períodos baseava-se fundamentalmente em critérios estilísticos, para a arquitetura na América Latina, cujo desenvolvimento estilístico não apresenta uma lógica de continuidade coerente, as condições socio-político-econômicas e exigências programáticas da sociedade – circunstâncias a-estéticas – mostram-se mais pertinentes como padrões de estudo da produção arquitetônica (WAISMAN, 2013 [1990], p. 58-59).

A fim de identificar diferentes conjunturas no decorrer das edições, fazia-se necessário encontrar uma variável que perdurasse no tempo, independentemente das significativas mudanças socio-político-culturais do final do século XX, e que não só viabilizasse a representação de cenários sobre arquitetura, como também constasse nas duas revistas. Dada a própria estrutura desse tipo de publicação, foram eleitos os *temas de longa duração* para essa finalidade e, a partir de suas continuidades ou descontinuidades temporais, foram estabelecidas fases que constituíram esse quadro maior da arquitetura em ambas revistas.

FIGURA 4: CAPAS DAS EDIÇÕES 03 (NOV. 1985), 05 (ABR. 1986) E 10 (FEV./MAR. 1987), RESPECTIVAMENTE, DA REVISTA *AU*.



FONTE: Acervo LAPTEM.

A escolha dos temas baseou-se numa leitura geral da amostragem das duas revistas, mas, principalmente, nas quinze primeiras publicações da revista *AU* (Ver Figura 4). Por serem edições temáticas, estas já apontaram para *temas de longa duração* de interesse geral dos arquitetos. Foram eles, em ordem: o XV Congresso Mundial da UIA; Brasília; Espaço habitado; Pós XII Congresso Brasileiro de Arquitetos; Ensino; Patrimônio; Avaliação cultural, política e urbanística de 68 e 86; A produção arquitetônica brasileira contemporânea; Cidade; Amazônia; Tecnologia; “Fazer do momento”; Ofício; Le Corbusier; Oscar Niemeyer.

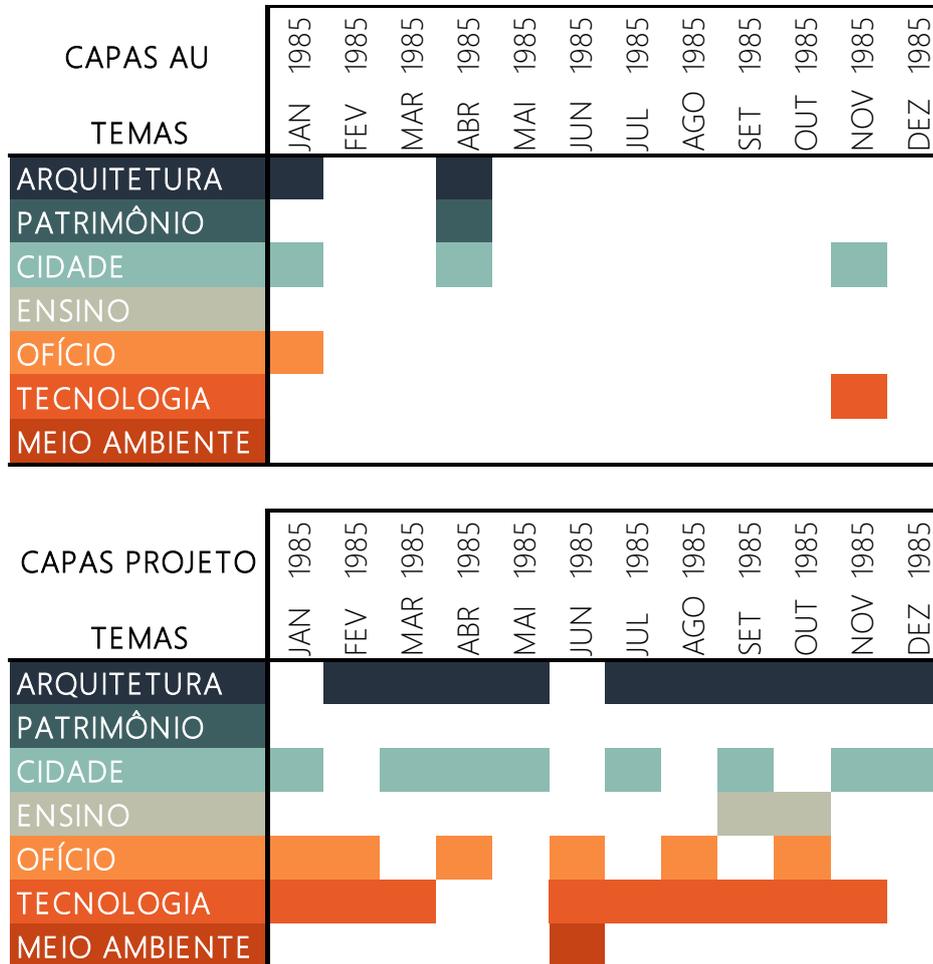
Após uma triagem para subtrair os casos de muita especificidade e somar os de maior similaridade, foram elencados como *temas de longa duração* para análise nesse trabalho: Arquitetura, Patrimônio, Cidade, Ensino, Ofício, Tecnologia e Meio Ambiente. São orientações para classificação de conteúdos segundo esses temas:

- **Arquitetura** (ênfase em arquitetura nova, tendências, linguagem, Movimento Moderno, pós-modernismo, panoramas da arquitetura);
- **Patrimônio** (ênfase em memória, identidade, restauro, revitalização, reconstrução);
- **Cidade** (ênfase em cidades novas, desenho urbano, políticas públicas, legislação urbana, problemas urbanos, paisagem, sistemas de transporte, metropolização, qualidade do espaço construído);
- **Ensino** (ênfase em currículo mínimo, ensino da história, concursos para estudantes);
- **Ofício** (ênfase em legislação profissional, entidades profissionais, fazer arquitetônico, perfis de arquitetos, concursos);
- **Tecnologia** (ênfase em materiais e técnicas construtivas, informatização, industrialização, sistemas computacionais);
- **Meio ambiente** (ênfase em sustentabilidade, preservação ambiental, economia de energia).

Como as temáticas selecionadas são amplas a ponto de constarem em quase todas as edições, foi adotado como critério a classificação temática apenas dos elementos de capa das publicações, mais precisamente a imagem e as chamadas. As capas reúnem os elementos responsáveis por atrair leitores e apresentam, por conseguinte, os temas que o editorial julga de maior interesse à categoria no período. Desta forma, estas fornecem o principal termômetro para identificar mudanças de fase e são matéria-prima do Diagrama Unidades Temáticas (Ver Diagrama 3), que é a base para uma primeira aproximação com as conjunturas buscadas e início das análises. O diagrama sinaliza se no conteúdo da capa de determinado mês e ano consta algum dos temas selecionados nesta pesquisa. Vale

mencionar que uma mesma chamada ou a imagem da capa podem estar vinculados a mais de um tema.

DIAGRAMA 3: MODELO DE DIAGRAMA UNIDADES TEMÁTICAS.



FONTE: Elaboração própria. Dados: Revistas *Projeto* e *AU*; Acervos LAPEM e LPPM.

### META-ACONTECIMENTOS E CONJUNTURAS

Os acontecimentos configuram a matéria bruta essencial do mundo jornalístico. Boa parte das operações processadas neste ambiente buscam, em última instância, dar conta dos acontecimentos que se proliferam infinitamente no planeta, selecionando-os e ordenando-os segundo codificações que misturam regras técnicas, interesses diversos, como também apelos de grande carga subjetiva e emocional (HENN, 1996, p. 59).

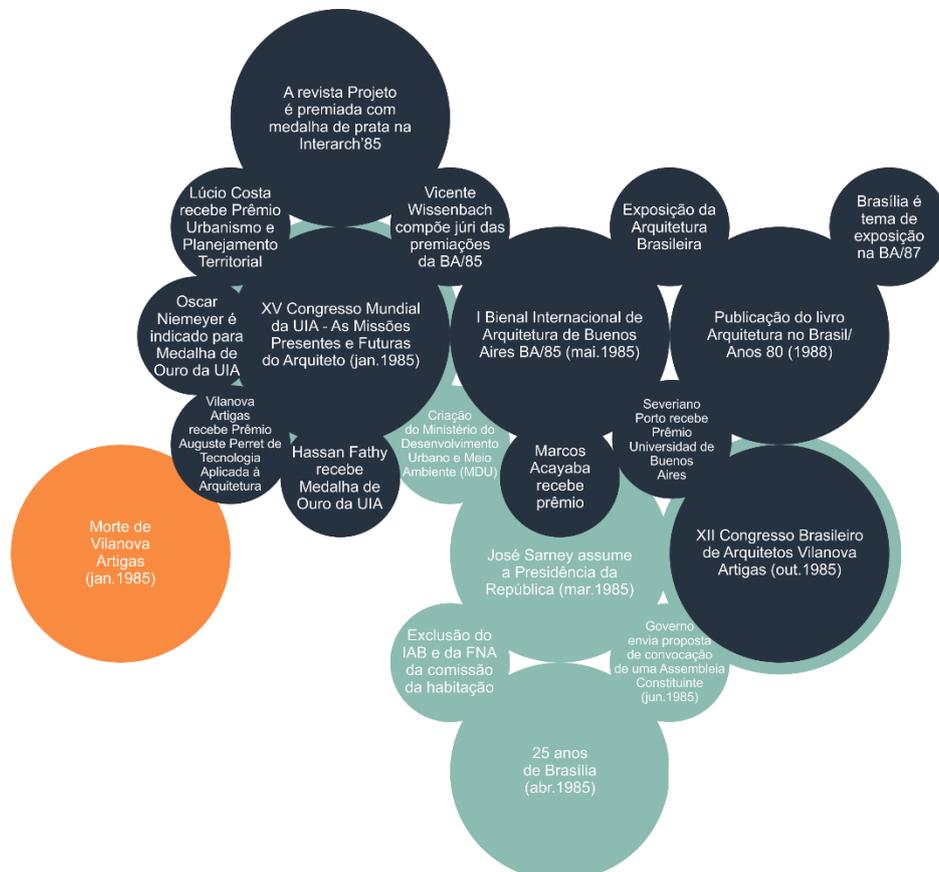
Na atividade jornalística, uma série de acontecimentos da realidade motivam a elaboração da pauta e a discussão de um tema em detrimento de outro. Nas revistas, os acontecimentos passam pelo filtro da linha editorial e informam, também, quais os eventos mais relevantes ou noticiáveis segundo o enunciador jornalístico. Ainda que sua função

primeira seja a de atribuir atualidade aos *temas de longa duração* tratados na publicação, o acontecimento detém também o caráter de *meta-acontecimento*, ou seja, permite informar além do fato em si (BENETTI; STORCH; FINATTO, 2011).

Dada sua contribuição, o *meta-acontecimento* é a próxima variável incluída nas análises. Para melhor compreender as conjunturas arquitetônicas esboçadas pela continuidade ou descontinuidade dos temas, foram registrados *meta-acontecimentos* de maior repercussão que, vinculados aos temas de longa duração, alimentaram a construção dos quadros elaborados nesse trabalho.

A seleção dos meta-acontecimentos deu-se nas páginas equivalentes à capa, ao editorial e ao sumário das revistas. O primeiro foi eleito pelas mesmas justificativas citadas em relação aos temas, enquanto os dois últimos foram incluídos em virtude de sua capacidade de complementação, já que o sumário contém resumos de conteúdos destacados na edição e o editorial orientações sobre os maiores interesses do período. Esse modelo de diagrama, Sistemas de Meta-acontecimentos (Ver Diagrama 4), aproxima os meta-acontecimentos nos âmbitos temporal e temático, assim como explicita quando um meta-acontecimento faz parte de outro maior (representado de maneira menor e associado a outros eventos).

DIAGRAMA 4: MODELO DE DIAGRAMA SISTEMAS DE META-ACONTECIMENTOS.



FONTE: Elaboração própria. Dados: Revistas *Projeto* e *AU*; Acervos LAPEM e LPPM.

**QUADRO SÍNTESE DA METODOLOGIA DE ANÁLISE**

Esses dois elementos jornalísticos problematizados em Benetti, Storch e Finatto (2011) – *temas de longa duração e meta-acontecimentos* – constituem o cerne da metodologia utilizada neste trabalho. Eles foram combinados com os conceitos instrumentais de Waisman (2013 [1990]) e resultaram em dois diagramas – UNIDADES TEMÁTICAS e SISTEMAS DE META-ACONTECIMENTOS – cujas estruturas são expostas no Quadro 1.

QUADRO 1: QUADRO SÍNTESE DA PRIMEIRA ETAPA DE ANÁLISES

<b>OBJETIVO:</b>	<b>RECURSO:</b>	<b>CONCEITOS:</b>	<b>INSTRUMENTO:</b>
Reconhecer os quadros elaborados pelas revistas Projeto e AU, representativos dos anos de 1985 a 1992 no âmbito da arquitetura.	Capa	Periodização, Continuidade/ Descontinuidade (WAISMAN, 1990); Temas de longa duração (BENETTI; STORCH; FINATO, 2011)	Diagrama Unidades Temáticas
	Capa, editorial e sumário	Pauta (HENN, 1996); Acontecimento (HENN, 1996); Meta- acontecimento (BENETTI; STORCH; FINATO, 2011); Durações históricas (WAISMAN, 1990)	Diagrama Sistemas de Meta- acontecimentos

FONTE: Elaboração própria.

**SOBRE A AMOSTRAGEM**

A amostragem dessa pesquisa corresponde às revistas *Projeto* e *AU* publicadas de 1985 a 1992, mais precisamente um total de 89 exemplares da revista *Projeto* e 45 exemplares da revista *AU*. Inicialmente, as edições foram consultadas no Laboratório Projeto Ensino e Memória (LAPEM), da Universidade Federal de Sergipe e, atualmente, os dados são

complementados pelo acervo do Laboratório Pesquisa Projeto e Memória (LPPM), da Universidade Federal da Paraíba.

### **DIAGRAMA UNIDADES TEMÁTICAS: PRIMEIRAS IMPRESSÕES**

A partir do Diagrama Unidades Temáticas (Ver Diagrama 5), fica evidenciada a assiduidade do tema arquitetura. A revista *Projeto*, como aponta sua denominação, tem enfoque sobre a obra, o edifício. E, por meio da apresentação de projetos e elaboração de panoramas, muito dedica-se à linguagem, ou tendências, expressas nas construções. Esse mesmo comportamento ganha espaço na revista *AU* com a finalização das edições temáticas, que dá lugar a uma versão da publicação com seções bem definidas e temas diversos. A pluralidade da produção de arquitetura desses anos, por sua vez, garante uma amostragem diversa a ser reconhecida e discutida, bem como “revelada” à cena internacional. Não à toa a repercussão no Primeiro Mundo é sempre apontada com grande entusiasmo em várias ocasiões.

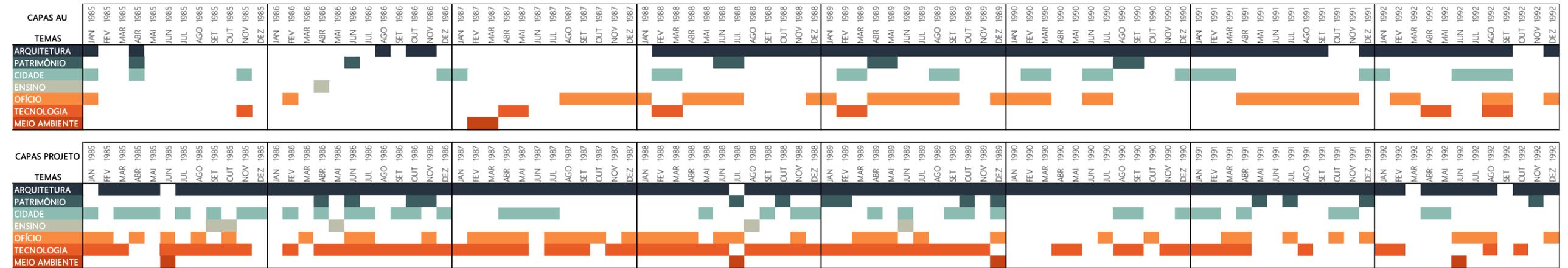
O tema patrimônio tem alguns pontos altos na amostragem, ora vinculados a conquistas brasileiras dentro e fora do país, ora associados a denúncias de desmontes nos órgãos reguladores ou mesmo de ações destrutivas sobre o acervo de arquitetura. Independentemente do tipo de evento, a política vigente é sem dúvida uma grande promotora das discussões, sobretudo quando o assunto não é a intervenção de restauro em si. Outro tema que se relaciona diretamente com política é cidade. Num momento inicial, a necessidade de políticas públicas voltadas ao planejamento urbano e, principalmente, à habitação, combinados à maior abertura proporcionada pela redemocratização, motivaram muitos debates. Logo depois, a possibilidade de agir junto à Assembleia Constituinte ou de cobrar soluções dos novos candidatos acerca da crise instaurada, trouxe o tema mais uma vez aos holofotes.

Os temas ensino e meio ambiente tiveram uma aparição muito limitada nas capas. As menções associadas ao ensino estavam mais voltadas a noções de informática no processo de projeção, currículo mínimo e à busca pela atualização da universidade. Apesar de apresentar diferentes casos de tratamento da teoria e da prática no ensino de arquitetura, essa temática não obteve maiores desenvolvimentos ao longo do tempo, ocorrendo pontualmente. O tema meio ambiente, também citado poucas vezes, obteve maior frequência a partir da popularização de questões da ecologia e sustentabilidade durante a década de 1990. Antes disso, foi vinculado à apresentação de alguns projetos por meio da ideia de economia de energia, mas também sem grandes repercussões.

O tema ofício estabeleceu-se por meio de duas situações principais: homenagens a determinados profissionais e suas trajetórias, principalmente nos primeiros anos da amostragem, e também cobranças aos governantes ou discussões de modus operandi de escritórios, estes sobretudo quando a crise econômica do país gerou grandes impactos nas atividades dos arquitetos.

O tema tecnologia, por fim, reunia informações acerca de materiais ou técnicas construtivas à apresentação de projetos. Assim, motivou discussões da ordem de linguagem, como em algumas obras regionalistas, como também da informatização na projeção de arquitetura e da utilização dos novos recursos na solução de problemas sociais maiores, caso do déficit habitacional.

DIAGRAMA 5: DIAGRAMA UNIDADES TEMÁTICAS CORRESPONDENTE AOS ANOS DE 1985 A 1992 NAS REVISTAS PROJETO E AU.



Fonte: Elaboração Própria.

## QUADRO NACIONAL

---

*Conjunturas Nacionais*

### A CHANCELA INTERNACIONAL

A revista *AU* estreou na cena arquitetônica em janeiro de 1985 e, nesta primeira fase, explorou o formato de edições temáticas. Com o apoio do Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB), também representante dos arquitetos brasileiros em eventos mundiais, o periódico número um da *AU* dedicou-se ao XV Congresso Mundial da União Internacional dos Arquitetos (UIA), a ser realizado no Cairo/Egito em janeiro do mesmo ano, e apresentou um amplo painel desse encontro.

Os Congressos Mundiais possuem grande importância no setor e, como outros eventos internacionais, ampliam o intercâmbio entre profissionais para além das fronteiras políticas, econômicas ou culturais que compõem suas formações e atuações. O Congresso do Egito, por sua vez, adquiriu um significado ainda maior após a notícia de que três arquitetos brasileiros foram adicionados à lista de homenageados. Apesar da notável participação do Brasil em congressos internacionais anteriores<sup>36</sup>, a inclusão de Lúcio Costa, Vilanova Artigas e Niemeyer, referências marcantes da produção de arquitetura no país, representou um grande momento de reconhecimento mundial.

Enfim, qual o significado desses mestres homenageados? Concorde-se ou não, eles têm sido referências marcantes para os arquitetos<sup>37</sup>, seja como fonte de reflexão ou aprendizado. Ao premiá-los, a UIA está reconhecendo

<sup>36</sup> Vale mencionar “a ampla repercussão obtida nas Assembléias [sic] da UIA de Sofia (1972) e Veneza (1975), com proposta brasileira para que a UIA defenda o caráter cultural nacional da arquitetura, condenando toda forma de hegemonia econômica e cultural como força auxiliar do neocolonialismo. Deve-se registrar, também, a considerável repercussão que obteve dentre as delegações latino-americanas no Congresso da UIA de Madri (1975), a tese brasileira sobre Criatividade Cultural e Dependência Tecnológica” (MAGADAN, 1985. *In*: *AU*, n. 1, jan. 1985, Depoimento).

<sup>37</sup> Enquanto produzia um “Roteiro” da Arquitetura Moderna Paulistana, junto a Alberto Xavier e Eduardo Corona, editado pela Pini, Carlos Lemos relata: “pudemos apreciar com a maior clareza a influência de Artigas sobre nossos jovens arquitetos. Na seleção de exemplares representativos apropriados ao quadro geral que desejávamos mostrar naquele roteiro, tivemos a ocasião de examinar centenas de projetos dos mais diversificados profissionais e vimos, então, que a obra de Artigas havia sido assimilada amplamente e, nesse processo, ocasionando o surgimento de exemplares de mais variada qualidade. Alguns bons trabalhos foram selecionados para justamente patentear essa influência que não impediu a concepção de uma obra arquitetônica digna e bela. As meras cópias, as interpretações canhestras, e até mesmo caricaturais, evidentemente, foram postas de lado e elas foram numerosíssimas e naturalmente não participam do verdadeiro quadro da arquitetura paulistana e tão somente demonstram o grande carisma de Artigas emulando a maioria incompetente” (LEMONS, 1985. *In*: *AU*, n. 1, jan. 1985, p. 24-25).

toda a produção arquitetônica e urbanística brasileira. Afinal, mais do que produto social e projeto para um povo, o trabalho de nossos mestres é contribuição a toda humanidade (PINI, 1985. *In*: AU, n. 1, jan. 1985, p. 13).

Lúcio Costa recebeu o prêmio “Urbanismo e Planejamento Territorial” e obteve, enfim, o reconhecimento internacional. O arquiteto João Batista Vilanova Artigas conquistou pela segunda vez um dos maiores prêmios mundiais de arquitetura, atribuído pela UIA a cada três anos – o prêmio “Auguste Perret”, de tecnologia aplicada à arquitetura. Oscar Niemeyer foi um dos indicados a receber a medalha de ouro da UIA, premiação criada recentemente (AU, n. 1, jan. 1985).

A revista Projeto reforçou esse cenário de maior reconhecimento da arquitetura produzida no Brasil no exterior com a cobertura feita sobre a I Bienal Internacional de Arquitetura de Buenos Aires (BA/85), realizada em maio de 1985. A Projeto participou ativamente desse evento e assumiu a atribuição do Centro de Arte y Comunicación (CAYC) e da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Buenos Aires de organizar uma exposição da arquitetura brasileira. Também nesta ocasião, o editor da revista, Vicente Wissenbach, integrou o júri formado quase exclusivamente por arquitetos e colaborou com as premiações do evento, duas delas para arquitetos brasileiros.

A Bienal de Arquitetura de Buenos Aires permitiu, mais uma vez, a afirmação da criatividade, beleza e modernidade da arquitetura brasileira. Além dos prêmios conquistados por Severiano Porto e Marcos Acayaba, as exposições que levamos, com o apoio cultural da Duratex e Eletropaulo, foram as mais elogiadas pelo público e pelos críticos presentes. As obras e projetos apresentados pelos brasileiros despertaram a atenção de todos e, invariavelmente, provocavam a pergunta: por que o Brasil não organiza uma bienal latino-americana? E ficava difícil de explicar, diante de tanta beleza e força de produção, que as autoridades ligadas à cultura, a grande imprensa e os críticos não davam muita atenção à nossa produção. Difícil explicar isso num país onde todos os grandes jornais possuem um suplemento semanal de arquitetura, onde as exposições de arquitetura despertam as atenções do grande público... Enfim, vamos torcer para que, na Nova República, a arquitetura brasileira reconquiste seu lugar” (WISSENBACH, 1985. *In*: Projeto, n. 76, jun. 1985, Carta do Editor).

Ambos eventos, o XV Congresso Mundial da UIA e a I Bienal de Arquitetura de Buenos Aires, destacaram uma outra vertente de discussões em voga no período: as questões de tecnologia e cultura traduzidas na linguagem arquitetônica. Tanto a maior premiação desse evento - Universidad de Buenos Aires -, dada a Severiano Porto, quanto a medalha de ouro da UIA, que premiou o arquiteto Hassan Fathy do Egito, foram destinadas a representantes de uma produção dita regional e engrandecidas justamente por essa aproximação técnica-cultural.

## QUANTAS LÍNGUAS FALAM OS ARQUITETOS?

O evento de Buenos Aires valorizou, com a premiação de Severiano Porto, “a simbiose entre o moderno e a herança nativa e, a partir daí, sua capacidade de identificar uma cultura” (ACAYABA; Marlene, 1985. *In*: Projeto, n. 77, jul. 1985). E, se por um lado o júri internacional, “compreendeu a qualidade de seu esforço em trabalhar características regionais através da apropriação e reelaboração de técnicas e materiais tradicionais” (PROJETO, n. 83, jan. 1986), por outro, alguns dos presentes, a princípio, trataram sua obra como algo folclórico e exótico no sentido pejorativo (PROJETO, n. 83, jan. 1986).

Na avaliação do júri, o trabalho de Severiano, embora fascinasse a todos, foi considerado primitivo por alguns. Vicente [Wissenbach] provou o contrário. Argumentou, através dos projetos da mostra brasileira, que a obra de Severiano não se limitava ao hotel que ora concorria. Apresentou-o como um arquiteto capaz de produzir nas mais variadas circunstâncias, empregando desde os materiais industriais até os mais rudimentares. Expôs, assim, não o pensamento de um primitivo, mas de um pluralista. Demonstrou que não se trata de projetar desta ou daquela, mas desta e daquela forma (ACAYABA; Marlene, 1985. *In*: Projeto, n. 77, jul. 1985).

Apesar da maior divulgação de suas obras empregando madeira na região amazônica, Severiano tem uma produção variada e, como outros profissionais, provoca divergências quanto às interpretações e rotulações de suas posturas. Num mesmo artigo da revista Projeto, por exemplo, são expostas duas diferentes leituras de sua arquitetura. A primeira vincula sua atuação ao pós-moderno. A segunda, questiona essa qualificação e situa o arquiteto entre a Arquitetura Moderna e o Regionalismo; também associa sua obra à adaptação dos postulados genéricos que caracterizam a arquitetura moderna brasileira e ao “que Browne denomina ‘a outra modernidade’, percorrendo caminhos alternativos que não deixam de ser tributários da herança moderna” (PROJETO, n. 83, jan. 1986).

Essa digressão é necessária para esclarecer uma questão levantada durante o último congresso de arquitetos, em Belo Horizonte, onde um colega definiu Severiano Porto como “pós-moderno”. À parte a total impropriedade desse termo, o qual costuma acarretar observações ainda mais impróprias (como a de que deveríamos percorrer e esgotar uma “modernidade” antes de chegarmos ao “pós” etc.), há de fato um *quid* nesse tal de pós-moderno que merece nossa atenção, no que tange principalmente ao debate crítico dos dogmatismos da modernidade, quase sempre cristalizações formais/conceituais sedimentadas já um tanto tardiamente. Mas daí a rejeitar a modernidade em bloco vai uma longa distância (PROJETO, n. 83, jan. 1986).

Ao observar o quadro da arquitetura brasileira após Brasília, Ruth Verde Zein fez a única afirmação genérica que julgou adequada para tratar dessa produção: diversidade. “Diversidade de materiais e técnicas, nas características regionais, nas ênfases estéticas” (ZEIN, 1985. *In*: Projeto, n. 75, mai. 1985). Se as utopias da modernidade eram sociais,

genéricas e, conseqüentemente, produziam modelos; estas deram lugar a utopias contextuais, que, apropriando-se das diversidades disponíveis e das exigências pragmáticas da realidade, ampliaram o território de atuação dos arquitetos e seus repertórios estéticos e conceituais (ZEIN, 1985. *In*: Projeto, n. 75, mai. 1985).

A ampliação, geográfica e programática, do campo de trabalho dos arquitetos, bem como de seus sentidos estéticos e conceituais, inviabilizou classificações das produções com o risco de criar simplificações que atrapalhassem a percepção do todo. Então, nesta análise da arquitetura proposta por Zein, em 1985, a autora traçou algumas reflexões agrupando manifestações assemelhadas a partir de contextos<sup>38</sup> e deu início a um exercício que findou, em 1987, na definição de cinco temas representativos dos interesses dos arquitetos: reciclagem, arquitetura dos negócios, cidade da especulação, arquitetura como ofício e técnica e regionalismos (ZEIN, 1987. *In*: Projeto, n. 104, out. 1987). Este último, regionalismos, de grande repercussão nos eventos e publicações.

A modernidade, afirmam os filósofos, é essencialmente ambígua e contraditória. Também o é, e talvez em grau maior, essa etapa da cultura que chamamos pós-modernidade: a perda da unidade da cultura arquitetônica conduziu, por um lado, à destruição e ao vazio e, por outro, à possibilidade da livre expressão, de tal modo que aquelas que eram apenas expressões periféricas puderam encontrar seu lugar no mundo e ocupar um lugar central em suas respectivas sociedades. Chame-se a isso regionalismo ou como quiserem, mas essas arquiteturas fazem centro, onde quer que estejam (WAISMAN, 1990. *In*: Projeto, n. 129, jan. fev. 1990).

A década de 1980 foi marcada pelas revisões dos ideais de modernidade e a busca por modelos representativos de uma perspectiva local de interpretação. Propostas que orientassem uma leitura a partir da própria região e não alheia a ela, como aquelas desenvolvidas no âmbito dos Seminários de Arquitetura Latino-americana (SAL) e das Bienais Internacionais de Arquitetura de Buenos Aires. Segundo Cristian Cox (1991. *In*: Summa, n. 289, 1991), um grande colaborador desse debate, “é importante ter em mente que, apesar do desafio histórico ser visto como genérico e comum - 'a modernidade' - as respostas históricas a esse desafio são sempre *sui generis*, heterogêneas, plurais: 'as modernidades'<sup>39</sup>. E

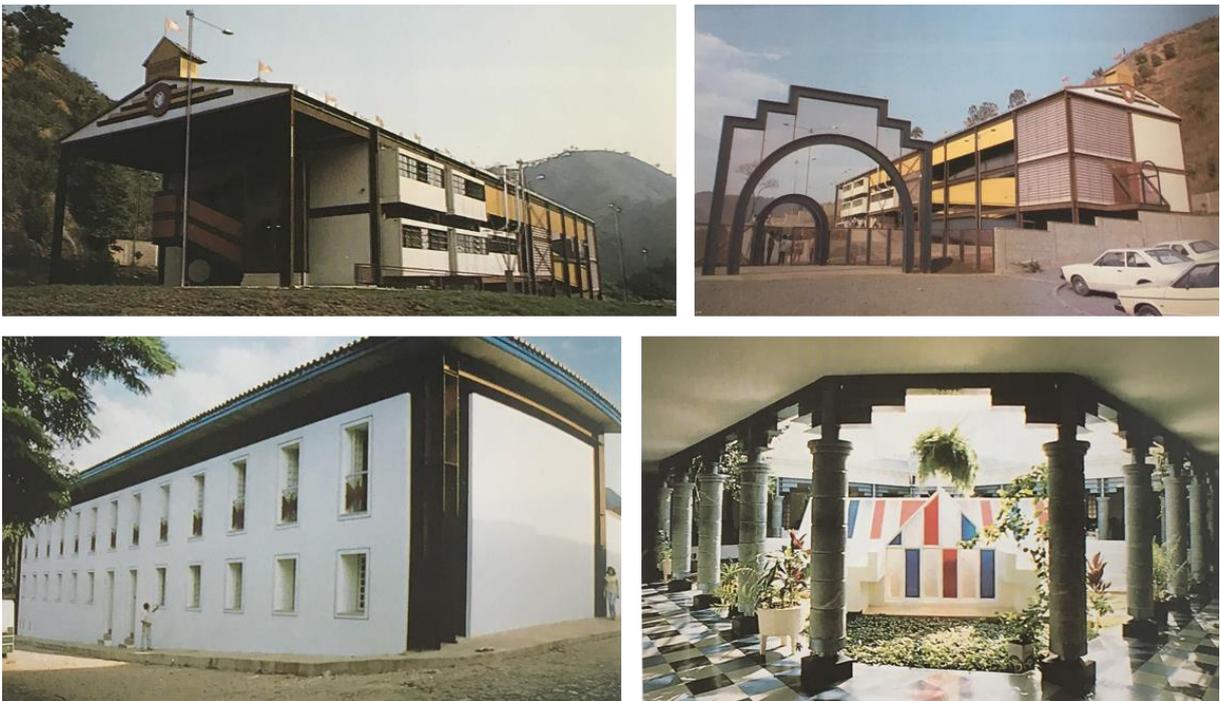
<sup>38</sup> São elas: a **cidade dos negócios**, que concentra boa parte do trabalho dos arquitetos, por meio de seus espigões, da arquitetura bancária e financeira ou dos edifícios para a administração governamental direta e indireta; o **ecletismo**, que, mais notadamente observado entre os mineiros, vinha renovando o panorama dominado pela tradição modernista; o modelo de **arquitetura paulista**, que, apesar de ser restrito em termos de profissionais, tempo e espaço, tem características espaciais e construtivas que sobreviveram e foram adaptadas; as **utopias e o exercício profissional**, que por vezes privilegiaram manifestações que colaboravam para uma imagem de unidade na arquitetura, mas, no momento, assumem ou questionam essa herança de maneira variada; e, por fim, a utilização do termo **pós-moderno** sem uma elaboração a partir de nossa realidade brasileira.

<sup>39</sup>Livre tradução. No original: “Es importante tener presente que no obstante que el desafío histórico puede verse como genérico y común – ‘la modernidad’ – las respuestas históricas a dicho desafío son siempre *sui generis*, heterogêneas, plurales: ‘las modernidades’”.

complementa: “Toda modernidade deve ser *sui generis* (apropriada) não só para ser autêntica em relação a sua identidade peculiar, mas também para ser autenticamente uma ordem produzida: autenticamente uma modernidade”<sup>40</sup> (COX, 1991, grifo do autor. *In*: Summa, n. 289, 1991).

Paralelamente às discussões em torno do regionalismo, o debate sobre o pós-moderno ganhou especial atenção na ocasião do XII Congresso Brasileiro de Arquitetos Villanova Artigas, realizado em Minas Gerais, em outubro de 1985. O chamado ecletismo mineiro (ZEIN, 1985. *In*: Projeto, n. 75, mai. 1985), marcado pela obra do trio de arquitetos Éolo Maia, Sylvio de Podestá e Josefina de Vasconcellos, por vezes foi vinculado ao “pós” e as provocações em torno de suas obras (Ver Figura 5), a começar pelo cartaz de divulgação do congresso (Ver Figura 6), animaram os debates.

FIGURA 5: (ACIMA) GRUPO ESCOLAR CACHOEIRA DO VALE (MG/1983) E (ABAIXO) PALÁCIO EPISCOPAL (MG/1983), POR ÉOLO MAIA, JOSEFINA DE VASCONCELLOS E SYLVIO DE PODESTÁ.



FONTE: Arquiteturas no Brasil/ Anos 80, 1988. Acervo LPPM.

Toda a rebeldia de quem rompe dogmas e signos sacralizados está no símbolo do XII Congresso Brasileiro de Arquitetos: a igreja barroca de São Francisco de Assis, obra de Aleijadinho (des) integrando-se, fundindo-se com um traço leve, livre, pós... Um toque de provocação que exprime toda a efervescência do debate atual do fazer arquitetura [...] Entretanto, a explicação para esse posicionamento dos arquitetos não pôde circular durante o Congresso, pois o IAB/M.G. não concordou em publicar o memorial que acompanhava o desenho, classificado de “muito radical”. Éolo não

<sup>40</sup>Livre tradução. No original: “Toda modernidad debe ser *sui generis* (apropriada) no solo para ser autêntica respecto de su identidad peculiar, sino igualmente para ser autenticamente un orden producido: autenticamente una modernidad”.

concorda, defendendo: “estamos querendo fugir do radicalismo da arquitetura moderna e propor uma arquitetura mais inesperada, independente de uma linha rígida, linear”... (PEDREIRA, 1985. *In*: AU, n. 4, fev. 86, p. 51).

FIGURA 6:CAPA DA REVISTA PROJETO N.81 (OUT. 1985) QUE DESTACA O CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DO XII CONGRESSO BRASILEIRO DE ARQUITETOS VILANOVA ARTIGAS.



FONTE: Acervo LAPEM.

O XII Congresso Brasileiro de Arquitetos Vilanova Artigas, assim intitulado em homenagem ao mestre paulista que faleceu em janeiro do mesmo ano, apontou “um novo horizonte”<sup>41</sup>, com “a urgência de uma arquitetura vinculada à realidade e às necessidades básicas – ‘físicas e espirituais’ do homem latino-americano, mas sem perder de vista suas referências universais” (WOLF, 1985. *In*: AU, n. 4, fev. 86, p. 8). Uma proposta que foi recebida com certa resistência, mas que paulatinamente passou a ter mais espaço na revista *Projeto*, principalmente por meio da produção do trio mineiro Éolo Maia, Josefina de Vasconcellos e Sylvio de Podestá (Ver Figura 5).

[...] O que o pós-moderno propõe [...] é um rompimento com a estéril racionalidade de quando achávamos que estávamos certos, para abrir espaço à dúvida, à contradição, à linguagem codificada dos símbolos, às interpretações dúbias, à incerteza, à angústia, coisas essas que bem se inscrevem na temática de nosso tempo [...] Gostaria de pensar que são outros os tempos e que, ao tentarmos formular nossa própria linguagem de revolta, fôssemos buscar as palavras não nos capitéis dóricos ou em frontões envidraçados, mas nos amplos beirais, no aconchego das varandas, na magia dos azulejos, nas soluções que, expulsas dos grandes centros pela passagem avassaladora do progresso, continuaram sendo adotadas em nossa pacata e ensolarada arquitetura vernácula [...] (ROMANO, 1985. *In*: Projeto, n. 75, mai. 1985, Carta do Leitor).

A disparidade de opiniões sobre o pós-moderno refletia a pluralidade de posturas e de interpretações das obras no período e também a fragilidade em torno dos rótulos. Ainda em

<sup>41</sup>WOLF, 1985. *In*: AU, n. 4, fev. 86, p. 8.

1985, Ruth Zein expunha que os estudos brasileiros abordavam o termo sob a perspectiva dos países desenvolvidos e que havia a necessidade de explorá-lo a partir da realidade brasileira antes de incorporá-lo às análises.

Essas considerações são necessárias ao se constatar que, até agora, só temos visto análises do assunto (refiro-me às brasileiras) que elaboram exaustivas pesquisas do fenômeno, situando-o extramuros, ou seja, como ele vem ocorrendo em todo o Primeiro Mundo, para concluírem, num passe de mágica, pelo horror por esses “pastiche”, ou pela desilusão por não estarmos engajados neles há mais tempo (ZEIN, 1985. *In*: Projeto, n. 75, mai. 1985).

Em 1987, em sua avaliação de quinze anos de produção de arquitetura (ZEIN, 1987. *In*: Projeto, n. 104, out. 1987), a autora vinculou o pós-moderno à temática da reciclagem fazendo menção à apropriação de ideias historicistas. Até este momento o próprio Éolo Maia não se auto enquadrava na categoria: “Avesso aos rótulos, seja pós-modernista ou arquiteto de província, Éolo Maia assume, sem constrangimentos, a veia brega que às vezes incorpora a seus projetos” (AU, n. 13. Ago. Set. 1987); no entanto era notório o aperfeiçoamento desses debates e os avanços referentes à crítica de arquitetura no país e a partir dele.

Na arquitetura, a reciclagem pode abranger desde o clássico restauro (que é sempre refuncionalização, pois se recuperam coisas, mas dificilmente se mantêm usos e costumes ultrapassados) até o pós-moderno na vertente de apropriação historicista, bem raro entre nós. Pode-se ainda citar a reciclagem de espaços do século XX, principalmente na revisão crítico-engajada dos ideais da modernidade, ou mesmo apenas de suas concepções formais (ZEIN, 1987. *In*: Projeto, n. 104, out. 1987, p. 100).

Um país de grandes dimensões como o Brasil, detém aspectos físicos e culturais tão diversos quantos as possíveis modernidades que lhe são apropriadas: da busca por referências internacionais ou de outras regiões, até a relação mais estreita com o ambiente local. Esses extremos de linguagens, condições naturais, econômicas, tecnológicas, materiais e culturais são fortemente impressas no livro *Arquiteturas no Brasil/ Anos 80* (Ver Figura 7). Essa publicação soma aos quatro cadernos regionais anteriormente publicados na revista *Projeto* (edições 114 a 117), sete textos que contribuem com a reflexão de arquitetura desses anos. Trata-se de “um trabalho pioneiro, que procura identificar as tendências da arquitetura brasileira nos anos 80, a partir de levantamentos realizados a nível regional”<sup>42</sup>, cujo objetivo é “valorizar e, ao mesmo tempo, integrar as arquiteturas praticadas no país”<sup>43</sup>.

<sup>42</sup>PROJETO (org.). **Arquiteturas no Brasil/ Anos 80**. São Paulo: Projeto, 1988.

<sup>43</sup>Ibidem.

FIGURA 7: CAPA DO LIVRO *ARQUITETURAS NO BRASIL/ ANOS 80* (1988) (ESQUERDA) E DIVISÕES DOS CADERNOS REGIONAIS (DIREITA).



FONTE: Acervo LPPM.

Desde a capa, o livro permite observar a coexistência de diversas posturas arquitetônicas numa mesma década (Ver Figura 7). Por meio de duas imagens demonstra o tradicional e o novo – do ponto de vista de materiais e técnicas construtivas –, o Norte (quente) e o Sul (frio) – extremos do país desde os aspectos físicos aos socioculturais. Os quatro cadernos apresentados estão organizados segundo regiões do país (Ver Figura 7) e, ao todo, conta com 180 projetos. O primeiro refere-se ao Nordeste e Norte, mais precisamente os estados de Alagoas, Amazonas, Bahia, Ceará, Pará, Paraíba, Pernambuco, Piauí e Roraima; o segundo refere-se ao Sul e seus três estados (Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina); o terceiro une Centro-Oeste (Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Brasília) a Minas Gerais e Espírito Santo; o quarto dedica-se aos estados do Rio de Janeiro e São Paulo.

Esse levantamento organizou uma significativa base material para reconhecimento e discussão da arquitetura nacional do período. Em contrapartida, importantes encontros de arquitetos foram inviabilizados pelas dificuldades econômicas do país no final da década e sinalizaram uma fase de retração nos eventos e diálogos. O XIII CBA, previsto para 1989 foi adiado para a década seguinte e restou aos profissionais levantarem questões para o evento de 1990 no I Congresso Estadual de Arquitetos de São Paulo, realizado em outubro. No

âmbito internacional, a Exposição “Deconstructivist Architecture” no Museu de Arte Moderna de Nova York, com curadoria de Philip Johnson, em 1988, abriu espaço para o Desconstrutivismo nos debates das revistas *Projeto* e *AU* e a III Bienal Internacional de Arquitetura de Buenos Aires, em 1989, também motivou debates.

### TUDO AO MESMO TEMPO AGORA

“Em todo mundo, segundo dados da UIA, somos hoje 700 mil arquitetos para uma população de cerca de quatro bilhões. Em alguns países, existe um arquiteto para cada dois ou três mil habitantes; em outros, a proporção é de um arquiteto para cada 500 mil ou mesmo um milhão. Nos países mais desenvolvidos, frequentemente os arquitetos intervêm em 30 a 50% da construção do espaço habitado e, nos países mais atrasados, subdesenvolvidos, só intervêm apenas em 10% e, às vezes, até menos. Paralelamente, a proporção da construção dentro da economia nacional se aproxima de 15% do PNB no primeiro caso, enquanto no segundo, esta proporção pode ir até 50% do PNB” (MAGADAN, 1985. *In*: AU n. 1, jan. 1985, Depoimento).

Esse quadro esboçado pela UIA e vinculado à temática do XV Congresso Mundial no Cairo (“As Missões Presentes e Futuras do Arquiteto”) explicitou as disparidades e contradições vinculadas ao trabalho dos arquitetos nos vários territórios. A tais dados o IAB somou um perfil da realidade brasileira (AU, n. 1, jan. 1985), que concluiu que o modelo político e econômico vigente propiciou a marginalização da população e reforçou um cenário no qual há amplas carências habitacionais, urbanas e sociais. No Brasil, essa atitude de traçar um perfil da realidade do país já vinha numa crescente e tomou maiores proporções à medida em que se desenvolvia a redemocratização.

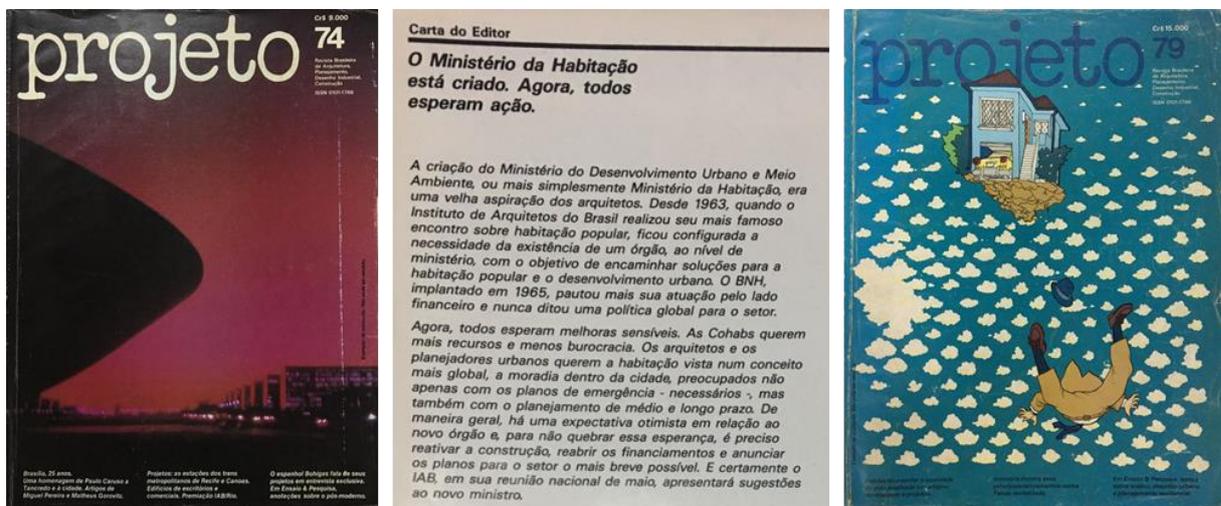
Em março de 1985, José Sarney assumiu a Presidência da República e, entre as suas primeiras medidas, criou o Ministério do Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente (MDU). Esse feito foi suficiente para alimentar as expectativas dos arquitetos que, mesmo antes da finalização do Regime Militar, participavam da luta pela democracia e buscavam trazer propostas para os problemas sociais e urbanos que assolavam o país. Um grande passo nesse sentido, foi a realização do XI Congresso Brasileiro de Arquitetos em 1982 (Salvador – BA) com o tema “O Arquiteto e a Gestão democrática da Cidade”.

Nesse cenário de redemocratização, os 25 anos de Brasília foi um meta-acontecimento que permitiu ricas discussões nas revistas *AU* e *Projeto*. Pois, para além dos debates em torno da arquitetura e urbanismo modernos, vinculados ao projeto da capital, os contrastes entre o espaço planejado e a periferia desordenada alimentavam os debates

acerca dos vários problemas que assolavam o ambiente urbano e estavam reproduzidos em Brasília: crescimento urbano acelerado, déficit habitacional, favelamento, entre outros.

A realidade histórica não permitiu, no entanto, que Brasília fosse a cidade idealizada por seus criadores. A proposta de uma cidade para 500 mil habitantes, em 25 anos transformou-se numa realidade metropolitana de um milhão e meio de habitantes esparramando-se em cidades-satélites, favelas, invasões, num crescimento incontrolável, até agora, e que necessita de urgentes medidas de controle, nesta fase da vida nacional”.

FIGURA 8: (DA ESQUERDA PARA A DIREITA) CAPA EM HOMENAGEM AO ANIVERSÁRIO DE BRASÍLIA (PROJETO, N. 74, ABR. 1985); DETALHE DE CARTA DO EDITOR SOBRE CRIAÇÃO DO MINISTÉRIO DA HABITAÇÃO (PROJETO, N. 75, MAI. 1985); CAPA COM CHARGE DE PAULO CARUSO EM CRÍTICA AO PROBLEMA HABITACIONAL (PROJETO, N. 79, SET. 1985).



FONTE: Acervo LAPTEM.

“[...] A partir da sua inserção profissional, cultural e social no processo de conquista do progresso e da liberdade em nosso país”<sup>44</sup>, era tarefa do arquiteto trazer suas contribuições. Assim, o envio ao Congresso de uma proposta do governo de convocação de uma nova Assembleia Nacional Constituinte no Brasil (jun. 1985) e, tão logo, o início dos debates formais sobre a nova constituição, tornou imperativo a discussão dos conteúdos urbanos e sociais em torno da atividade da arquitetura. O XII Congresso Brasileiro de Arquitetos, em outubro de 1985, motivou reflexões nesse sentido e retomou, “com a mesma propriedade histórica do Seminário de Habitação e Reforma Urbana de 63, a questão do Espaço Habitado” (PINI, 1985. *In*: AU, n. 3, nov. 1985, Editorial).

O Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB) mobilizou-se e, por meio de reuniões e alguns estudos – como a avaliação dos vinte anos de atuação do Banco Nacional da Habitação (BNH) pelo IAB-RJ (Projeto, n. 75, mai. 1985) – enriqueceu os debates. Por essa razão, a exclusão

<sup>44</sup>INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL – DIRETORIA NACIONAL; FEDERAÇÃO NACIONAL DOS ARQUITETOS; DEPARTAMENTO DA BAHIA DO IAB; SINDICATO DE ARQUITETOS NO ESTADO DA BAHIA. **Programa**: XI Congresso Brasileiro de Arquitetos Bahia 82. Salvador: ABC Gráfica Offset, 1982.156 p.

do IAB e da Federação Nacional dos Arquitetos e Urbanistas (FNA) da comissão da habitação foi recebida com bastante protesto (Ver Figura 8) (Projeto, n. 79, set. 1985).

Apesar disso a categoria não se ausentou do diálogo. Quando declarada a falência do Sistema Financeiro da Habitação (SFH), o IAB, em convênio com o MDU, preparou um seminário (mai. 1986) com o tema “A reformulação do Sistema Financeiro da Habitação e a Nova Política Urbana”. O resultado foi um evento de grande abrangência, com participação de várias entidades representativas da sociedade. No mesmo mês, a 74ª Reunião do Conselho Superior do IAB (Cosu), em Vitória – ES, discutiu o seminário e organizou suas propostas. O debate adquiriu respaldo técnico e popular e a mobilização assumiu uma posição mais estruturada.

A polêmica em volta do projeto de reurbanização da cidade de São Paulo, no início de 1986, foi outro meta-acontecimento que potencializou o debate. A fim de promover revitalizações e o adensamento dos bairros centrais, a obra previa inúmeras desapropriações, confiscos e demolições, inclusive em áreas tombadas pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (Condephaat). A sobreposição dos interesses político e econômico aos sociais denunciava a emergência da reforma urbana, afinal “preservar não é tombar, reurbanizar não é arrasar” (NELSON, 1986. *In*: Projeto, n. 86, abr. 1986, Capa).

Inverter agora esse processo de ocupação anárquica, tentar uma saída, significa lutar contra a maré. Mas é preciso lutar. E a arma provavelmente mais eficiente para esse fim é o debate em favor da urgência de uma política urbana capaz de propiciar munição para a sociedade e bom instrumento de ação para o governo. E isso segundo um enfoque democrático em que a sociedade tenha a maior influência (OLIVEIRA; WISSENBACH, 1986. *In*: Projeto, n. 89, jul. 1986, Carta do Editor)

Não obstante os esforços da categoria, o final de 1986 foi marcado pela falência do BNH e sua finalização por decreto. Ainda não havia diretrizes para criação de políticas habitacional ou urbana, porém a proximidade da Assembleia Nacional Constituinte garantia alguma esperança. Os arquitetos engajaram-se no debate da constituinte e, inclusive, realizaram candidaturas para compor a Assembleia que entraria em vigor no início de 1987. Levaram o assunto à 76ª Cosu, em Brasília (abr. 1987), e produziram o documento intitulado “Arquiteto e a Constituinte”, destinado à Subcomissão da Questão Urbana da Assembleia Nacional Constituinte. Aqui se fortalecia a associação entre as entidades IAB, FNA e ABEA (Associação Brasileira do Ensino de Arquitetura), responsáveis por sua elaboração.

O tema da reforma urbana não se limitou ao plenário da constituinte e, em 1987, foi conteúdo de outros encontros, como o XII Encontro Nacional dos Sindicatos de Arquitetos (ENSA), em Brasília. A habitação social, por sua vez, ganhou enfoque nas campanhas

mundiais da Organização das Nações Unidas (ONU) – Ano Internacional Para Abrigo das Pessoas Sem Teto – e esteve presente em algumas ações nacionais, como o IV Prêmio Brasilit de Arquitetura, voltado à “Habitação para maioria em clima tropical”. Todavia permaneceu sem medidas concretas rumo à reforma por parte do governo brasileiro.

## QUALIDADE DE VIDA E MEIO AMBIENTE

Os sucessivos planos econômicos e a aprovação do texto final da constituinte não garantiram a necessária estabilidade política e econômica nos últimos anos da década de 1980. Em 1989, após algumas mudanças de nomenclatura, a dissolução do Ministério da Habitação (PROJETO, n. 119, mar. 1989) reacendeu o debate sobre os problemas urbanos e habitacionais, mas, sobretudo, integrou a discussão sobre qualidade de vida urbana que estava em desenvolvimento. Era ano das primeiras eleições presidenciais por voto direto e a mobilização social era crucial para cobrar os posicionamentos dos candidatos frente a questões centrais como essas (PROJETO, n. 123, jul. 1989).

Durante 1985 já havia estudos e questionamentos acerca da qualidade dos espaços produzidos, todavia mais voltados ao âmbito arquitetônico. Publicavam-se matérias sobre desempenho e ventilação em conjuntos habitacionais, por exemplo. Porém, com o passar dos anos, esta avaliação ampliou seus limites à escala da cidade. Uma maior consciência política e social e o fortalecimento do sindicalismo, avivaram pensamentos dessa natureza, mas, principalmente, iniciativas. Em 1988, ganhava destaque na revista *Projeto* as intervenções das entidades contra a construção de uma fábrica de celulose às margens do Rio Guaíba, no Rio Grande do Sul, que não atendia anseios da população.

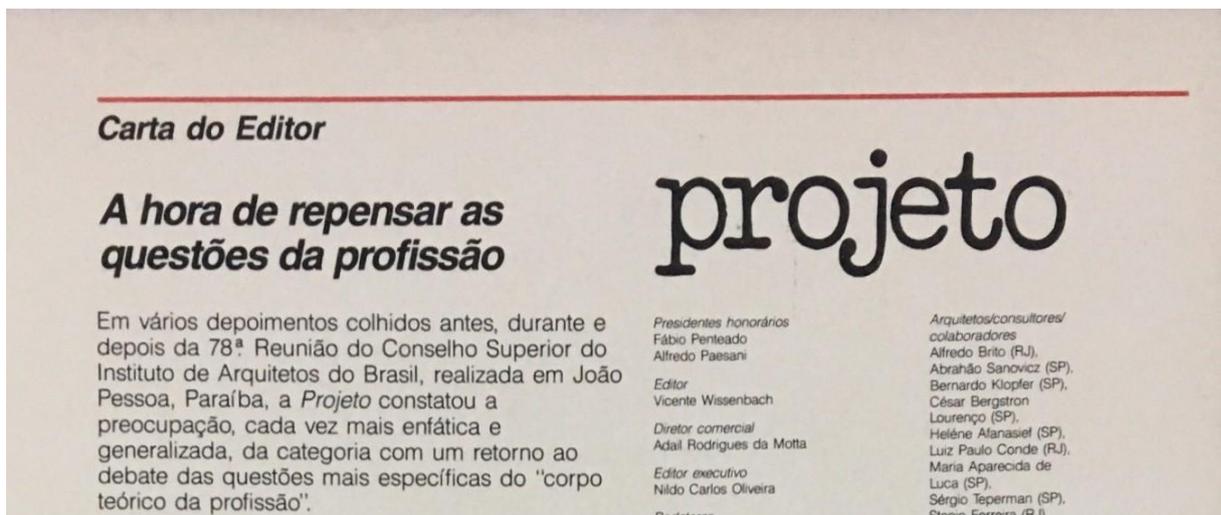
No ano seguinte, também no Rio Grande do Sul, o estabelecimento de uma legislação contra a intensa verticalização, na contramão da maioria das cidades brasileiras, refletia a consolidação de ações em prol da qualidade de vida nas cidades (PROJETO, n. 122, jun. 1989). Segundo Borsói (PROJETO, n. 122, jun. 1989, Sumário), desde os anos 50 Recife passava por uma empreitada semelhante, contudo sem obter o mesmo êxito. Contra os edifícios soltos no lote, travava-se uma luta em busca de diretrizes para disciplinar o crescimento e a expansão das cidades.

Essa condição de maior sustentabilidade no ambiente construído ocorria igualmente em relação ao ambiente natural. Havia uma crescente tendência mundial voltada ao uso responsável dos recursos e ao cuidado com o meio ambiente. Assim, eram frequentes nas revistas preocupações como a conservação de energia, visto a sua relação direta com a construção civil e a possibilidade de uma crise energética na década de 1990.

Anteriormente à promulgação da Constituição brasileira, esse olhar ecológico obteve grande destaque na edição número 10 da revista *AU* (fev. mar. 1987), quando o tema – Amazônia – foi elaborado por meio de estudos sobre seu território, sua cultura e sua arquitetura, e desenvolveu-se teses sobre sua ocupação ecológica. Somente ao final da década a temática retornou aos holofotes, sobretudo com eventos e discussões preparatórias para a 2ª Conferência Mundial de Meio Ambiente e Desenvolvimento (Eco-92). No Brasil, por exemplo, foi promovido pela Secretaria de Meio Ambiente do Estado de São Paulo e Fundação Memorial da América Latina o seminário “Avaliação de Impacto Ambiental na América do Sul: Perspectiva Ambiental para os Anos 90”, com o objetivo de “desenvolver propostas comuns para um modelo de desenvolvimento sustentado, que tenha como uma de suas ferramentas básicas o estudo de impacto ambiental (EIC)” (PROJETO, n. 139, mar. 91, p. 101), para, então, levar à Eco-92 “posições claras sobre o enfoque particular que as questões de meio ambiente têm em países do chamado Terceiro Mundo, ampliando sua capacidade de negociação frente às nações desenvolvidas” (PROJETO, n. 139, mar. 91, p. 101).

## O RETORNO AO DEBATE DAS QUESTÕES DA PROFISSÃO

FIGURA 9: DETALHE DE CARTA DO EDITOR "A HORA DE REPENSAR AS QUESTÕES DA PROFISSÃO" (PROJETO, N. 109, ABR. 1988)



FONTE: Acervo LAPEM.

Após a 78ª Reunião do Conselho Superior do Instituto dos Arquitetos do Brasil (CoSu/IAB), realizada em João Pessoa, Paraíba, “a *Projeto* constatou a preocupação, cada vez mais enfática e generalizada, da categoria com um retorno ao debate das questões mais específicas do ‘corpo teórico da profissão’” (OLIVEIRA; WISSENBACH, 1988. *In*: *Projeto*, n.

109, abr. 1988, Carta do Editor). Muito embora esse anseio pela discussão dos problemas da profissão não significasse a exclusão das questões políticas dos diálogos, como coloca Nildo Carlos e Vicente Wissenbach (PROJETO, n. 109, abr. 1988, Carta do Editor), essa revisão de interesses marca uma mudança significativa na participação dos temas de cunho político nas duas revistas, agora reduzidos, sobretudo em relação à ênfase que antes recebiam em eventos e publicações.

Com esse intuito, alguns IABs começaram a organizar encontros, em suas sedes, com participação de arquitetos renomados, para aprofundar temas estreitamente relacionados ao trabalho profissional, criatividade, incorporação de novos valores à arquitetura e perspectivas culturais desse segmento (PROJETO, n. 109, abr. 1988, Carta do Editor). Tal qual um reflexo dessa realidade, as revistas passaram a publicar mais matérias voltadas à atuação profissional. A AU, inclusive, inaugurou na edição 17, de abril/maio de 1988, uma seção denominada Escritórios, na qual é possível acompanhar uma perspectiva mais mercadológica da arquitetura, por meio de escritórios tratados como empresas brasileiras.

Cada escritório de arquitetura tem seu modo próprio de projetar, *modus operandi* marcado quase sempre pelo estilo ou filosofia do profissional que lhe empresta o nome ou coordena os projetos. Neste número, AU abre a seção Escritórios que vai pesquisar esse universo, revelando como projetam, captam clientes e vencem concursos escritórios de todo o país (grifo deles, AU, n. 17, abr. maio 1988, p. 83).

Essa tendência, no entanto, não era uma preocupação apenas nacional. Durante o XVIII Encontro Pan-Americano de Arquitetos, em Havana (mai. 1988), foi eleito como tema para o congresso seguinte, a ser realizado em 1990, no Canadá, o tema “Culturas e tecnologias”. O objetivo era “responder às fortes tensões existentes dentro da profissão, em todo o mundo, como reflexo das tensões e conflitos de toda ordem no conjunto da sociedade” (OLIVEIRA; WISSENBACH, 1988. *In*: Projeto, n. 111, jun. 1988, Carta do Editor). Embora se tratasse de uma necessidade global, frente aos efeitos da informatização, tecnologia, meio ambiente etc., era hora de discutir as inquietações que emergiam fora dos limites dos países superdesenvolvidos.

Fazia-se necessário discutir as novas dinâmicas colocadas pela informática, com os novos métodos computacionais, e pelos avanços tecnológicos da construção civil, dos materiais às técnicas utilizadas. Em 1985, tais assuntos já eram objeto de interesse dos arquitetos, como atestam matérias, seções e até algumas séries da revista *Projeto*, porém, ao final da década, ainda encontravam resistência quanto à sua adesão no país.

A tecnologia de estruturas metálicas vem evoluindo rapidamente mas ainda existem obstáculos no rumo de sua expansão técnica e econômica. Os sistemas hoje disponíveis no mercado, não atingiram o desejável estágio de intercambialidade de peças. E a maior parte dos arquitetos não tem

experiência em projetar com estruturas metálicas – o emprego do aço, no Brasil, é um problema cultural (PROJETO, n. 119, mar. 1989, Sumário).

Mesmo correspondendo a respostas rápidas e eficazes a problemas graves e urgentes, como o déficit habitacional, por vezes a construção industrializada deparava-se com dificuldades de ordem econômica e cultural. Não à toa, muitos dos projetos publicados, que faziam uso dos novos recursos, seguiam a linha dos programas arquitetônicos contemplados por investimentos do governo, a exemplo de edificações da área da saúde (1985) e da educação (1986). Os planos de investimentos eram parte fundamental nos rumos da construção civil. Assim, diferentes setores da indústria frequentemente se reuniam em eventos, como a Feira Nacional da Construção (FENACON), para avaliar o mercado e cobrar soluções do poder público em prol da estabilidade econômica. Muitas mesas-redondas, inclusive, foram intermediadas pela revista *Projeto*.

A crise deflagrada após o Plano Collor I, direcionou as preocupações ao trabalho dos arquitetos e ao funcionamento dos escritórios: “a maior parte dos escritórios fechou e mesmo os grandes atuam precariamente” (PROJETO, n. 131, abr. mai. 1990, p. 53). Fabricantes registraram queda na produção e redução dos serviços e muitos projetos, já em andamento, foram paralisados ou cancelados; mas, passada a maior onda dessa recessão, foi possível observar algum caminho de evolução na arquitetura. O ano de 1990 foi marcado pela realização de concursos públicos de arquitetura – a exemplo do Concurso do Museu de Arte de Belo Horizonte, o concurso do Bexiga e o concurso para a concepção de um núcleo urbano em Campinas – e, num panorama bastante sombrio, encontrou espaço para a criatividade e trabalho em equipe.

No segmento da arquitetura houve diversas ocorrências que carecem de maiores reflexões. Inúmeros escritórios sucumbiram e outros sobreviveram, redimensionados, escapando da maré alta da recessão. Reformularam planos, mudaram o perfil de suas atividades e se abriram ao leque de novas opções de trabalho. Houve escritórios que dinamizaram o relacionamento com o mercado externo. Além daqueles que se associaram a escritórios de países próximos a fim de desenvolver projetos específicos (CARLOS, Nildo. *In: Projeto*, n. 137, dez. 1990, Atos e Fatos).

Outra consequência dessa fase de crise foi o impacto negativo na representação e/ou participação do país em eventos internacionais, freando uma situação anterior de maior internacionalização (Ver tópico: Internacionalização e coroação). Em 1990, o 5º Seminário Latino-Americano (SAL) que estava programado para o mês de outubro, em Porto Alegre, foi transferido para Santiago, no Chile, e, no ano seguinte, a participação brasileira na Expo 92/Sevilha com pavilhão próprio foi cancelada para participação no pavilhão coletivo latino-americano, restando, desse polêmico concurso, apenas a discussão do processo de desenvolvimento da arquitetura brasileira.

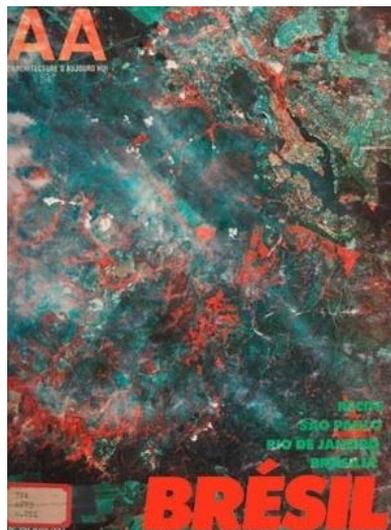
Com referência ao Concurso Nacional de Anteprojetos de Arquitetura para a Escolha do Pavilhão do Brasil na Expo 92/Sevilha, lamento informar vossa excelência de que, por decisão presidencial, o governo brasileiro não mais se fará representar na Expo 92 com pavilhão individual.

A crise internacional e o momento de austeridade interna desaconselham a confirmação, junto às autoridades competentes espanholas, da participação do Brasil com pavilhão próprio (PROJETO, n. 139, mar. 1991, p. 62).

## INTERNACIONALIZAÇÃO E COROAÇÃO

Em 1987, “ano da divulgação da arquitetura brasileira no exterior” (PROJETO, n. 91, set. 1986, Carta do Editor), o Brasil alcançou importantes conquistas no âmbito internacional. A articulação da Direção Nacional do IAB conseguiu o retorno do país ao Conselho da União Internacional dos Arquitetos (UIA) e o Brasil foi escolhido como sede do grupo de trabalho sobre patrimônio da arquitetura da mesma entidade. Desde 1986, por sua vez, publicações internacionais em revistas de renome explicitavam esse olhar estrangeiro voltado à arquitetura produzida no Brasil: na edição de agosto de 1986 da revista inglesa *Architectural Review*, o arquiteto e teórico do Movimento Archigram, Peter Cook, afirmou que “Oscar Niemeyer está uma vez mais sendo aclamado como herói e tornou-se, outra vez, o brado no pensamento das bases e criações da nova arquitetura” (OHTAKE, Ricardo. *AU*, n. 13, ago. set. 1987, p. 73); e, em junho de 1987, foi editado um número dedicado a arquitetos brasileiros na revista francesa *l'Architecture d'aujourd'hui* (Ver Figura 10).

FIGURA 10: CAPA DE EDIÇÃO MONOGRÁFICA DEDICADA A ARQUITETOS BRASILEIROS NA REVISTA FRANCESA L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI (N. 257, JUN. 1987).



Fonte: *l'Architecture d'aujourd'hui*, n. 257, jun. 1987. Disponível em: [https://vitruvius.com.br/media/images/magazines/grid\\_9/ddd1\\_498-01.jpg](https://vitruvius.com.br/media/images/magazines/grid_9/ddd1_498-01.jpg). Acesso em: 02 Jul. 2023.

Ao final de 1987 um novo marco: Brasília foi elevada a Patrimônio Cultural da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). É válida a menção de Lúcio Costa (PROJETO, n. 106, dez. 1987 jan. 1988, Carta do Editor) “à inventiva e beleza da obra *architectônica* de Oscar Niemeyer, bem como à diligência e ao empenho – o zeloso empenho – do governador José Aparecido” entre os fatores da escolha. Porém, da mesma forma, vale ressaltar a repercussão internacional de Brasília nesse mesmo ano. A cidade foi tema de exposição durante a II Bienal de Arquitetura de Buenos Aires (BA/87), em outubro e, antes disso, foi alvo de críticas pelo marxista estadunidense Marshall Berman (Projeto, n. 103, set. 1987). Também circularam reflexões sobre a cidade a partir da proposta de Lúcio Costa para preservação das características fundamentais do plano-piloto de Brasília e a implementação de novas áreas habitacionais. O projeto intitulado “Brasília Revisitada” foi apresentado ao governo do Distrito Federal e discutido e aprovado pelo Conselho de Arquitetura, Urbanismo e Meio Ambiente (CAUMA) (PROJETO, n. 100, jun. 1986).

FIGURA 11: (DA ESQUERDA PARA A DIREITA) CAPA EM HOMENAGEM A SEVERIANO PORTO, PREMIADO NA BA-85 (PROJETO, N. 77, JUL. 1985), CAPA COM DESENHO PREMIADO NO CONCURSO DESENHOS DE ARQUITETOS DA BA-85 (PROJETO, N. 83, JAN. 1986) E CAPA DA REVISTA *SUMMA* COM TEMA PRÓXIMO AO DA *PROJETO* N. 83 (*SUMMA*, N. 230, OUT. 1986).



Fonte: Acervo LAPEM (Capas da revista *Projeto*) e GONZAGA, 2016 (Capa da revista *Summa*).

As investidas brasileiras de aproximação com o cenário arquitetônico internacional, para além da articulação do IAB, contaram com uma grande colaboração da revista *Projeto*. As parcerias com o Centro da Arte y Comunicación (CAYC) de Buenos Aires e organização de exposições representantes do Brasil nas Bienais de Buenos Aires, além da cobertura de inúmeros eventos no exterior, renderam contatos e matérias que estreitaram laços com outros países, em especial na América Latina (Ver Figura 11). A partir de março de 1985, ano da primeira Bienal de Buenos Aires, o corpo editorial da revista passou a contar com uma equipe

de correspondentes no exterior – Jorge Glusberg (Buenos Aires), Enrique Browne (Santiago), Raul Miranda (Barcelona), Cecília Rodrigues dos Santos (Paris), Marisa Barda (Milão), Fernanda Bocconi (Bérgamo) – que logo se ampliaria e incluiria novos nomes e países. Não à toa, nesse mesmo ano a Projeto recebeu medalha de prata na Interarch'85.

## **POLÍTICA X PATRIMÔNIO**

A revista AU número seis foi dedicada ao tema Patrimônio e traçou “novas rotas” e “olhares” até Salvador, primeira capital do país e endereço de tantos de seus patrimônios: da arquitetura à cultura. Após o recente tombamento do centro histórico da cidade pelo SPHAN (1985), a edição destacou o retorno de Lina Bo Bardi à cidade 22 anos após sua saída forçada e a retomada das intervenções na paisagem urbana e na área cultural. A prefeitura anunciou a conquista da arquiteta para seu quadro de funcionários e tal fato sublinhou a importância da colaboração entre arquitetura e política do edifício à escala urbana.

Pensar a cidade, assim como qualquer outro tema, implica em lidar com duas faces de uma moeda. O mesmo cenário político favorável da redemocratização que impulsionou discussões e proposições em prol da resolução dos crescentes problemas urbanos, também alimentou iniciativas de resultados desastrosos. Esse foi o caso da ação proposta durante a gestão de Jânio Quadros (1986/89), em São Paulo, a fim de “recuperar” áreas consideradas deterioradas e implementar um plano de urbanização e modernização. O prefeito anunciou a demolição de casarios de cinco áreas próximas à zona central da capital, a primeira delas no bairro de Santa Ifigênia, e teve início uma grande polêmica envolvendo moradores, entidades de classe, políticos, técnicos e representantes do Patrimônio Histórico (PROJETO, n. 86, abr. 86).

O bairro de Santa Ifigênia no centro de São Paulo não é apenas mais um aglomerado de construções decadentes, que carecem do que os europeus chamam de “saneamento”. É uma parte viva, um testemunho da história da cidade. A luta pela manutenção da paisagem urbana da parte velha da cidade não é apenas uma atuação contra a especulação imobiliária: pôr abaixo antigas construções históricas da cidade é apagar a memória de um povo, é ceder à lógica da mercantilização do espaço físico e abdicar de uma luta pela manutenção das marcas do que foi, do que é e para onde se desenvolve a política urbana (MARCONDES FILHO, 1986. In: AU, n. 9, dez. 1986/ jan. 1987, p. 76).

Na tentativa de contornar a situação, Jânio, que já havia contratado Júlio Neves para o projeto, convidou Oscar Niemeyer para assumir o cargo. O arquiteto não só aceitou, como também relegou a reurbanização das áreas centrais – tombadas pela Condephaat – para uma etapa posterior e concentrou-se em um plano para as margens de Tietê. A discussão

recomeçou e, além do projeto em si, foram questionadas as atitudes de Niemeyer, se deveria ou não aceitar a proposta, e do prefeito, se deveria realizar um concurso ao invés de direcionar o convite a um profissional (PROJETO, n. 86, abr. 86).

A cidade velha, os arredores da rua 25 de março, o triângulo histórico são muito importantes e nunca deveriam ser destruídos. Aí existem construções bonitas, não do ponto de vista acadêmico mas da cultura do país que têm que ser respeitadas sem dúvida nenhuma. Não sou contra o projeto do Niemeyer para transformar as marginais do Tietê em um grande parque. Se é viável economicamente é outro assunto. Fizemos uma proposta para o Concurso do Anhangabaú bastante válida (BARDI; Lina, 1986. In: AU, n. 7, ago. 86, p. 52).

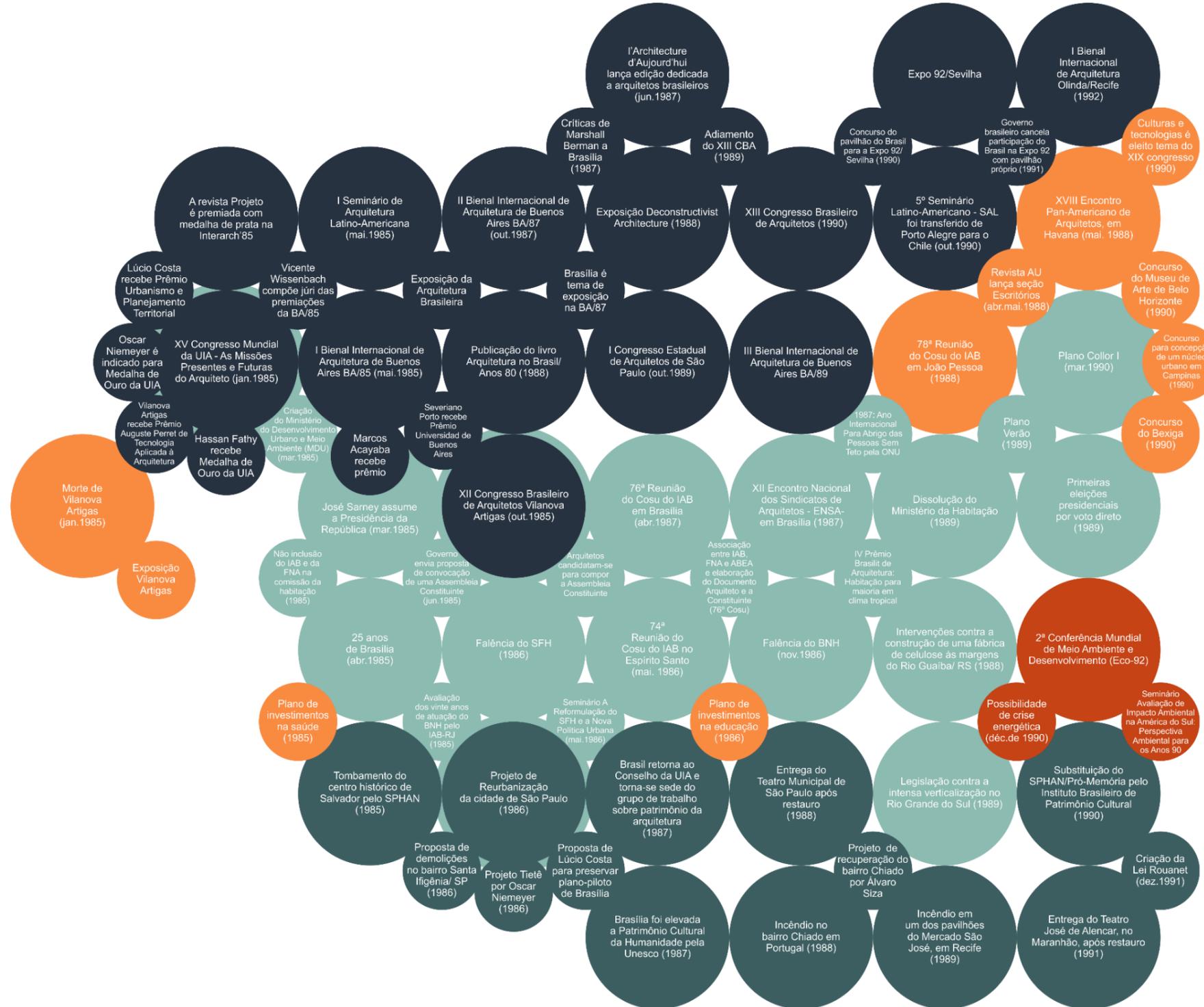
Em meio à mobilização social e do Condephaat, órgão estadual de preservação do patrimônio, a proposta foi inviabilizada e o parque pensado por Oscar para as margens do Tietê tornou-se um livro. Essa foi mais uma das conquistas que ganharam espaço nas revistas entre os anos de 1986 e 1987 (ver tópico Internacionalização e Coroação). Em contraposição, a temática ganhou maior repercussão nos anos seguintes, sobretudo em situações desfavoráveis.

Apesar da entrega de alguns importantes exemplares arquitetônicos restaurados à sociedade – tais como o Teatro Municipal de São Paulo (1988/SP) e o Teatro José de Alencar (1991/CE) – a destruição de bens nacionais e internacionais ou retrocessos nas políticas patrimoniais foram a tônica que se sucedeu. Em 1988, o incêndio no Chiado, centro histórico de Portugal, repercutiu em algumas edições até a apresentação do projeto final do arquiteto Álvaro Siza. Aqui no Brasil, o incêndio em um dos pavilhões do Mercado São José (1989), patrimônio arquitetônico do Recife, trouxe mais uma vez discussões sobre o descaso do poder público e o processo de restauro.

Em 1990, o desmantelamento do SPHAN/Pró-Memória e sua substituição pelo Instituto Brasileiro de Patrimônio Cultural gerou preocupação entre os arquitetos quanto à política de preservação que seria implementada pelo governo. A redução no quadro de funcionários e limitação das verbas ampliou as limitações para a fiscalização de obras e áreas tombadas, bem como para a manutenção de acervos nos anos seguintes. A escassez de recursos e o agravamento do estado de deterioração dos monumentos somente contou com um novo recurso, ainda que limitado, quando foi criado (dez. 1991) e regulamentado (fev. 1992) o Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac), conhecido como Lei Rouanet. A partir do tripé: Fundo Nacional de Cultura (FNC), Mecenato Privado (semelhante à Lei Sarney) e Fundos de Investimento Cultural e Artístico, o programa contemplou diversas situações e, dado os baixos valores dos incentivos, mostrou-se viável no período de contenção de gastos públicos.

DIAGRAMA SISTEMAS DE META-ACONTECIMENTOS: SÍNTESE

DIAGRAMA 6: DIAGRAMA SISTEMAS DE META-ACONTECIMENTOS CORRESPONDENTE AOS ANOS DE 1985 A 1992 NAS REVISTAS PROJETO E AU



Fonte: Elaboração Própria.

## III. DO LUGAR

A fim de situar o lugar da arquitetura produzida no Nordeste no cenário do país, os levantamentos de matérias (textos e projetos), que se referem a essa produção nas duas revistas, foram confrontados entre si e sobrepostos ao cenário já elaborado do quadro nacional. Assim, uma primeira leitura desses dados, permitiu atestar a metodologia utilizada para esta análise e verificar que as revistas *Projeto* e *AU* têm mais semelhanças que diferenças em suas fases.

### PROCESSOS E NÚMEROS

---

*Ponto de Partida*

O levantamento de matérias que tratam dos projetos de arquitetura no Nordeste orientou essa segunda etapa de análises. As informações foram organizadas em duas tabelas, uma para cada revista, e foram catalogados dados que permitissem (Ver Figura 12): a. localizar a revista e a matéria que contém o projeto (ano, edição, seção); b. “mensurar” o volume de conteúdo associado a cada projeto e de certa forma o “nível de importância” que o mesmo detém na amostragem (número de páginas); c. discutir o lugar dessa produção a partir dos programas (programa, natureza do projeto), arquitetos responsáveis (arquiteto(s)),

localização (estado), ou se é uma intervenção patrimonial (patrimônio). Os textos que acompanham essas matérias serão outro aspecto a enriquecer tais informações, sem, contudo, possuir um processo de catalogação específico.

FIGURA 12: MODELO DE TABELA DE CATALOGAÇÃO DE DADOS DE MATÉRIAS DE PROJETOS NO NORDESTE.

ANO	EDIÇÃO	SEÇÃO	PROGRAMA	PATRIMÔNIO	NATUREZA DO PROJETO	ARQUITETO(S)	ESTADO	Nº DE PÁGINAS
1986	90	Edifícios Industriais	Complexo Industrial		Industrial	Luiz Fieberg	SE	6
1986	92	Obras Públicas	Prefeitura		Obras Públicas	João Filgueiras Lima (Lelé)	BA	4
1986	83	Painel	Escola de Música/ Clube		Cultural	Severiano Porto, Mário E. Ribeiro, Eládio Dieste	CE	3
1986	91	Residências	Casa		Residencial Unifamiliar	Cydrno R. da Silveira, Amélia M. B. Gama	PE	2
1986	93	Lojas/ Show-rooms	Shopping	X	Comercial/ Escritórios	Manoel C. de Carvalho	MA	2
1986	93	Edifícios Administrativos	Centro Administrativo		Institucional	Nasser Hissa Arquitetos Associados	CE	2
1986	84	Arquitetura Bancária	Agência Bancária		Institucional	Luiz H. de Carvalho, Maria L. V. Porto, Neilton Dórea	BA	1

FONTE: Elaboração própria.

Esta tabela forneceu os dados quantitativos que primeiro orientaram o traçado de correspondências entre as duas publicações, para, a partir delas, serem estabelecidos paralelos com os demais conteúdos elaborados ou levantados, mais precisamente o quadro nacional apresentado no capítulo anterior e as matérias de crítica pertinentes a essa avaliação.

## ENTENDENDO OS NÚMEROS

Apesar de corresponderem a um mesmo recorte temporal, as edições das revistas *Projeto* e *AU* que compõem a amostragem desta pesquisa detêm significativas diferenças que impactam na interpretação de seus dados quantitativos. Quando a revista *AU* foi lançada, em 1985, a revista *Projeto*, já consolidada, possuía maior periodicidade. Em seu ano de estreia a *AU* publicou três volumes e de 1986 a 1992 manteve o padrão de seis exemplares ao ano, totalizando 45 revistas. Já a revista *Projeto*, nesses mesmos anos, variou o total de publicações de nove a doze exemplares por ano e, de 1985 a 1992, somou 89 revistas, praticamente o dobro da revista *AU*.

Outra diferença significativa deve-se ao fato de que as primeiras 15 edições da revista *AU*, temáticas, priorizavam matérias com textos, em detrimento da apresentação de projetos. Assim, de 1985 a 1987, intervalo dedicado às edições temáticas, apenas 57 projetos foram publicados. Somente em 1985 a revista *Projeto* publicou 152 projetos, quase três vezes esse valor. Assim, para melhor verificar a representatividade da arquitetura produzida na região Nordeste nas edições, tais dados foram transformados em porcentagens a partir dos totais de projetos publicados<sup>45</sup> (avaliação quantitativa) (Ver Quadro 2 e Quadro 3).

<sup>45</sup> Os números e informações que se referem a todos os projetos publicados nas revistas *Projeto* e *AU*, de 1985 a 1992, foram obtidos do Trabalho de Conclusão de Curso *Arquitetura do Nordeste: a produção regional a partir das revistas especializadas Projeto e AU das décadas de 1980 e 1990* (2018), desta autora, e apenas complementados no caso de dados faltantes.

QUADRO 2: TOTAL DE EDIÇÕES E PROJETOS PUBLICADOS NA REVISTA *PROJETO* (1985-1992) POR ANO.

Ano	Total de Edições	Total de projetos	Total de Projetos Nacionais	Total de Projetos no Nordeste	Projetos no Nordeste/ Total de Projetos (%)	Projetos no Nordeste/ Projetos Nacionais (%)
1985	12	152	122	11	7,24%	9,02%
1986	12	215	188	8	3,72%	4,26%
1987	12	257	180	10	3,89%	5,56%
1988	11	434	358	50	11,52%	13,97%
1989	11	215	146	18	8,37%	12,33%
1990	9	222	190	17	7,66%	8,95%
1991	11	273	161	18	6,59%	11,18%
1992	11	138	99	11	7,97%	11,11%
<b>Total</b>	<b>89</b>	<b>1906</b>	<b>1444</b>	<b>143</b>	<b>7,50%</b>	<b>9,90%</b>

FONTE: Elaboração própria.

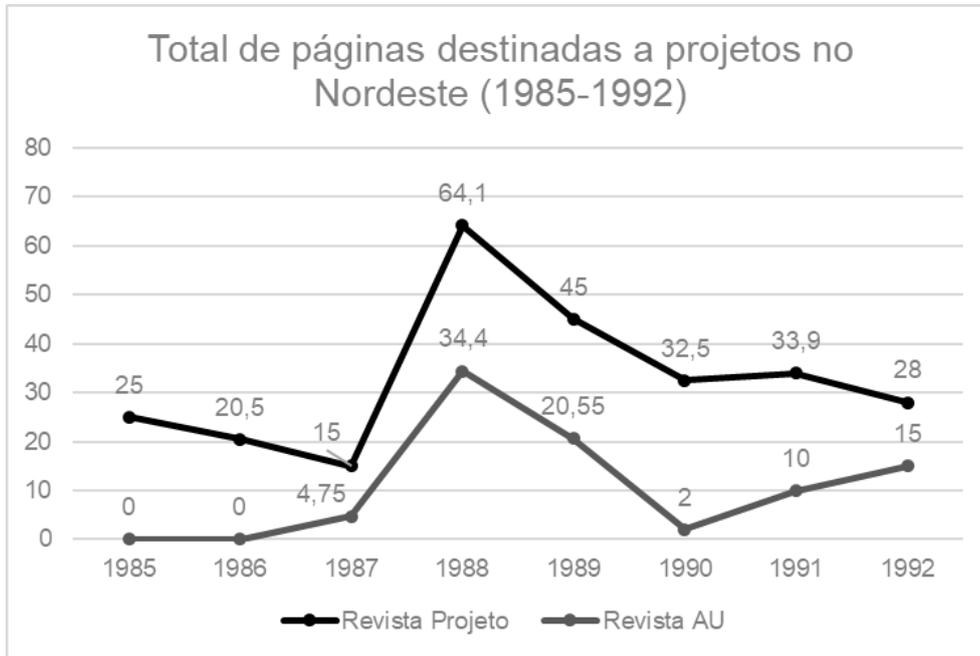
QUADRO 3: TOTAL DE EDIÇÕES E PROJETOS PUBLICADOS NA REVISTA *AU* (1985-1992) POR ANO.

Ano	Total de Edições	Total de projetos	Total de Projetos Nacionais	Total de Projetos no Nordeste	Projetos no Nordeste/ Total de Projetos (%)	Projetos no Nordeste/ Projetos Nacionais (%)
1985	3	10	10	0	0,00%	0,00%
1986	6	12	8	0	0,00%	0,00%
1987	6	35	24	3	8,57%	12,50%
1988	6	55	38	10	18,18%	26,32%
1989	6	112	63	9	8,04%	14,29%
1990	6	75	43	1	1,33%	2,33%
1991	6	88	48	4	4,55%	8,33%
1992	6	58	35	3	5,17%	8,57%
<b>Total</b>	<b>45</b>	<b>445</b>	<b>269</b>	<b>30</b>	<b>6,74%</b>	<b>11,15%</b>

FONTE: Elaboração própria.

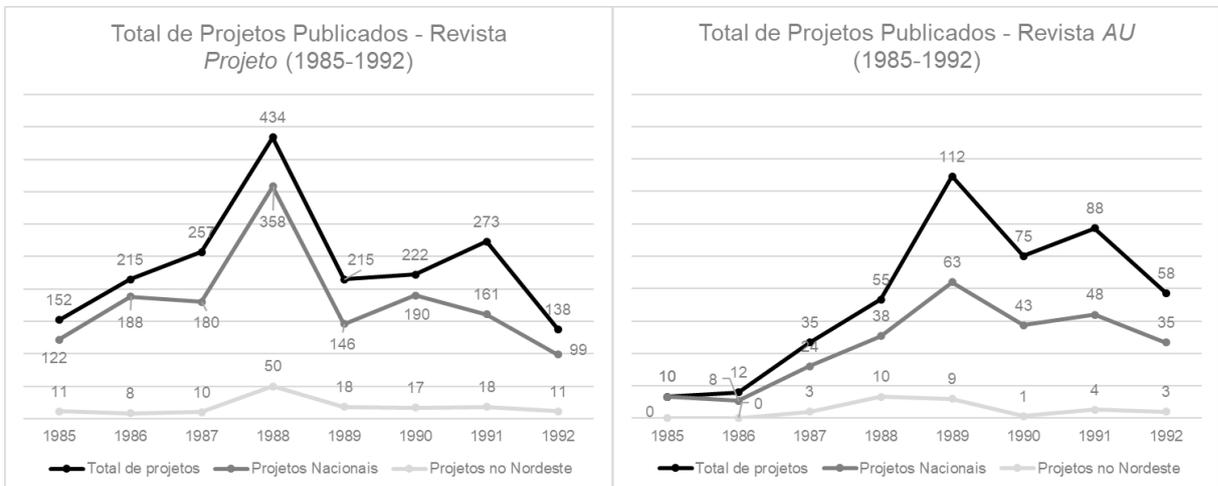
Numa primeira análise, correspondente à proporção de projetos no Nordeste em relação à totalidade de projetos publicados em um ano, a revista *Projeto* destinou de 3,72% a 11,52% do seu repertório de obras a essa região, enquanto a revista *AU* reservou de 0 a 18,18%. Em relação aos projetos nacionais, anualmente, a revista *Projeto* publicou de 4,26% a 13,97% de projetos no Nordeste. Na *AU* esse dado varia de 0 a 26,32%. Pode-se observar, desta forma, que, apesar do destaque numérico da revista *Projeto*, que ocorre tanto no âmbito do número de projetos publicados, quanto do número de páginas destinadas aos mesmos (Ver Gráfico 6), proporcionalmente, o espaço dedicado à arquitetura no Nordeste em ambas revistas é muito semelhante.

GRÁFICO 6: TOTAL DE PÁGINAS DESTINADAS A PROJETOS NO NORDESTE NAS REVISTAS PROJETO E AU (1985-1992)



FONTE: Elaboração própria.

GRÁFICO 7: TOTAL DE PROJETOS PUBLICADOS NAS REVISTA PROJETO E AU DE 1985 A 1992.



FONTE: Elaboração própria.

Outro dado pertinente refere-se ao comportamento de ambas publicações quanto ao total de projetos publicados no tempo (Ver Gráfico 7). Até 1988 a revista *Projeto* está numa fase crescente de publicação de projetos, enquanto a *AU* mantém o crescimento desses mesmos números até 1989. Em 1988, o lançamento dos cadernos regionais que conformaram o livro *Arquiteturas no Brasil/Anos 80*, pela *Projeto*, impulsionou esse pico (dos 434 projetos desse ano, 182 estavam impressos nesses cadernos, 41,9% da totalidade). Já na *AU*, a publicação de projetos que concorreram em concursos nacionais e internacionais nos anos

de 1988 e 1989 foram relevantes nesse pico: 23 dos 55 projetos publicados em 1988 (41,8% do total) e 36 dos 112 projetos apresentados em 1989 (32,1% dessa amostragem) fizeram parte de concursos.

No caso dos projetos no Nordeste, o ponto máximo das duas revistas ocorre em 1988. Tanto o número de projetos publicados, quanto o número de páginas dedicado a eles têm maiores valores nesse ano. Vale mencionar que, apesar de contar com apenas 10 projetos em 1988, foi também neste ano que a *AU* publicou suas duas matérias com maior número de páginas sobre arquitetura no Nordeste: o projeto de restauração da Casa de Benin, em Salvador, com 10 páginas, e o projeto do Centro de lançamento de foguetes em Alcântara/Maranhão, com 14 páginas<sup>46</sup>. O máximo de páginas que a *Projeto* destinou à apresentação de um projeto no Nordeste foi oito.

Durante a década de 1990, como reflexo dos altos e baixos da situação econômica do país, houve períodos de alta e baixa também nos valores globais das duas revistas. 1990, inclusive, foi o ano em que a revista *Projeto* publicou apenas nove edições, fato que só se repetiu em 1980, quando a revista ainda lançava seus primeiros exemplares. No caso dos projetos situados no Nordeste, esse comportamento se repetiu, entretanto com uma variação muito menor que no cenário geral. O maior impacto deu-se apenas no ano de 1990, na revista *AU*, quando somente um projeto foi publicado.

## O LUGAR DA PRODUÇÃO

---

### *Camadas Sobrepostas*

Entre os poucos projetos apresentados pela revista *AU* nos anos de 1985 a 1987, o programa predominante foi o urbano. Os 25 anos da cidade de Brasília, em abril de 1985, propiciou a retomada dos projetos que fizeram parte do emblemático concurso que deu forma à capital. E, de modo análogo ao quadro nacional, muito se buscava contar e mostrar sobre conteúdos que agregassem ao debate da cidade: revitalizações, planos urbanos, projetos de praças ou mesmo de equipamentos. Nesse cenário, até 1986 a revista *AU* não havia

<sup>46</sup> Dos 30 projetos publicados pela revista *AU*, vinte ocupavam até duas páginas, dois ocupavam três páginas, três ocupavam quatro páginas, um ocupava cinco páginas, dois ocupavam seis páginas e os dois restantes, dez e catorze páginas. Na revista *Projeto*, dos 143 projetos publicados, 107 ocupavam até duas páginas, 31 ocupavam de três a quatro páginas e os cinco restantes ocupavam cinco, seis (três deles) e oito páginas.

apresentado projetos de arquitetura no Nordeste, todavia dedicou a edição seis, de junho de 1986, à cidade de Salvador.

Com o tema A Grande Festa, essa edição destacou três eventos principais: a retomada dos projetos de revitalização do centro histórico, com a volta de Lina Bo Bardi; a “arquitetura de ruptura” marcada pela Casa de Comércio de Fernando Frank e Oton Gomes; e o manifesto de um arquiteto baiano, Assis Reis, por uma arquitetura vinculada às raízes e referências da cultura brasileira apesar da “inevitável transferência cultural entre as nações, propagada principalmente pelas tecnologias industriais e pela tecnologia de comunicação” (REIS, 1986. *In*: AU, n. 6, jun. 1986, p. 32). De certa forma, as três principais temáticas que orbitaram o tema da arquitetura no Nordeste nas revistas durante os anos de recorte: patrimônio, tecnologia e referências locais.

No âmbito do patrimônio, tanto a revista *Projeto*, quanto a AU, não apresentaram um número significativo de projetos de recuperação urbana ou arquitetônica situados no Nordeste. Foram, respectivamente, 17 na *Projeto* (11,8% dos 143 dessa região) e apenas 2 na AU (6,6% dos 30 dessa região). Todavia, ao observar as cinco matérias com maior volume de páginas em ambos periódicos, esses projetos de restauro e revitalização assumem grande evidência. Na AU, tem-se o projeto da Casa de Benin (BA), com 10 páginas, e na *Projeto* tem-se os projetos do Teatro José de Alencar (CE), com 8 páginas, do Mercado Modelo de Salvador (BA), com 6 páginas, e do Centro Cultural Dannemann (BA) com 5 páginas. Tendo por referência o número de páginas, a representatividade do tema patrimônio em matérias de projetos no Nordeste cresce para 19,5% na *Projeto* (51,5 páginas tratam de patrimônio) e 16,1% na AU (14 páginas são dedicadas a projetos desse gênero).

De 1985 a 1987, a questão patrimonial esteve presente nas edições principalmente associada às conquistas observadas nessa fase, a exemplo do tombamento do centro histórico de Salvador pelo SPHAN (1985) e da eleição do Brasil para sede do grupo sobre patrimônio da arquitetura da UIA (1987). Em meados de 1988, a conclusão das restaurações da Casa de Benin e dos cinco sobrados da ladeira da Misericórdia, vista como experiência piloto para uma intervenção global no Pelourinho, trouxe às discussões uma nova concepção de patrimônio que não implicava apenas em recuperar e preservar o monumento, mas também de incluir a cidade e a garantia da qualidade de vida dos usuários no projeto.

Essa concepção foi reforçada em matéria no ano seguinte (AU, n. 23, abr. mai. 1989), quando a AU reuniu quatro experiências de preservação de monumentos e áreas urbanas pontuais, entre elas o “Plano de Reabilitação do Bairro do Recife”. A equipe multidisciplinar coordenada pela arquiteta Amélia Reynaldo iniciou as atividades em 1987 e encontrou um cenário em “processo de deterioração mais ou menos idêntico ao que ocorre na maioria das cidades

brasileiras” (WOLF, 1989. *In*: AU, n. 23, abr. mai. 1989, p. 86). Entendendo que o desenho deveria traduzir o desejo de moradores e usuários, criou um grupo permanente de debates que levou à troca de experiências a fim de reconhecer as reivindicações da própria comunidade e também fortalecer na mesma a consciência política em relação ao espaço habitado e construído.

“Restaurar, então, se confunde com ressuscitar. Ou simplesmente restaurar o direito de estar e ser... em algum lugar” (WOLF, 1989. *In*: AU, n. 23, abr. mai. 1989, p. 87). Esse resgate à vida, sobretudo cultural, aliou-se ao tema do patrimônio mais fortemente durante a década de 1990 (Ver Figura 13). Além de ser o período de maior publicação de obras de restauro (catorze dos dezessete projetos da revista *Projeto* deste tipo e que estão no Nordeste constam nessa década), foi também a fase de enaltecer a entrega de “novos” equipamentos culturais à população (dos catorze projetos apresentados na década de 1990 na *Projeto*, seis foram de teatros ou centros culturais).

FIGURA 13: ACIMA: LADEIRA DA MISERICÓRDIA/BA E RESTAURANTE COATY/BA, RESTAURO DE LINA BO BARDI. ABAIXO (DA ESQUERDA PARA A DIREITA): AGÊNCIA DO BANCO BANDEIRANTES/MA, RESTAURO DE BENEDITO LIMA DE TOLEDO, LUIZ NAVARRETE E RENÉ CARLOS GUGLIEMMETTI; AGÊNCIA UNIBANCO/MA, RESTAURO DE JOSÉ MARCELO DO ESPÍRITO SANTO; E TEATRO PARQUE/PE, RESTAURO DE ANTÔNIO JOSÉ DO AMARAL E SILVA.



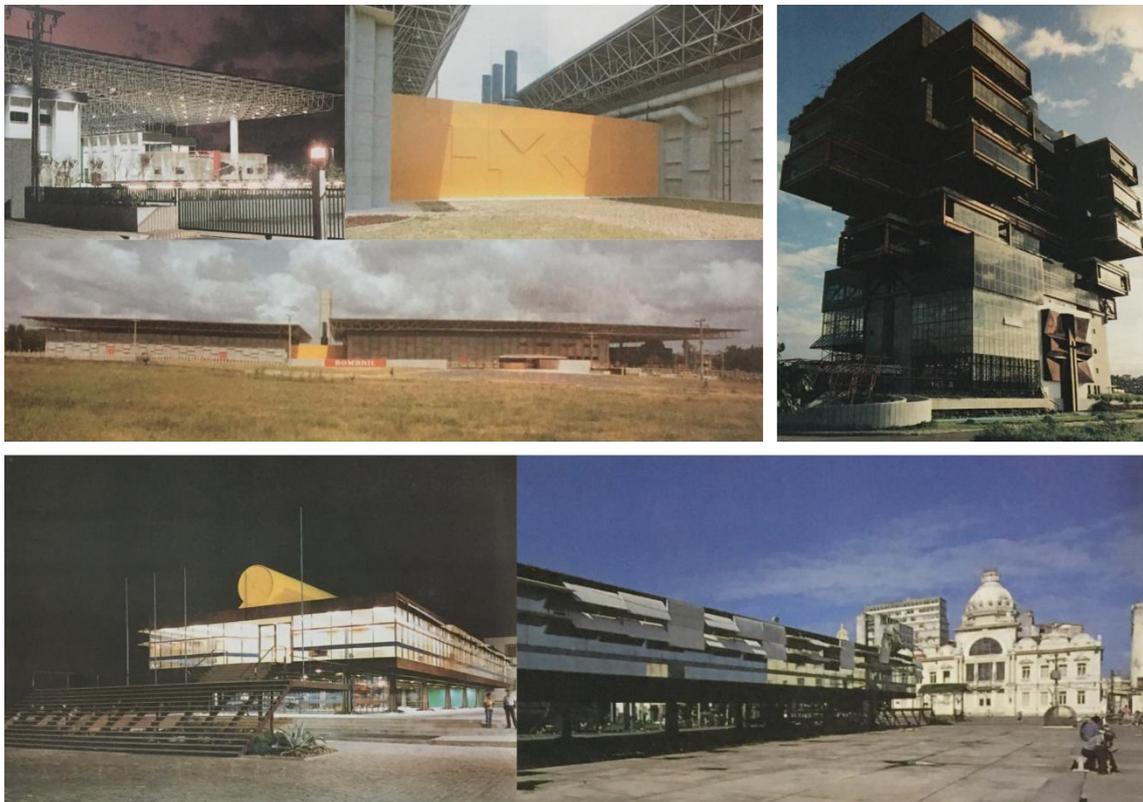
FONTE: Revista Projeto, n. 149, jan. fev. 1992; n. 154, jul. 1992; n. 158, nov. 1992. Acervo LPPM.

A partir da intervenção de Lina Bo Bardi em Salvador, projeto muito significativo ao tratar do tema patrimônio, é possível também traçar uma ponte com o próximo tema, tecnologia, também destacado entre os projetos de arquitetura no Nordeste. Essa experiência piloto de revitalização do Pelourinho contou com as proposições técnicas desenvolvidas junto com o arquiteto João Filgueiras Lima (Lelé) e ilustrou um movimento já em andamento nesta

e em outras cidades de apropriação de novas técnicas, “colocando a tecnologia como mais um instrumento a serviço da criação do homem” (AU, n. 11, abr. mai. 1987, p. 18).

Lelé foi um grande evangelizador desta atitude e, para além da utilização da estrutura metálica, favorecida pela criação de novas siderúrgicas no país e pela retração do mercado mundial de aço, por volta de 1985 (WISSENBACH, 1985. *In*: Projeto, n. 76, jun. 1985), difundiu os pré-fabricados em argamassa armada como uma nova alternativa. Aqui a tecnologia respondia de forma rápida e eficiente a programas complexos ou mais urgentes que necessitavam de maior racionalidade construtiva, caso de indústrias, hospitais, equipamentos públicos, da prefeitura “temporária” de Salvador (Ver Figura 14), entre outros.

FIGURA 14: PROJETOS EM ESTRUTURA METÁLICA. À ESQUERDA: INDÚSTRIA BOMBRILO NORDESTE/PE, DE ACÁCIO GIL BORSÓI, JANETE COSTA E ROSA AROUCHA; À DIREITA: CASA DO COMÉRCIO/BA, DE OTON GOMES E FERNANDO FRANK; ABAIXO: PREFEITURA DE SALVADOR/BA, DE JOÃO FILGUEIRAS LIMA (LELÉ).



FONTE: Revista Projeto, n. 114, set. 1988. Acervo LPPM.

Em geral, os projetos que contavam com esses novos materiais construtivos não detinham o apelo estético observado no premiado projeto da Casa do Comércio de Oton Gomes e Fernando Frank, na Bahia. As preocupações mais citadas quanto ao uso das novas tecnologias tratavam principalmente da interação arquitetura-clima e da racionalidade e modulação na resolução das funções, resultando em tipologias um pouco mais simplificadas. Em alguns casos, contrariamente, o ponto de partida da projeção dava-se no resultado plástico do sistema, como ocorreu com uma revendedora de motocicletas em Recife (Ver

Figura 15). Era premissa que “[...] o projeto, além de atender sua função específica, deveria enfatizar plasticamente a imagem de avanço tecnológico compatível com o produto a ser comercializado” (Projeto, n. 127, nov. 1989, p. 96) e, para tal, foi eleita a cerâmica armada.

FIGURA 15: PROJETO DE REVENDEDORA DE MOTOCICLETAS EM RECIFE/PE, DE JERÔNIMO DA CUNHA E FERNANDO PONTUAL, EM CERÂMICA ARMADA



FONTE: Revista Projeto, n. 127, nov. 1989. Acervo LPPM.

Essa alternativa construtiva, difundida pelo engenheiro uruguaio Eladio Dieste, ocorreu em dois projetos no Nordeste, a revendedora de motocicletas de Jerônimo da Cunha e Fernando Pontual, em Pernambuco, e o clube do trabalhador e escola de música do SESI (Ver Figura 16), na capital cearense. Este último projeto, de autoria de Severiano Porto e Mário Emílio Ribeiro, contou com a colaboração do próprio Dieste na criação e desenvolvimento do cálculo estrutural.

A solução arquitetônica em alvenaria estrutural conta com um mínimo de pilares, sustentando como semicilindros que se sucedem em ondas, de maneira a propiciar um ambiente criativo e agradável, pois a linguagem da cobertura é acolhedora, descontraída e leve (REVISTA PROJETO, n. 83, jan. 1986, p. 63)

FIGURA 16: PROJETO DO CLUBE DO TRABALHADOR E ESCOLA DE MÚSICA DO SESI/CE, DE SEVERIANO PORTO, MARIO EMÍLIO RIBEIRO E DO ENGENHEIRO ELADIO DIESTE, EM CERÂMICA ARMADA.



FONTE: Revista Projeto, n. 114, set. 1988. Acervo LPPM.

Um ponto relevante sobre a cerâmica armada e que frequentemente era associado aos projetos no Nordeste tratava da facilidade de acesso aos materiais necessários à construção. Um caso particular nesse sentido foi o Hospital do Aparelho Locomotor em São Luís, no Maranhão (AU, n. 43, ago. set. 1992). Em virtude do elevado custo de implantação da fábrica de pré-moldados para produção de argamassa armada, o governo de então modificou o sistema construtivo proposto por Lelé para o sistema convencional em concreto armado e alvenaria, mais acessíveis. O escritório Bógea & Perez, de São Luís, foi incubido dessa adequação e de garantir a manutenção da integridade plástica e funcional adotada por Lelé. Não fosse esse fato, este seria o segundo projeto de João Filgueiras Lima em pré-moldados dentro do programa nacional do subsistema de saúde aprovado em 76, o “Sarah Kubitschek” de Brasília foi o primeiro.

Outro projeto que priorizou o uso de materiais da região – tijolos, telhas, madeira, pedra - e mão-de-obra local, em busca de uma tecnologia simplificada que evitasse importação de equipamentos especiais, foi o Centro de Lançamento de Foguetes (CLA), em Alcântara, Maranhão, publicado enquanto projeto em 1988 (AU, n. 18, jun. jul. 1988). Este Centro de Lançamento, desenvolvido bem próximo à velha cidade, elevada à cidade-monumento em 48, enfrentou, no entanto, outros problemas: a instalação do projeto gerou expectativas de valorização dos imóveis da região, fato que colocou em risco o acervo e reforçou a necessidade de criação de um Grupo de Trabalho que oferecesse assistência à comunidade também com o intuito de preservar o patrimônio cultural. Fazia-se necessária a convivência entre preservação e progresso tecnológico.

Embora já houvesse algumas tímidas tentativas de recuperação do centro histórico, com a implantação do CLA e as consequências que um projeto de tal porte trariam, foi criado, em fins de 85, o GTA-Grupo de Trabalho através do MEC, SPHAN, Fundação Pró-Memória, coordenado por Lena Castelo Branco F. de Freitas. O governo do Estado, a Prefeitura Municipal e o Ministério da Aeronáutica juntaram-se ao esforço de preservação e revitalização do que ainda resta de Alcântara, preparando também um trabalho para conscientização da população (SABBAG; Haifa, *In*: AU, n. 18, jun. jul. 1988, p. 45).

A utilização de materiais e técnicas tradicionais assume uma dimensão singular com o projeto da casa-estúdio do fotógrafo José Albano, nos arredores de Fortaleza/CE. O curioso projeto de taipa e palha foi construído pelo próprio morador e contou com “forquilhas, caibros, piso de cimento “queimado” com pigmentação verde, madeiramento das paredes, enchimento com barro, pedaços de telhas e tijolos, telhado e, finalmente, reboco com barro, areia e cal”. (WOLF; José, *In*: AU, n. 41, abr. mai. 1992, p. 40) (Ver Figura 17). Este fez parte de uma matéria maior, intitulada “Da tradição à Tecnologia”, que se propunha a tratar da atualidade e das qualidades dos materiais. Outro material apresentado nesta matéria foi a madeira,

naquele momento situada entre os “sistemas tradicionais que recorrem à mão-de-obra abundante e pouco especializada, caso das construções vernaculares no interior do país” (WOLF; José, *In*: AU, n. 41, abr. mai. 1992, p. 30).

FIGURA 17: CASA-ESTÚDIO DO FOTÓGRAFO JOSÉ ALBANO, NO CEARÁ.



FONTE: Revista AU, n. 41, abr. mai. 1992. Acervo LPPM.

Em contraponto aos sistemas tradicionais, a verticalização e estruturas arrojadas, comuns a muitos edifícios no Nordeste que estão publicados, foram outro ponto de destaque. Edifícios residenciais, comerciais e administrativos foram bastante recorrentes a partir de 1988 e chamou atenção uma matéria especial sobre a cidade de Fortaleza. O boom imobiliário, “fenômeno cearense”, nos anos 80, abriu uma trilha de possibilidades de trabalho aos arquitetos e permitiu ampliar a sua escala de produção. Essa nova condição, por sua vez, exigiu a renovação do ato de projetar, que deveria levar em consideração os novos materiais, as novas demandas e o mercado cada vez mais exigente. Nesse ambiente, o arquiteto José Nasser Hissa foi um dos primeiros a perceber as mudanças e, por meio de projetos arrojados (Ver Figura 18), junto à essa nova mentalidade, foi um grande transformador no perfil da categoria e da própria cidade.

FIGURA 18: PROJETOS VERTICAIS EM FORTALEZA; DA ESQUERDA PARA A DIREITA: CONDOMÍNIO VENEZA 4 E CENTRO EMPRESARIAL C. ROLIM, DE JOSÉ N. HISSA E FRANCISCO HISSA; CONDOMÍNIO PRESIDENTE KENNEDY E TOP CENTER, DE LUIZ E IONE FIUZA.



FONTE: Revista AU, n. 20, out. nov. 1988. Acervo LPPM.

FIGURA 19: PROJETO DO YBACANGA HOTEL/MA, DE PAULO CASÉ.



FONTE: Revista AU, n. 26, out. nov. 1989. Acervo LPPM.

Se os sistemas tradicionais representavam uma forma um tanto mais literal de tratamento de referências locais nos projetos, mais precisamente através da técnica construtiva e do material escolhidos, uma outra estratégia observada nas revistas foi o

emprego de referências simbólicas buscando combinar valores “nacionais, regionais e locais” com os avanços tecnológicos. Algo muito próximo da retórica do pós-moderno. Esse foi o caso do Ybacanga Hotel, em São Luís (Ver Figura 19). “Solidária ao terreno, a arquitetura monolítica do projeto que, para Paulo Casé, significa rompimento com a leveza virtual preconizada pelo Movimento Moderno, reporta-se aos monastérios, expressão da arquitetura colonial” (SABBAG, 1989. *AU* 26, out. nov. 1989, p. 60).

A eleição de elementos simbólicos construtivos, portanto, não é mais do que intenção manifesta de identificação com aspectos locais, facilmente reconhecíveis na sequência de janelas escavadas, em meios-arcos, nos telhados (forte elemento simbólico), no pátio/ praça. Reforçando esses vínculos, esquadrias, venezianas e janelas em madeira (com pequenos vidros de 2 mm de espessura) reproduzem fragmentos do passado. Segundo Casé o que torna contemporânea a arquitetura é o conceito que a suporta e não os materiais compositivos (SABBAG, Haifa, *In: AU*, n. 26, out. nov. 1989, p. 62).

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, as revistas *Projeto* e *AU* se complementam em muitas das suas propostas e dos seus conteúdos. As edições publicadas nos primeiros anos, embora com significativas diferenças quanto à proposta editorial, alinhavam-se no tocante aos conteúdos de destaque do período e que compunham o quadro nacional. É o caso da presença do Brasil no cenário internacional e do momento político que impulsionava a discussão em torno das políticas urbanas, habitacionais e patrimoniais. De maneira muito equiparada a tais situações, a arquitetura produzida no Nordeste publicada caminhou em paralelo a esta realidade. Enquanto as edições ganhavam ou perdiam volume em consonância com a economia vigente – diminuía-se anunciantes e provavelmente assinantes – a crítica e os projetos tomavam o mesmo rumo. Assim, encontraram-se numa crescente até 1988 ou 1989 e após esses anos decaíram em meio à crise que se instalava.

Nos primeiros anos, os vários eventos motivaram um maior diálogo e, portanto, um volume maior de produções nos periódicos, como o XV e o XVI Congresso Mundial da UIA, o XII Congresso Brasileiro de Arquitetos, a I e a II Bienal Internacional de Buenos Aires, o I e o II Seminário de Arquitetura Latino-Americana, o I e o II Congresso Internacional Cidades do Futuro, o II Seminário de Desenho Urbano Sedur, a 19ª Bienal Internacional de São Paulo, entre outros. Houve até a organização de importantes eventos, que, em virtude do contexto desfavorável, foram cancelados, como I Bienal Internacional de Arquitetura Tropical, a ser realizada em Manaus, em setembro de 1987. Nesses eventos, os conteúdos de tecnologia, cultura e linguagem sobressaíram e, também, na amostragem de projetos do Nordeste. Não à toa, arquiteturas fazendo menção à linguagem da arquitetura moderna, assim como opções

que combinavam a criatividade dos projetistas a diferentes soluções técnicas, estavam mais publicados e discutidos. São exemplos a obra de João Filgueiras Lima, com o sistema de pré-moldados, edifícios em estrutura metálica, cerâmica armada e até em taipa.

Tratava-se de uma grande diversidade de propostas que, não obstante resultassem em variadas soluções estéticas, tinham em comum características que de tempos em tempos as reuniam. Se não os sistemas e materiais construtivos escolhidos, o contexto de inserção da obra, o programa em questão, ou mesmo as intenções de projeto. E justamente esse elemento ligante, que unia diferentes projetos no tempo, era a base de pequenas a grandes matérias panorâmicas. A título de ilustração, o exemplar 114 da revista *Projeto* reuniu mais de 50 projetos de diferentes tendências no caderno regional da região Nordeste.

Em muitos projetos no Nordeste é possível aventar a hipótese de uma produção regional, todavia, não no sentido de uma busca de ordem identitária, mas apenas do respeito a condicionantes levados em conta em qualquer projeto, como as condições naturais, a disponibilidade de materiais e de mão de obra. Não por acaso, as obras que fogem desses limites construtivos facilitados pelo meio, são anunciadas como contrastes ou símbolos de modernização. O ato de modernizar, nessa leitura, pode ser encarado como a inserção de uma novidade, ainda que esta rapidamente deixe de sê-la.

Os investimentos em turismo que motivaram o desenvolvimento do setor hoteleiro e iniciativas de adensamento, por meio da residência multifamiliar, ocorreram num período muito semelhante e apontaram para soluções de hotéis e condomínios verticais diferenciados. Isso no período entre 1988 e 1992. Esse movimento foi mais perceptível na revista *AU*. Na revista *Projeto*, as publicações caminharam em direção à recuperação de edifícios e inserção de novas obras em contextos históricos, fato que jogava luz sobre uma área que enfrentava dificuldades no âmbito governamental, apesar de bastante significativa nos âmbitos nacional e internacional.

No âmbito da crítica, poucos textos detinham-se à arquitetura no Nordeste, todavia, a partir de 1988, ciclos de debates promovidos nas universidades, como o “Tradição e Modernidade na Arquitetura Brasileira” (1988), coordenado pelos professores Nelci Tinem (UFPB) e Carlos Martins (USP); a Semana de conferências e debates no Recife (1992), organizado por formandos da FAU-PE; e a I Bienal Internacional de Arquitetura Olinda/Recife (1992), trouxeram questões à discussão da nova geração e dos próprios críticos. Conteúdos que tratavam desde a cultura arquitetônica latino-americana até a historiografia.

Qual a verdadeira relação (edipiana?) entre a Arquitetura Moderna e o Estado, ou seja, o poder, por exemplo? Seu surgimento no Brasil teria sido simplesmente fruto de “felizes coincidências” desse encontro caído dos céus entre Le Corbusier e o grupo carioca? O papel das vanguardas, de um Mario

e Oswald de Andrade, permanecendo sempre nos bastidores, não conta? Por que um Luiz Nunes, que corajosamente levanta em plena Sé de Olinda uma Caixa d'água de concreto e blocos, na linha Bauhaus, ficou tão esquecido, merecendo esparsos comentários de pé de página na literatura oficial? Se vivo, certamente teria quebrado a polarização do eixo São Paulo-Rio, com a postura de uma modernidade vibrante na rota Nordeste. Por que, ainda, se insiste em erigir modelos de uma linguagem congelada, como se os arquitetos fossem obrigados a ser, eternamente, pequenos Niemeyers? (WOLF; José, *In*: AU, n. 19, ago. set. 1988, p. 65)

Conclui-se, portanto, que as obras publicadas da arquitetura produzida no Nordeste acompanham as fases que se desdobram desde o cenário nacional. Estas são representativas de diferentes linhas estéticas, todavia permitem interpretações que rotulam um edifício de mais de uma maneira. Assim, são utilizadas para ilustrar várias interpretações a partir das intenções dos que falam. O repertório das revistas também não aponta para uma solução que possa ser tratada como identitária, pelo contrário, traz ao público uma diversidade de propostas totalmente compatível com esse período plural [na historiografia] do pós-cânon. Talvez o apagamento dessa região em muitos textos deva-se sobretudo às vicissitudes do processo de produção editorial do período, que não detinha as facilidades e recursos de hoje.

# REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez Editora, 2011 [1ª Edição: 1999].

BASTOS, Maria Alice Junqueira; ZEIN, Ruth Verde. **Brasil: arquiteturas após 1950**. São Paulo: Perspectiva, 2015 [1ª Edição: 2010].

BENETTI, Marcia; STORCH, Laura; FINATTO, Paulo. Jornalismo de revista, meta-acontecimento e dispositivo de autoridade. *In*: LEAL, Bruno; ANTUNES, Elton; VAZ, Paulo (org.). **Jornalismo e Acontecimento: percursos metodológicos**. Florianópolis: Insular, 2011.

BEZERRA, Taciana Souza. **Arquitetura do Nordeste: a produção regional a partir das revistas especializadas projeto e AU das décadas de 1980 e 1990**. 2018. 145 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Campus de Laranjeiras, Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2018.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução: Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CAMPÊLO, Magda. **Campus no Nordeste: Reforma Universitária de 1968**. 2012. 704 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

CAPES. **Cadernos de Indicadores Capes, 1998-2000**. Disponível em: <http://conteudoweb.capes.gov.br/conteudoweb/CadernoAvaliacaoServlet>. Acesso em: 23 ago. 2019.

CAPPELLO, Maria Beatriz; CAMPELLO, Maria de Fátima. Palavras e imagens impressas: as publicações periódicas especializadas e sua contribuição para a pesquisa em arquitetura e urbanismo. *In*: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO (ENANPARQ), 4., 2016, Porto Alegre. **Anais** [...]. Porto Alegre: PROPARG, 2016.

COX, Cristian Fernández. Modernidad apropiada modernidad revisada modernidad reencantada. **Summa**, Buenos Aires, n. 289, 1991.

DE CERTEAU, Michel. **A Escrita da história**. Tradução: Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982 [1ª Edição: 1975].

DEDECCA, Paula. **Sociabilidade, Crítica e Posição**: o meio arquitetônico, as revistas especializadas e o debate do moderno em São Paulo (1945-1965). 2012. 403p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

GONZAGA, Mario Guidoux. **A revista como curadoria**: Brasil e Argentina através das revistas Summa e Módulo. 2016. 235p. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Arquitetura/ PROPARG) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

GUERRA, Abílio (org.). **Textos fundamentais sobre história da arquitetura moderna brasileira** – parte I. São Paulo: Romano Guerra, 2010.

GUIMARAENS, Cêça. Arquitetura brasileira após-Brasília: redescobertas? (1). **Arquitextos**, São Paulo, n. 022.02, ano 02, mar. 2002. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.022/799>. Acesso em: 13 nov. 2019.

GUTIÉRREZ; Ramón. MENDÉZ, Patrícia. Las revistas de arquitectura en Latinoamérica: perfiles de su historia y apuntes para su futuro. **Bitácora Arquitectura**, Universidad Nacional Autónoma de México, n. 19, p. 6-11, 2009.

HENN, Ronaldo. **Pauta e notícia**: uma abordagem semiótica. Canoas: ULBRA, 1996.

INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL – DIRETORIA NACIONAL; FEDERAÇÃO NACIONAL DOS ARQUITETOS; DEPARTAMENTO DA BAHIA DO IAB; SINDICATO DE

ARQUITETOS NO ESTADO DA BAHIA. **Programa:** XI Congresso Brasileiro de Arquitetos Bahia 82. Salvador: ABC Gráfica Offset, 1982.156 p.

JANOTTI, Maria. O livro Fontes Históricas como fonte. PINSKY (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008 [1ª Edição: 2005].

LARA, Fernando. Espelho de fora: arquitetura brasileira vista do exterior. **Arquitextos**, São Paulo, n. 004.07, ano 01, set. 2000. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/01.004/986>. Acesso em: 16 jan. 2020.

LIERNUR, Jorge. Foreword. *In*: CARRANZA, Luis, LARA, Fernando. **Modern Architecture in Latin America: art, technology, and utopia**. Texas: The University of Texas, 2014.

MELO, José Marques de. **Jornalismo: Compreensão e Reinvenção**. São Paulo: Saraiva, 2009.

SANTOS, F. R. A colonização da terra do Tucujús. *In*: SANTOS, F. R. **História do Amapá, 1º grau**. 2. ed. Macapá: Valcan, 1994. p. 15-24.

MAGADAN, Telmo Borba. O Congresso Mundial do Egito. **AU: Arquitetura e Urbanismo**, São Paulo, n. 1, p. 3, jan. 1985.

MARQUES; Sônia. Arquitetura brasileira, uma pós-modernidade mais do que contraditória. **RUA**, EDUFBA, v. 5, n. 7, p. 82-95, 1999. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/rua/issue/view/350/showToc>. Acesso em: 24 jan. 2020.

MARAGNO, Gogliardo. **Quase 300 cursos de Arquitetura e Urbanismo no país: como tratar a qualidade com tanta quantidade? Algumas questões sobre qualificação e ensino no Brasil**. **Arquitextos**, São Paulo, n. 161.07, ano 14, out. 2013. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/14.161/4930>. Acesso em: 14 nov. 2019.

NESBITT, Kate (org.). **Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)**. Tradução Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2008 [1ª Edição: 1996].

OLIVEIRA, Nildo Carlos; WISSENBAACH, Vicente. A cidade impõe urgência na questão da reforma urbana. **Projeto**, São Paulo, n. 89, Carta do Editor, jul. 1986.

\_\_\_\_\_. A hora de repensar as questões da profissão. **Projeto**, São Paulo, n. 109, Carta do Editor, abr. 1988.

\_\_\_\_\_. A UIA chega aos 40 anos. Que fazer por ela?. **Projeto**, São Paulo, n. 111, Carta do Editor, jun. 1988.

PEDREIRA, Livia Álvares. Das Minas das cores. E da liberdade (um projeto na praça). **AU**, São Paulo, n. 4, p. 49-51, fev. 1986.

PEREIRA; Margareth. O rumor das narrativas: a história da arquitetura e do urbanismo do século XX no Brasil como problema historiográfico – notas para uma avaliação. **Redobra**, EDUFBA, n. 13, p. 201-247, 2014. Disponível em: [https://issuu.com/laboratoriourbano/docs/redobra\\_13\\_web\\_pages](https://issuu.com/laboratoriourbano/docs/redobra_13_web_pages). Acesso em: 22 jan. 2020.

PINI, Mário Sérgio. Ampliando o espaço da constituinte. **AU**, São Paulo, n. 3, Editorial, nov. 1985.

PROJETO (org.). **Arquiteturas no Brasil/ Anos 80**. São Paulo: Projeto, 1988.

\_\_\_\_\_. **Catálogo Mostra da Arquitetura Brasileira Atual, 1983**. São Paulo: Projeto, 1983. 127 p.

SALVATORI, Elena. Arquitetura no Brasil: ensino e profissão. **Arquitetura Revista**, Rio Grande do Sul, n. 2, p. 52-77, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/arquitetura/article/view/5471>. Acesso em: 15 jul. 2017.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2011 [1ª Edição: 2003].

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. São Paulo: Edusp, 2014 [1ª Edição: 1998].

\_\_\_\_\_; CREMA, Adriana; GAVA, Maristela. Revistas de arquitetura, urbanismo, paisagismo e design: a divergência de perspectivas. **Ci. Inf.**, Brasília, n. 3, v. 32, p. 120-127, set./dez. 2003. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.057/506>. Acesso em: 09 jul. 2017.

SPADONI, Francisco. **A transição do moderno**: arquitetura brasileira nos anos de 1970. 2003. 290 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

TINEM, Nelci. **O alvo do olhar estrangeiro**: o Brasil na historiografia da arquitetura moderna. João Pessoa: Editora Universitária, 2006 [1ª Edição: 2002].

\_\_\_\_\_; COTRIM, Márcio; VIDAL, Wynna. Perspectivas contemporâneas dos periódicos de arquitetura como fonte e método: historiografia, projeto e teoria. *In*: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO (ENANPARQ), 5., 2018, Salvador. **Anais** [...]. Salvador: ADUFBA, 2018.

ZEIN, Ruth Verde. Nos últimos anos, surgem os novos caminhos e tendências. **Projeto**, São Paulo, n. 53, p. 86-126, jul. 1983.

\_\_\_\_\_. O futuro do passado, ou as tendências atuais. **Projeto**, São Paulo, n. 104, p. 87-114, out. 1987.

WAISMAN, Marina. **O interior da história**: historiografia arquitetônica para uso de latino-americanos. Tradução Anita Di Marco. São Paulo: Perspectiva, 2013 [1ª Edição: 1990].

\_\_\_\_\_. A crítica hoje, no mundo. Tradução: Ruth Verde Zein. **Projeto**, São Paulo, n. 71, p. 96-98, jan. 1985 [1ª Publicação: Revista C.A., n. 35, ago. 1983].

\_\_\_\_\_. O centro se desloca para as margens. Tradução: Anita Regina Di Marco. **Projeto**, São Paulo, n. 129, p. 73-77, jan. 1990.

WISSENBACH, Vicente. Intercâmbio latino-americano começa com Semana de Arquitetura de Buenos Aires. **Projeto**, São Paulo, n. 53, Carta do Editor, jul. 1983.

WOLF, José. Um novo horizonte. **AU**, São Paulo, n. 4, p. 8-15, fev. 1986.

# APÊNDICES

TABELA 1: PROJETOS DE ARQUITETURA NO NORDESTE PUBLICADOS NA REVISTA PROJETO DE 1985 A 1992.

ANO	EDIÇÃO	SEÇÃO	PROGRAMA	PATRIMÔNIO	NATUREZA DO PROJETO	ARQUITETO(S)	ESTADO	Nº DE PÁGINAS
1985	72	Postos de Gasolina	Posto de Gasolina		Comercial/ Escritórios	Francisco S. de Lima Jr.	RN	1
1985	72	Postos de Gasolina	Posto de Gasolina		Comercial/ Escritórios	Francisco S. de Lima Jr.	RN	2
1985	74	Terminais/ Trens	Trem Urbano		Transporte	Jorge D. Debiagi	PE	6
1985	76	Aço na Arquitetura	Casa do Comércio		Obras Públicas	TGF Arquitetos	BA	2
1985	77	Edifício Industrial	Fábrica		Industrial	Acácio G. Borsói, Janete Costa, Rosa Aroucha	PE	2
1985	77	Hotéis	Hotel		Hotéis/ Pousadas	Croce, Afíalo e Gasperini Arquitetos Ltda.	SE	0,25
1985	77	Hotéis	Hotel		Hotéis/ Pousadas	Croce, Afíalo e Gasperini Arquitetos Ltda.	RN	0,75
1985	77	Hotéis	Hotel		Hotéis/ Pousadas	Mário Aloísio, Ovídio Pascual	AL	2
1985	78	Edifícios Administrativos	Sede Banco		Institucional	Antônio Caramelo, Carlos Moutinho, Ana C. Vilas Boas	PE	4
1985	79	Habitação	Conjunto Habitacional		Habitação Social	Acácio G. Borsói, Marco A. G. Borsói	PE	4
1985	82	Edifícios Culturais	Centro Cultural		Cultural	Manoel C. de Carvalho	MA	1
1986	83	Painel	Escola de Música/ Clube		Cultural	Severiano Porto, Mário E. Ribeiro, Eladio Dieste	CE	3
1986	84	Arquitetura Bancária	Agência Bancária		Institucional	Luiz H. de Carvalho, Maria L. V. Porto, Neilton Dórea	BA	1
1986	90	Edifícios Industriais	Complexo Industrial		Industrial	Luiz Fisberg	SE	6
1986	91	Residências	Casa		Residencial Unifamiliar	Cydo R. da Silveira, Amélia M. B. Gama	PE	2
1986	92	Obras Públicas	Prefeitura		Obras Públicas	João Filgueiras Lima (Lelé)	BA	4
1986	93	Lojas/ Show-rooms	Shopping	X	Comercial/ Escritórios	Manoel C. de Carvalho	MA	2
1986	93	Edifícios Administrativos	Centro Administrativo		Institucional	Nasser Hissa Arquitetos Associados	CE	2
1986	94	Arquitetura dos Transportes	Terminal		Transporte	Borelli & Merigo	CE	0,5
1987	95	Edifícios Comerciais	Casa da Indústria		Obras Públicas	Atelier Integrado de Arquitetura	CE	3
1987	103	Arquitetura	Prefeitura		Obras Públicas	Mário Aloísio, Ovídio Pascual	AL	2
1987	104	Arquitetura	Hospital		Hospitalar	João Filgueiras Lima (Lelé)	BA	2
1987	104	Arquitetura	Hospital		Hospitalar	Augusto Alves Filho, Maria Aparecida Motta Sá, José Augusto M. Pessoa	CE	2
1987	105	Arquitetura	Hotel		Hotéis/ Pousadas	Luiz Fiuza, Ione Fiuza	MA	3
1987	106	Arquitetura	Igreja		Interiores	Frank Svensson	PE	1
1987	106	Arquitetura	Casa		Residencial Unifamiliar	Frank Svensson	PE	0,5
1987	106	Arquitetura	Estação de Bomba		Outros	Frank Svensson	PE	0,5
1987	106	Arquitetura	Alojamento		Outros	Frank Svensson	PE	0,5
1987	106	Arquitetura	Escola		Educacional	Frank Svensson	PE	0,5
1988	107	Jornal Projeto	Terminal Turístico	X	Urbano	Luiz Américo Gaudenzi	PE	0,5
1988	108	Arquitetura	Shopping		Comercial/ Escritórios	André Sá, Francisco Mota, João C. Campos	BA	2
1988	108	Arquitetura	Centro Empresarial		Comercial/ Escritórios	Ricardo D'Albuquerque	BA	3
1988	108	Prancheta	Hotel		Hotéis/ Pousadas	Antônio Caramelo, Barbosa Jr.	BA	2
1988	109	Arquitetura	Ginásio de Esportes		Lazer/ Esportivo	Sérgio Teperman Arquitetos Associados	AL	1
1988	110	Arquitetura	Edifícios de escritórios		Comercial/ Escritórios	Luiz Fiuza, Ione Fiuza	CE	3
1988	110	Arquitetura	Edifício Comercial		Comercial/ Escritórios	Cátia Avellar, Glícia Fernandes, Roberto Montezuma	MA	3
1988	111	Arquitetura	Multifamiliar		Residencial Multifamiliar	Mário Aloísio, Ovídio Pascual	AL	2
1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Centro de Convenções		Obras Públicas	Joel Ramalho Jr., Leonardo T. Oba, Guilherme Z. Neto	PE	1
1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Espaço Cultural		Cultural	Sérgio Bernardes	PB	1
1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Clube de Funcionários		Lazer/ Esportivo	Mário G. Roque, Jaime Leitão	CE	2
1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Hotel		Hotéis/ Pousadas	José Goiana Leal	PE	0,5
1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Hotel		Hotéis/ Pousadas	Mário Aloísio, Ovídio Pascual	AL	0,5
1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Clube e Escola		Cultural	Severiano Porto, Mário E. Ribeiro, Eladio Dieste	CE	1
1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Estação Metroviária		Transporte	Vital Pessoa de Melo, Reginaldo Esteves	PE	0,5
1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Estação Metroviária		Transporte	Vital Pessoa de Melo, Reginaldo Esteves	PE	0,5
1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Terminal Rodoviário		Transporte	Mário Aloísio, Leonardo Bittencourt, Eduardo Assumpção	AL	1
1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Prefeitura		Obras Públicas	João Filgueiras Lima (Lelé)	BA	1
1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Assembleia Legislativa		Obras Públicas	Acácio G. Borsói, Janete Costa, Marco A. G. Borsói	PI	1
1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Palácio da Justiça		Obras Públicas	Roberto M. Castelo, Nearco B. G. de Araújo, Maria do Carmo Bezerra	CE	0,3
1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Agência Bancária		Institucional	Nélson S. e Neves, José Alberto de Almeida, Antônio Carlos Campelo, Carlos Alberto Faria	CE	0,5
1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Agência Bancária		Institucional	Jerônimo da C. Lima, Carlos Fernando Pontual	CE	0,5
1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Agência Bancária		Institucional	Wesson M. Nóbrega, Marcos A. Thé Mota, Burt Marx	CE	2
1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Casa do Comércio		Obras Públicas	Oton Gomes, Fernando Frank	BA	1
1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Casa da Indústria		Obras Públicas	Wandenkolk Tinoco, Pedro Montenegro	PE	1
1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Edifícios de escritórios		Comercial/ Escritórios	Fernando Peixoto	BA	1
1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Restauração Mercado	X	Comercial/ Escritórios	Paulo Ormindó	BA	1
1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Multifamiliar		Residencial Multifamiliar	Luiz Fiuza, Ione Fiuza	CE	0,15
1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Multifamiliar		Residencial Multifamiliar	Fernando Peixoto	BA	0,15
1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Multifamiliar		Residencial Multifamiliar	José Nasser Hissa, Francisco Nasser Hissa	CE	0,5
1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Multifamiliar		Residencial Multifamiliar	Fernando Peixoto	BA	0,15
1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Multifamiliar		Residencial Multifamiliar	Jerônimo da C. Lima, Carlos Fernando Pontual	PE	0,15
1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Multifamiliar		Residencial Multifamiliar	Acácio G. Borsói, Marco A. G. Borsói	PE	0,15
1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Multifamiliar		Residencial Multifamiliar	Mário G. Roque, Jaime Leitão	CE	0,15
1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Multifamiliar		Residencial Multifamiliar	Jerônimo da C. Lima, Carlos Fernando Pontual	PE	0,15
1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Complexo Industrial		Industrial	Hans Broos	PE	1
1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Fábrica		Industrial	Acácio G. Borsói, Janete Costa, Rosa Aroucha	PE	1
1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Passarelas		Urbano	João Filgueiras Lima (Lelé)	BA	1
1988	115	Arquitetura	Casa		Residencial Unifamiliar	Daniel Colina	BA	3
1988	115	Arquitetura	Casa		Residencial Unifamiliar	Fernando Peixoto	BA	2
1988	115	Arquitetura	Casa		Residencial Unifamiliar	Caramelo Arquitetos Associados	BA	2
1988	115	Arquitetura	Casa		Residencial Unifamiliar	Firmo de Azevedo, Carl von Hanenschild	BA	2
1988	115	Arquitetura	Casa		Residencial Unifamiliar	Roberto Viveiros	BA	3

1988	115	Arquitetura	Casa		Residencial Unifamiliar	Luiza Maria do P. Valladares, Lourenço do P. Valladares	BA	2
1988	115	Arquitetura	Casa		Residencial Unifamiliar	Luiz Humberto (Neilton Dórea e Arquitetos Ltda)	BA	2
1988	115	Prancheta	Casa		Residencial Unifamiliar	Ruben W. Filho, David P. Guerra	AL	1
1988	117	Arquitetura	Hotel		Hotéis/ Pousadas	Mário Aloísio, Ovídio Pascual	AL	2
1988	117	Arquitetura	Hotel		Hotéis/ Pousadas	José Goiana Leal	PE	3
1988	117	Arquitetura	Hotel		Hotéis/ Pousadas	Enrique Alvarez, Rodrigo Pontual	BA	3
1988	117	Arquitetura	Multifamiliar		Residencial Multifamiliar	Ruben Wanderley Filho	AL	0,75
1989	120	Arquitetura	Clube		Lazer/ Esportivo	Mário G. Roque, Jaime Leitão	CE	3
1989	122	Arquitetura	Multifamiliar		Residencial Multifamiliar	Acácio G. Borsói, Marco A. G. Borsói	PE	3
1989	122	Arquitetura	Multifamiliar		Residencial Multifamiliar	Acácio G. Borsói, Marco A. G. Borsói	PE	3
1989	122	Concurso Opera Prima	Terminal Turístico		Cultural	Amélia de F. Panet	PB	2
1989	122	Concurso Opera Prima	Creche		Educacional	Luciana Maria C. F. Nascimento, Márcia Cristina F. da Silva	AL	2
1989	122	Concurso Opera Prima	Creche		Educacional	Mônica C. Schmid	CE	2
1989	122	Concurso Opera Prima	Escola de Arquitetura		Educacional	Pedro A. Boaventura Filho	CE	2
1989	123	Arquitetura	Sede Empresa		Institucional	Jerônimo da C. Lima, Carlos Fernando Pontual	CE	3
1989	125	Arquitetura	Casa		Residencial Unifamiliar	Cátia Avellar, Glícia Fernandes, Roberto Montezuma	AL	2
1989	125	Arquitetura	Casa		Residencial Unifamiliar	Gerson Castelo Branco	PI	2
1989	125	Arquitetura	Casa		Residencial Unifamiliar	Carmen Mayrink, Vera Pires	PE	2
1989	126	Arquitetura	Agência Bancária		Institucional	Abrahão Sanovicz	PE	4
1989	126	Arquitetura	Núcleo de Mineração		Urbano	Joaquim Guedes e Associados	BA	1
1989	127	Arquitetura	Revendedora		Comercial/ Escritórios	Jerônimo da C. Lima, Carlos Fernando Pontual	PE	3
1989	128	Arquitetura	Hotel		Hotéis/ Pousadas	Rui Cores	BA	4
1989	128	Arquitetura	Hotel		Hotéis/ Pousadas	Gerson Castelo Branco	RN	3
1989	128	Arquitetura	Resort		Hotéis/ Pousadas	José Goiana Leal	PE	2
1989	128	Arquitetura	Hotel		Hotéis/ Pousadas	Mário Aloísio, Ovídio Pascual	AL	2
1990	130	Não Identifica	Restaurado Mercado	X	Comercial/ Escritórios	Paulo Ormindo	BA	6
1990	130	Não Identifica	Shopping		Comercial/ Escritórios	André Sá, Francisco Mota	SE	2
1990	130	Jornal Projeto	Centro de Integração		Cultural	Carlos Bunett, Geraldo Fonseca	MA	0,5
1990	131	Não Identifica	Assembleia Legislativa		Obras Públicas	Borsói Arquitetos Associados	PI	4
1990	133	Lina Bo Bardi	Recuperação Centro	X	Urbano	Lina Bo Bardi, Marcelo Ferraz, Marcelo Suzuki	BA	3
1990	133	Lina Bo Bardi	Restaurante	X	Comercial/ Escritórios	Lina Bo Bardi	BA	4
1990	133	Edifícios Residenciais	Multifamiliar		Residencial Multifamiliar	Luiz Humberto, Neilton Dórea	BA	1
1990	133	Edifícios Residenciais	Multifamiliar		Residencial Multifamiliar	Borsói Arquitetos Associados	PE	1
1990	133	Opera Prima	Inventário Casario	X	Cultural	Anita Medeiros, Dulce de Albuquerque	RN	2
1990	136	Hotéis	Hotel		Hotéis/ Pousadas	José Antônio Jacovas, Marco Antônio Flores, Eduardo Etcheverry, Juliano Francisco	MA	0,5
1990	136	Hotéis	Hotel		Hotéis/ Pousadas	Fernando Peixoto	SE	0,5
1990	136	Hotéis	Hotel		Hotéis/ Pousadas	Paulo Casé, Luz Acioli (L. A. Rangel A A Ltda)	CE	1
1990	136	Especial	Centro Comercial		Comercial/ Escritórios	Aloísio Figueiredo, Ana Eugênia Figueiredo	PE	2
1990	136	Especial	Casa		Residencial Unifamiliar	Luiz Humberto, Neilton Dórea	BA	0,6
1990	136	Especial	Casa		Residencial Unifamiliar	Luiz Humberto, Neilton Dórea	BA	0,4
1990	137	Arquitetura Religiosa	Igreja		Religioso	Carmen Mayrink, Vera Pires, Clara Calabria, James Severson, Liza Stacishin	PE	3
1990	137	Jornal Projeto	Restaurado Teatro	X	Cultural	Humberto Rodrigo	CE	1
1991	138	Arquitetura para o Lazer	Parque Aquático		Lazer/ Esportivo	Gerson Castelo Branco	PI	4
1991	139	Concursos	Tribunal Regional		Obras Públicas	Jerônimo da C. Lima, Carlos Fernando Pontual	PE	0,5
1991	139	Concursos	Tribunal Regional		Obras Públicas	Vital Pessoa de Melo	PE	0,25
1991	139	Concursos	Tribunal Regional		Obras Públicas	José Goiana Leal	PE	0,25
1991	139	Concursos	Tribunal Regional		Obras Públicas	Sena, Caldas e Polito	PE	0,25
1991	139	Concursos	Tribunal Regional		Obras Públicas	Alex Lomachinsky	PE	0,25
1991	139	Concursos	Tribunal Regional		Obras Públicas	Marco A. G. Borsói	PE	0,25
1991	139	Concursos	Tribunal Regional		Obras Públicas	Alexandre Castro e Silva	PE	0,25
1991	139	Concursos	Tribunal Regional		Obras Públicas	Carmem Mairynck	PE	0,4
1991	140	Hotéis-Residência	Apart-Hotel		Hotéis/ Pousadas	Delberg Ponce de Leon	CE	2
1991	140	Jornal Projeto	Casa da Indústria		Institucional	Gustavo Martins Marques	MA	1
1991	141	Teatro	Restaurado Teatro	X	Cultural	Ismael Geraldo Solé, Antônio Carlos Castro	CE	8
1991	141	Edifícios Residenciais	Multifamiliar		Residencial Multifamiliar	Arnaldo Mariano, Roberto Viveiros	BA	1,5
1991	141	Edifícios Residenciais	Multifamiliar		Residencial Multifamiliar	Delberg Ponce de Leon, Fausto Nilo Costa Jr. (Delberg Arquitetos Associados)	CE	2
1991	142	Especial	Plano Urbano	X	Urbano	Herbert Rocha	CE	2
1991	142	Especial	Centro Cultural	X	Cultural	Patrícia Maria Prado	CE	2
1991	144	Edifícios Culturais	Centro Cultural	X	Cultural	Paulo Ormindo	BA	5
1991	147	Habitações Unifamiliares	Casa		Residencial Unifamiliar	Gerson Castelo Branco	PI	4
1992	149	Lina Bo Bardi	Recuperação Centro	X	Urbano	Lina Bo Bardi, Marcelo Ferraz, Marcelo Suzuki	BA	3
1992	149	Lina Bo Bardi	Restaurante	X	Comercial/ Escritórios	Lina Bo Bardi	BA	4
1992	151	Hotéis e Flats	Hotel		Hotéis/ Pousadas	José Goiana Leal	PE	2
1992	152	Edifícios Residenciais	Multifamiliar		Residencial Multifamiliar	Acácio G. Borsói, Marco A. G. Borsói	PE	2
1992	154	Edifícios Bancários/ Administrativos	Agência Bancária	X	Institucional	Benedito Lima de Toledo, Luiz Arthur Navarrete, René Carlos Guglielmetti	MA	2
1992	154	Edifícios Bancários/ Administrativos	Agência Bancária	X	Institucional	Benedito Lima de Toledo	MA	2
1992	155	Residência do Arquiteto	Casa		Residencial Unifamiliar	Paulo Ormindo, Ester Zilda de Azevedo	BA	2
1992	155	Residência do Arquiteto	Casa		Residencial Unifamiliar	Gerson Castelo Branco	CE	3
1992	155	Residência do Arquiteto	Casa		Residencial Unifamiliar	Jeanne Brocos Pires, Marco A. G. Borsói	PE	2
1992	158	Patrimônio Histórico	Restaurado Teatro	X	Cultural	Antônio Carlos do Amaral e Silva	PE	4
1992	158	Arquitetura do Lazer	Hotel		Hotéis/ Pousadas	Marco Antônio da Rocha Vieira	AL	2

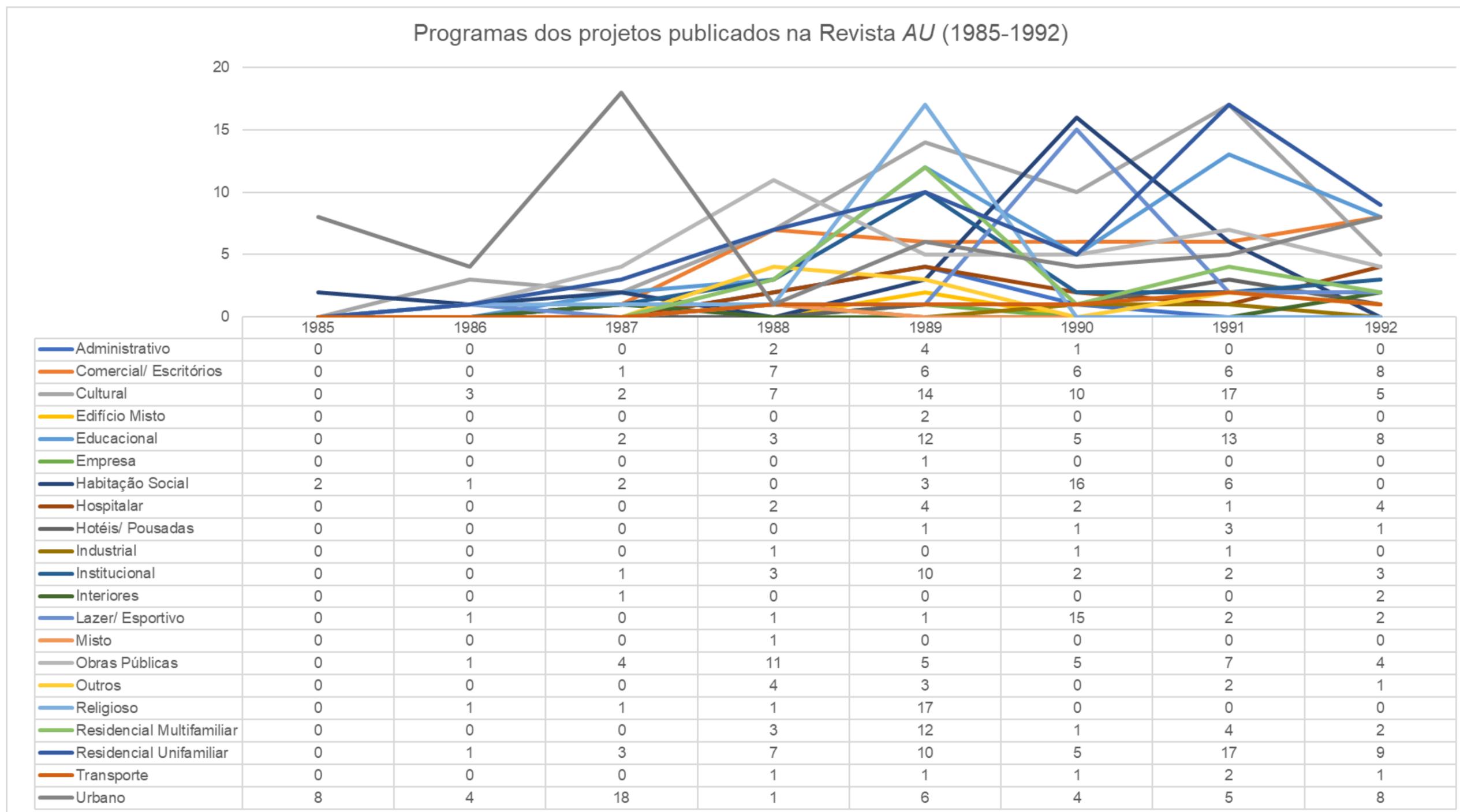
FONTE: Elaboração própria.

TABELA 2 : PROJETOS DE ARQUITETURA NO NORDESTE PUBLICADOS NA REVISTA AU DE 1985 A 1992.

ANO	EDIÇÃO	SEÇÃO	PROGRAMA	PATRIMÔNIO	NATUREZA DO PROJETO	ARQUITETO(S)	ESTADO	Nº DE PÁGINAS
1987	11	Canteiro	Prefeitura		Obras Públicas	João Filgueiras Lima (Lelé)	BA	1
1987	11	Canteiro	Abrigo (Ponto de ônibus)		Obras Públicas	João Filgueiras Lima (Lelé)	BA	0,75
1987	11	Projeto/ Projetos	Escada		Interiores	Lina Bo Bardi	BA	3
1988	18	Não Identificada	Projeto Cutural	X	Cultural	Lina Bo Bardi	BA	10
1988	18	Não Identificada	Centro de Lançamento		Outros	Carlos Antunez; Carmem Thais Yabutti Furquim de Almeida; David Trad Neto	MA	14
1988	20	Não Identificada	Apartamentos		Residencial Multifamiliar	José N. Hissa; Francisco N. Hissa	CE	2
1988	20	Não Identificada	Empresarial		Comercial/ Escritórios	José N. Hissa; Francisco N. Hissa	CE	2
1988	20	Não Identificada	Apartamentos		Residencial Multifamiliar	Luiz Fiuza; Ione Fiuza	CE	1
1988	20	Não Identificada	Centro comercial		Comercial/ Escritórios	Luiz Fiuza; Ione Fiuza	CE	2
1988	20	Não Identificada	Apartamentos		Residencial Multifamiliar	Guerra Roque	CE	0,7
1988	20	Não Identificada	Clube		Lazer/ Esportivo	Guerra Roque; Jayme Leitão	CE	1,7
1988	20	Não Identificada	Posto médico		Hospitalar	Guerra Roque	CE	0,6
1988	20	Não Identificada	Barraca de praia		Outros	Guerra Roque	CE	0,4
1989	22	Escritório	Conjunto Habitacional		Residencial Multifamiliar	Carmem Mayrinck; Vera Pires; A. José do Amaral	PE	1,4
1989	22	Escritório	Edifício Residencial		Residencial Multifamiliar	Carmem Mayrinck; Vera Pires; Clara Calabria	PB	0,9
1989	22	Escritório	Casa		Residencial Unifamiliar	Carmem Mayrinck; Vera Pires; Clara Calabria	PB	1
1989	23	Não Identificada	Revitalização de Área	X	Urbano	Amélia Reynaldo; Vital Pessoa; Ivandro Sales; Maria Paula; Murilo Oliveira; Maria José Marques; Vera Martins; Antônio Montenegro; Sílvia Coimbra	PE	4
1989	25	Escritório	Edifício Comercial		Comercial/ Escritórios	Luiz Humberto, Neilton Dórea e Arquitetos	BA	2
1989	25	Escritório	Yate Clube		Lazer/ Esportivo	Luiz Humberto, Neilton Dórea e Arquitetos	BA	2
1989	26	Não Identificada	Hotel		Hotéis/ Pousadas	Paulo Casé; Luiz Acioli	MA	6
1989	26	Escritório	Centro Empresarial		Comercial/ Escritórios	Jerônimo da Cunha Lima Filho; Carlos Fernando Pontual (J & P Arquitetos)	PE	1,25
1989	26	Escritório	Multifamiliar		Residencial Multifamiliar	Jerônimo da Cunha Lima Filho; Carlos Fernando Pontual (J & P Arquitetos)	PE	2
1990	30	Escritório	Centro Estético		Comercial/ Escritórios	Alexandre de Castro e Silva	PE	2
1991	35	Escritório	Multifamiliar		Residencial Multifamiliar	Fernando Peixoto	BA	2
1991	36	Edifícios	Multifamiliar		Residencial Multifamiliar	Acácio Gil Borsói; Marco Antônio Gil Borsói	PE	4
1991	37	Obra/ Obras	Centro de Atendimento		Hospitalar	Expedito de Arruda Arquitetos	PB	3
1991	39	Escritório	Concessionária		Comercial/ Escritórios	Alexandre Feu Rosa	BA	1
1992	41	Obra/ Obras	Casa Estúdio		Residencial Unifamiliar	José Albano	CE	4
1992	43	Obra/ Obras	Hospital		Hospitalar	João Filgueiras Lima (Lelé); Escritório Bógea & Perez	MA	6
1992	45	Arquitetura com Aço/ Aço	Centro Empresarial		Institucional	Ovidio Pascual Maestre; Germana Silva Pascual	AL	5

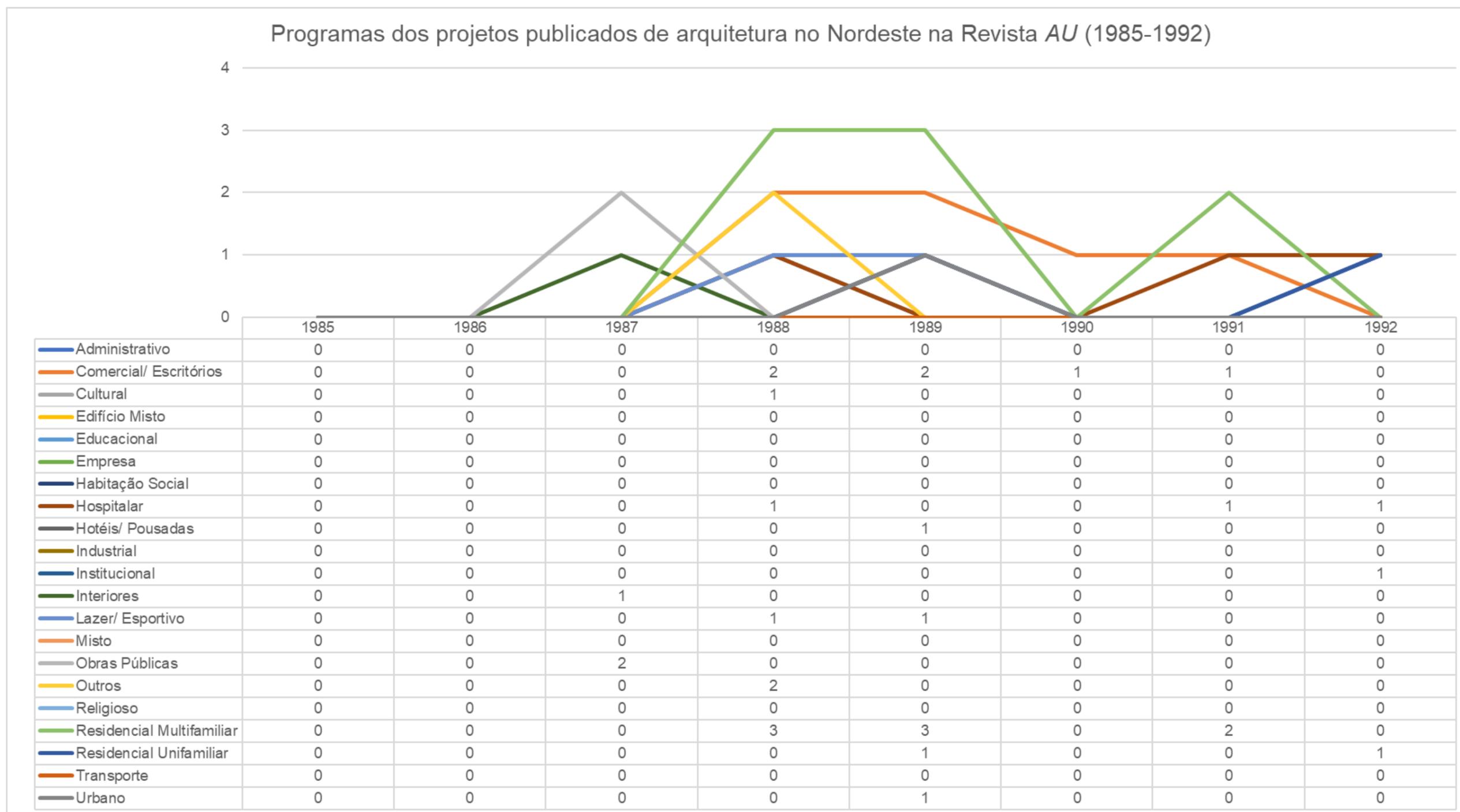
FONTE: Elaboração própria.

GRÁFICO 1: PROGRAMAS DOS PROJETOS DE ARQUITETURA PUBLICADOS NA REVISTA AU DE 1985 A 1992.



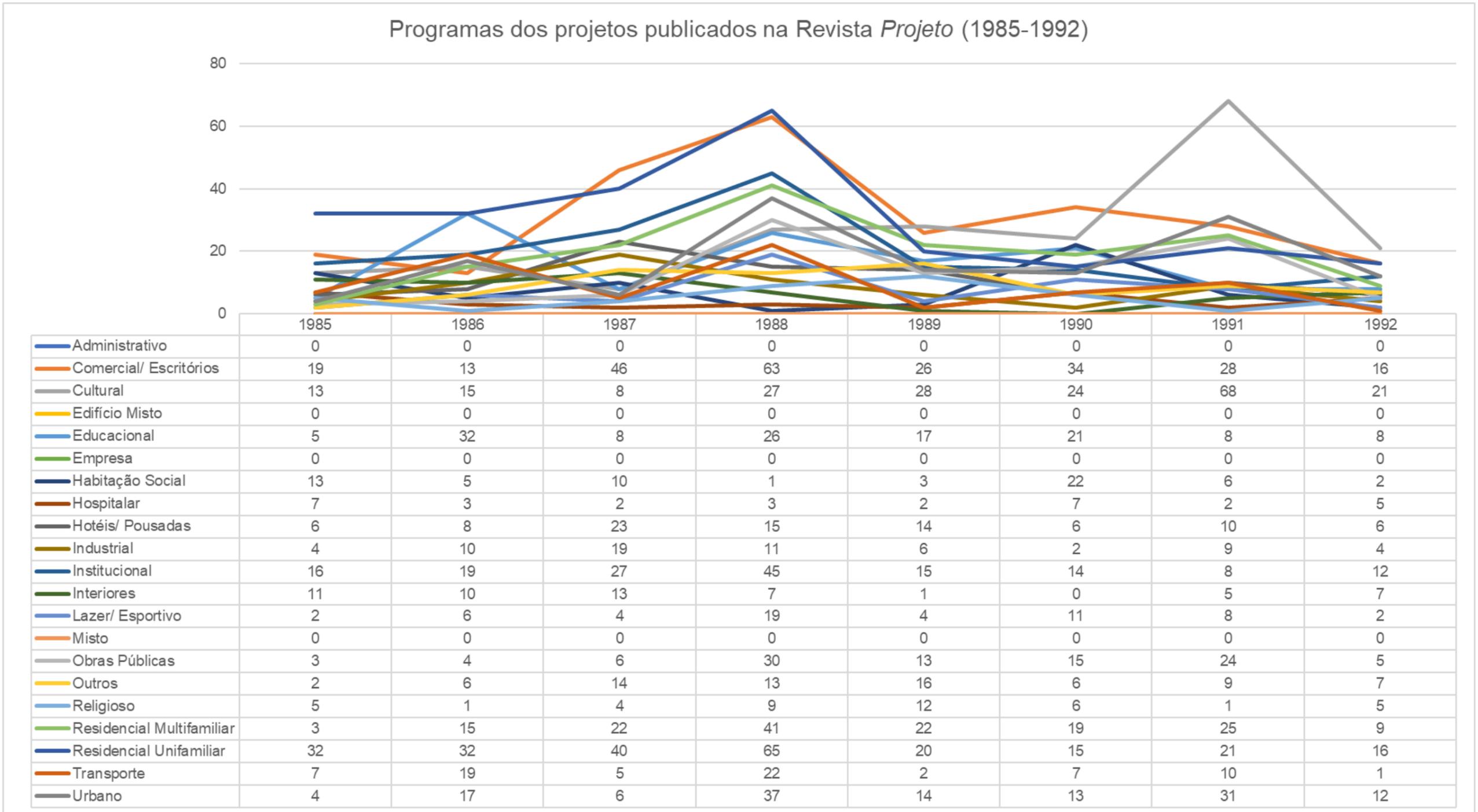
FONTE: Elaboração própria.

GRÁFICO 2: PROGRAMAS DOS PROJETOS DE ARQUITETURA NO NORDESTE PUBLICADOS NA REVISTA AU DE 1985 A 1992.



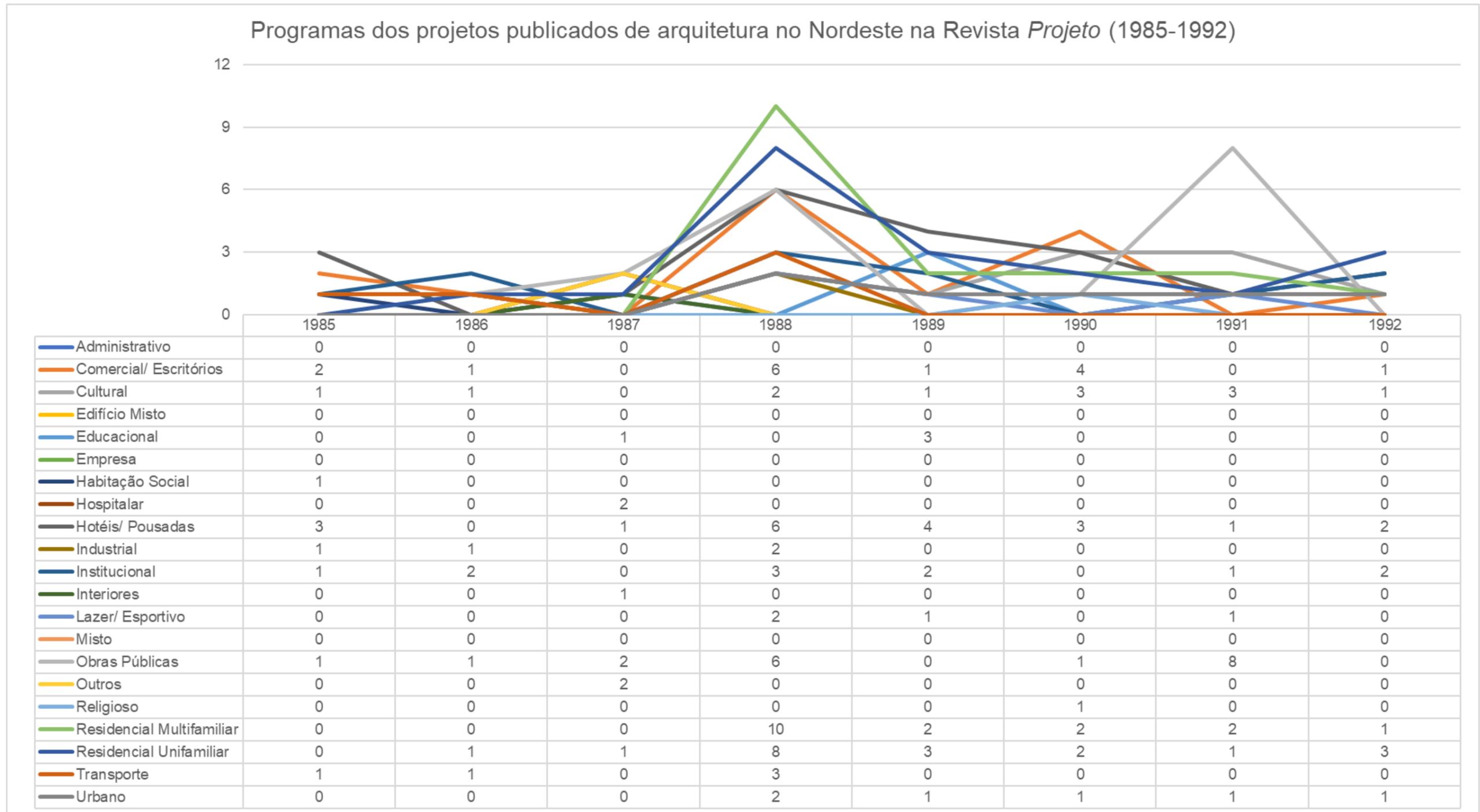
FONTE: Elaboração própria.

GRÁFICO 3: PROGRAMAS DOS PROJETOS DE ARQUITETURA PUBLICADOS NA REVISTA *PROJETO* DE 1985 A 1992.



FONTE: Elaboração própria.

GRÁFICO 4: PROGRAMAS DOS PROJETOS DE ARQUITETURA NO NORDESTE PUBLICADOS NA REVISTA *PROJETO* DE 1985 A 1992.



FONTE: Elaboração própria.